

Sexta-feira  
13 Março 2009  
[www.ipsilon.pt](http://www.ipsilon.pt)

P  
Público

*Clint Eastwood Paul Schrader Boss AC Peter Brook Paul Thek*



NO GABINETE DO ESTILO DO PÓZ PARA INTERVENIR NA SAÚDE DO CORPO DO PÚBLICO E NÃO POR SEU VANTAGEM SEMPRE.

**O humor português**  
**na ponta da língua**

**ípsilon**

**Espaço Público**

Este espaço vai ser seu. Que filme, peça de teatro, livro, exposição, disco, álbum, canção, concerto, DVD viu e gostou tanto que lhe apeteceu escrever

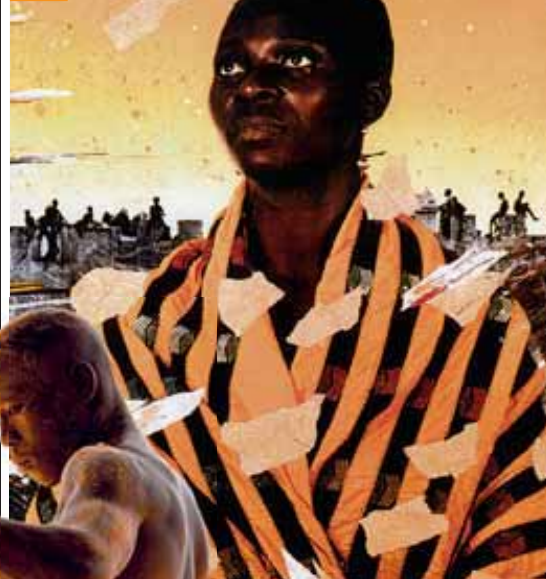
sobre ele, concordando ou não concordando com o que escrevemos? Envie-nos uma nota até 500 caracteres para [ippsilon@publico.pt](mailto:ippsilon@publico.pt). E nós depois publicamos.

## Negritude, Nollywood e outras histórias do cinema africano no São Jorge

Se a literatura africana foi fundamental nos anos 60, durante as lutas pela independência, hoje é o cinema que está a ajudar a pensar o que é África - é deste princípio que parte o maliano Manthia Diawara, professor de estudos africanos da New York University, e comissário (com Lydie Diakhaté) do ciclo "Novos Cinemas de África" com o qual, a partir de dia 27, o novo centro cultural africano em Lisboa, [Africa.cont](http://Africa.cont), vai iniciar as suas actividades. O [Africa.cont](http://Africa.cont) ainda não tem instalações definitivas (existe um projecto do arquitecto britânico David Adjaye para uma zona entre a Rua das Janelas Verdes e a Avenida 24 de Julho, em Lisboa, mas as obras ainda não começaram), por isso o ciclo vai acontecer no

Cinema São Jorge, em quatro fins-de-semana, entre 27 de Março e 17 de Maio. Inicialmente programado para a Haus der Kulturen der Welt, em Berlim, onde passou no final de 2008, o ciclo, agora adaptado ao contexto português, divide-se em quatro secções (que correspondem aos quatro fins-de-semana): "Cinema africano: pós-colonialismo e políticas estéticas de representação", que mostra como o fim das utopias nacionalistas se reflectiu nos filmes feitos por africanos; "África ao Microscópio", mais centrado na complexa relação com o Ocidente; "Nollywood, o nascimento de um cinema indígena", sobre o fenómeno da indústria do vídeo na Nigéria; e "Negritude", sobre a estética do movimento da Negritude sobretudo no cinema senegalês. A acompanhar cada um dos módulos haverá um painel de discussão sobre o respectivo tema, com realizadores e documentaristas como Zola Maseko, ZéZé Gamboa, Jean-Pierre Bekolo, Balufu Bakupa-Kanyinda, Kamel Chérif, John Akomfrah, Claire Andrade Watkins, e outros pensadores da questão africana, como o curador e crítico de arte sudanês Salah Hassan ou Okwui Enwezor, vice-presidente do San Francisco Art Institute e curador adjunto do International Center of Photography de Nova Iorque.

"MortuNega", de Flora Gomes. Em baixo, "África L'Apell des Arenes", de Cheikh Ndiaye: o cinema hoje está a ajudar a pensar África



## Andy Warhol é, de caras, o americano desta temporada em Paris

Várias capas com Andy Warhol, várias caras de Andy Warhol, enchem os quiosques de revistas e jornais e é o assunto da temporada cultural parisiense: a exposição, no Grand Palais, "O grande mundo de Andy Warhol", é inaugurada a 18 de Março e está aberta até 13 de Julho. Ou seja: caras. Programa expositivo: rostos de presidentes (Carter, Gerald Ford), estrelas do espectáculo e do desporto (Stallone, Eastwood, Debbie Harry, Nico, Grace Jones, Pelé), da arte (Julian Schnabel, Warhol, ele próprio), enfim, aristocratas, "socialites". São retratos pintados nos anos 1960, 1970 e 1980, é a vertente de Warhol como "retratista da corte", a quem se encomendava (às vezes pagando 25 mil dólares) uma cara pintada com cores eléctricas, encomenda essa que permitia a Warhol manter a máquina da sua Factory em andamento e financiar outros projectos mais difíceis. Tudo começou em 1962, a seguir à morte de Marilyn

### Sumário

**Humor português** 4  
E isso existe?

**Clint Eastwood** 12  
O último hurrah

**Paul Schrader** 16  
Diz que realizou o seu filme mais arriscado, "Adam Renascido"

**Boss AC** 18  
"Preto no Branco" é o título e nele Boss AC não procura sucesso, procura respeito

**Peter Brook** 24  
No quarto escuro com Samuel Beckett

**Paul Thek** 28  
O regresso de um gigante esquecido

### Ficha Técnica

**Director** José Manuel Fernandes  
**Editor** Vasco Câmara, Joana Gorjão Henriques (adjunta)  
**Conselho editorial** Isabel Coutinho, Inês Nadais, Óscar Faria, Cristina Fernandes, Vítor Belanciano  
**Design** Mark Porter, Simon Esterson, Kuchar Swara  
**Directora de arte** Sónia Matos  
**Designers** Ana Carvalho, Carla Noronha, Jorge Guimarães, Mariana Soares  
**Editor de fotografia** Miguel Madeira  
**E-mail:** [ippsilon@publico.pt](mailto:ippsilon@publico.pt)

# Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em [www.ipsilon.pt](http://www.ipsilon.pt). É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

**"O grande mundo de Andy Warhol", no Grand Palais, em Paris, a partir de dia 18**



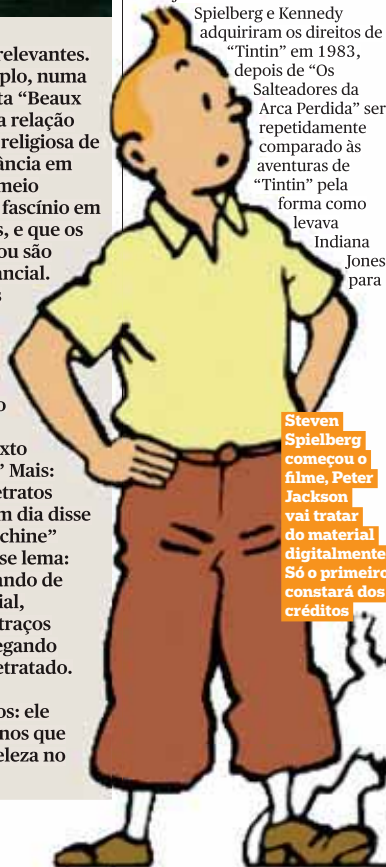
Monroe, com o retrato de Marilyn. Só acabou em 1987, com a morte de Warhol. Entre um e outro momento, Warhol pintou muita gente por encomenda. O processo era o mesmo: a partir de uma polaroide ou de uma foto tiradas na Factory (que se transformava em "passerelle" de celebridades) ou de uma foto de arquivo, a preto e branco (no caso dos mortos, como Marilyn), devidamente reenquadradas para as caras ficarem em grande plano, dava-se início a um processo "industrial", em que os traços da psicologia do retratado iam desaparecendo para criarem uma superfície lisa de um ícone. Os tempos não eram propícios ao "retrato" e essa faceta de Warhol sempre foi desprezada por ser mais mundana. Não querendo ser revisionista, o comissário da exposição, Alain Cueff, propõe então uma reelaboração de uma faceta que, segundo ele, é mais incompreendida devido a um preconceito: o de que as obras-encomenda são gestos

artísticos menos relevantes. Diz ele, por exemplo, numa entrevista à revista "Beaux Arts", que há uma relação entre a educação religiosa de Warhol, a sua infância em Pittsburgh, num meio ortodoxo, e o seu fascínio em relação aos rostos, e que os retratos que deixou são uma prova substancial. "Nas imagens dos santos [no culto ortodoxo] vêem-se sobretudo caras, ao contrário do culto católico, que privilegia o contexto do gesto crístico." Mais: defende que os retratos do homem que um dia disse "I wanna be a machine" fazem justiça a esse lema: acelerando, deixando de fora o não essencial, passando sem os traços da psicologia, chegando à "essência" do retratado. E "nos melhores retratos, vacilamos: ele [Warhol] lembra-nos que há uma grande beleza no estar vivo".

## Quem é o realizador de "Tintin"?

Steven Spielberg terminou os 32 dias de filmagens, utilizando a técnica "motion capture", de "The Adventures of Tintin: Secret of the Unicorn", o filme de animação 3D baseado no ícone de BD criado pelo belga Georges Prosper Remi - ou, como era mais conhecido, Hergé. Agora, passa o testemunho a Peter Jackson, realizador de "O Senhor dos Anéis", que irá tratar do material digitalmente durante os próximos 18 meses, revela a "Variety", para um resultado final que deverá ser semelhante ao de "Beowulf" de Robert Zemeckis. O americano filmou com actores "reais" e forneceu a Jackson a matéria de base para o neozelandês poder agora fantasiar. Comparando o tempo que o projecto passará nas mãos de cada um, parece que "Tintin e o Segredo do Unicórnio" pertence mais a Jackson do que a Spielberg, mas este vai ser o único realizador nos créditos de "Tintin e o Segredo do Unicórnio", diz ainda a revista. Kathleen Kennedy, produtora de "Tintin e o Segredo do Unicórnio" e de outros filmes de Spielberg, insiste que o filme não vai expor as diferenças entre os dois realizadores e que estes estão a colaborar melhor do que Spielberg e Lucas nos filmes de "Indiana Jones".

Spielberg e Kennedy adquiriram os direitos de "Tintin" em 1983, depois de "Os Salteadores da Arca Perdida" ser repetidamente comparado às aventuras de "Tintin" pela forma como levava Indiana Jones para

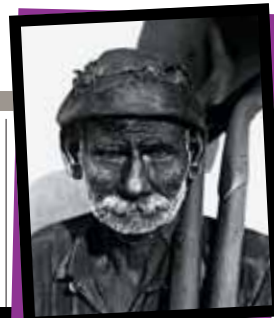


Steven Spielberg começou o filme, Peter Jackson vai tratar do material digitalmente. Só o primeiro constará dos créditos

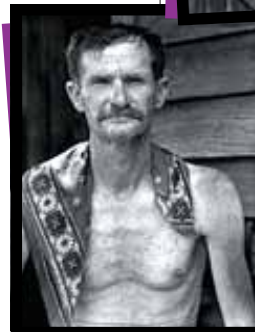
locais exóticos. O projecto apenas pôde avançar quando a tecnologia de animação conseguiu responder às exigências da história. É possível que "Tintin e o Segredo do Unicórnio" tenha semelhanças com "Beowulf" de Zemeckis, ou mesmo com "O Homem Duplo" de Richard Linklater, dois filmes que também utilizaram técnicas de "motion capture" e com tratamento digital. No entanto, a produção garante que o filme será algo completamente novo. Martin Levy, portavoz de Spielberg, disse à revista norte-americana que a tecnologia utilizada tem que ser vista para ser compreendida e que "não pode realmente ser descrita". Especula-se que as aventuras do jovem jornalista se tornem numa trilogia e que Spielberg apenas fique com os créditos de realização no primeiro filme, porque Jackson será o realizador do segundo. No entanto, uma sequência ainda não está confirmada. O elenco de "Tintin e o Segredo do Unicórnio" inclui Jamie Bell ("Billy Elliot") no papel do jovem jornalista, Craig Daniel como o pirata Rackham, os comediantes britânicos Simon Pegg e Nick Frost serão a dupla Dupont e Dupond, Andy Serkis (o "Gollum" de "O Senhor dos Anéis") interpretará Capitão Haddock e Toby Jones (o "Dobby" dos filmes de "Harry Potter") será o professor Girassol. "Tintin e o Segredo do Unicórnio" tem estreia agendada para 2010.

## MoMA lançou novo "site" interativo

Quem não puder viajar até Nova Iorque para ir ao Museu de Arte Moderna (MoMA) pode, a partir de agora, fazer uma viagem virtual no novo "site" do museu, que permite, entre outras coisas, construir um portfólio de fotografias de Walker Evans (ou de outro qualquer artista, entenda-se) e mandá-lo por "email" para os amigos. Desde 2007 que, segundo o "The New York Times", o MoMA está a reformular o seu "site". O resultado, lançado há uma semana, ainda não é o




Imagens de Walker Evans no MoMA: faça você mesmo o portfólio para enviar aos amigos



definitivo, mas apresenta já uma série de possibilidades que o museu quer perceber se resultam ou não. Pode-se fazer um percurso personalizado, escolhendo informação segundo um interesse determinado. A par disso, há actividades mais lúdicas, como a área baptizada de MoMA Voices, que, explicou ao "NYT" Allegra Burnette, directora criativa para os "media" digitais do museu, pretende ser o lugar onde os blogs poderão nascer, assim como novas ideias sobre como estabelecer formas de comunicação. Para já, o espaço começa com pequenos vídeos de 30 segundos onde os funcionários do "site", os membros do museu e curadores apresentam a sua visão do MoMA. Desde que começou a preparar o novo "site" até agora o museu foi experimentando várias das potencialidades da Internet, criando um canal no YouTube, uma página no Facebook, aderindo ao Twitter e criando um grupo Flickr, no qual os visitantes do museu podem colocar as suas próprias imagens.

*Capa*





# *Em que língua andamos a rir?*

*Numa altura em que se diz que há mais humor que nunca em Portugal, fomos saber: há um humor português ou são apenas variações do humor inglês e americano? E o que temos, onde anda?*

*O humor desapareceu da literatura mas refugiou-se nos blogs. Na televisão fica com as migalhas das novelas - e ainda não tem a agressividade do humor americano.*

*As velhas desgarradas do fado, dizem, agora estão no Twitter. **João Bonifácio***

# O “cluster” das **Produções Fictícias**



**Nuno Lopes**

**Manuel Marques**

**Nuno Markl**

**Mário Botequilha**

**Vítor Elías**

**Bruno Nogueira**

**Eduardo Madeira**

São a maioria. A agência de criativos está associada a muito do que se faz em humor em Portugal. Em todos os meios, em vários suportes e momentos - aliás, tudo começou quando Herman José se cansou de escrever. Os autores mais virados para a comédia desdobram-se em projectos: de “Fogo Posto” e “Contra-Infamação” ao seu veículo com maior visibilidade actualmente, “Os Contemporâneos” - que regressam a 19 de Abril à RTP1. Esta série de humor ganhou fôlego com a personagem O Chato, interpretada por Nuno Lopes e escrita por Nuno Markl e Francisco Martiniano Palma. Estes dois argumentistas do programa são duas faces da mesma moeda humorística. Markl, mais mediático, a fazer dele mesmo ou a interpretar personagens, a colaborar na PF TV (o canal “online” das Produções) e a ser uma espécie de “opinion maker” de proximidade no seu blogue Há Vida em Markl. Além das piadas na rádio Antena 3, Martiniano Palma é mais “low-profile” e um parceiro de escrita de longa data de Markl. Esteve em “Herman Total”, nos “sketches” do “Herman SIC” e de “Hora H” (que repete agora na SIC Radical). Também há Mário Botequilha que escreve para o “Inimigo Público” e para “Os Contemporâneos”, ou Nuno Costa Santos, que anda pelos blogues e pelos livros, fez vídeos para o “Boa Noite Alvim” (SIC Radical, 2008), trabalha o seu registo “Melancólico” no Rádio Clube Português e, claro, está na escrita d’ “Os Contemporâneos”. Ou Vítor Elías, que escreveu para “Hora H”, colabora no “Inimigo” e anda metido com “Os Contemporâneos”. Joana Amaral Cardoso

Eduardo Madeira não é associado das PF, mas faz as vezes de actor n’ “Os Contemporâneos” e também escreve para a série de humor mais comentada de 2008. Já tinha posto Portugal a perguntar “Onde é que estavas no 25 de Abril?” - ele é o autor da frase-chave da figura com que Herman José satirizava Baptista Bastos e um certo modo de estar PREC em “Herman Enciclopédia”. Actualmente, além d’ “Os Contemporâneos”, está na rádio Comercial com “Caixilhos e Laminados” (com Marco Horácio) e está associado como co-autor aos títulos mais representativos do humor português dos últimos anos - no teatro, a peça “A Treta Continua”, na televisão o filme “O Lampião da Estrela” (SIC) e a série Paraíso Filmes (RTP). Ah, e com Filipe Homem Fonseca fundou, no início do século XXI, a banda satírica Cebola Mol. J.A.C.

Um ser vagamente melancólico, com predisposição para a nostalgia dos gloriosos tempos dos seus egrégios avós, enquanto acumula pequenas derrotas diárias que aceita com resignação.

Foi esta a imagem do português com que crescemos, a que ouvimos milhares de vezes em cafés, programas de televisão, jornais, livros e no cinema: somos o povo do fado, não sabemos dançar como o irmão brasileiro, não sabemos fazer a festa como o vizinho espanhol, não temos o dom de nos auto-depreciarmos com gosto como o civilizado amigo inglês.

E, no entanto, esta gente ri-se. Assim de repente, e recorrendo apenas a exemplos inevitáveis, riu-se do provincianismo das suas elites (com Eça), riu-se da mesquinhhez de, bem, de toda a gente (com Camilo), riu-se do absurdo dos seus atavismos e dos seus ascensores



**“Agora, não há tanta fragmentação no nosso humor como em outros países porque o país é pequeno. Tão pequeno que agora faz tudo de gatinhos como antes fazia tudo de hermaninhos, enquanto a revista tenta sobreviver sendo moderninha”**  
**Herman José**

socialis (com Herman), riu-se da sua linguagem vazia (com o Gato Fedorento). No entanto, riu de quê e como? Quantas vezes e porquê? Mais que tudo: riu-se em português?

Ao longo dos séculos temos teorizado sobre o nosso humor, convictos que o devir nacional nos empurra para a desgraça desde que começámos a desbaratar o império graças a um rei adolescente desaparecido em Ceuta. E é com a mesma tranquilidade com que nos atribuíamos uma resignação mórbida que dizemos que nunca houve tanto humor como hoje. Talvez o século XXI ande a correr-nos melhor, talvez tenhamos aprendido como fazer rir os conterrâneos.

Será? Uma antologia facilita a tarefa de tentar perceber o que terão sido os humores nacionais, pelo menos no que toca aos últimos 40 anos. Chamasse, apropriadamente, “Antologia do Humor Português”, é organizada por Nuno Artur Silva (humorista e dono das Produções Fictícias) e por Inês Fonseca Santos (jornalista). Cobre, segundo a premissa dos seus autores, o período que vai de 1969 a 18 de Abril de 2009. Estamos quase lá, motivo mais que suficiente para inquirir o que é (ou foi) isso do humor nacional.

A compilação aponta caminhos, mas tem as suas particularidades. Primeira: devido à escassez de textos especificamente de humor são incluídos textos literários que usam o humor, o que pode levar a uma con-

fusão de género: uma coisa são textos “de” humor, outra textos “com” humor... Por outro lado, esta mistura tem a vantagem de mostrar que certos escritores com propensão para a tragédia também recorrem com eficácia à arma letal do (sor)riso.

Segunda premissa: só estão presentes textos que tenham sido publicados em livro, o que automaticamente elimina todo e qualquer guião de Herman, uma boa parte dos textos usados em rádio, muito bom texto de jornal (e por isso na introdução os compiladores lamentam ter de deixar de fora as crónicas do magnífico Nuno Brederode Santos).

Sobra o quê? Alguma literatura, alguns desalinados, alguma poesia, algumas obras colectivas, alguns cronistas. É preciso olhar para as escolhas com calma para percebermos se o retrato é fiel à realidade ou não.

## **Pobrezinhos, linguagem de bairro**

Numa primeira secção, de nascidos antes da década de 1950, juntam-se escritores e poetas com óbvias tendências humorísticas, como Cesariny, Nuno Bragança, Dinis Machado, Assis Pacheco, Alexandre O’Neill, Mário Henrique Leiria, Mário de Carvalho, etc.

Numa segunda secção temos nomes inesperados, como João César Monteiro ou o esquecido José Sessinando, nome que Palma Carmo usava nos seus textos “non-sense” sobre música no “Jornal de Letras”.

Na terceira secção temos escritores contemporâneos (Alface, Luísa Costa Gomes, Miguel Esteves Cardoso, Adília Lopes, Rui Zink, Jorge de Sousa Braga, etc). Depois há uma secção para as obras colectivas, que une o “Livro da Treta” aos livros que compilam as notícias saídas n’ “O Inimigo Público”, ao livro do blog Barnabé, ao do Gato Fedorento (etc).

Numa última secção temos uma estranha mistura de “jovens”, que vê Nilton emparelhado entre Pedro Mexia e Nuno Costa Santos, e junta o cronista Rui Tavares a José de Pina e Eduardo Madeira.

“Quando começámos a ter de delimitar o objecto decidimos não nos debruçar sobre filmes, sketches, jornais porque não teríamos tempo. Por isso ficámos no que saiu em livro - da literatura, rádio, blogs, etc”, diz Nuno Artur Silva, justificando a opção, que não é de todo pacífica.

Miguel Esteves Cardoso (MEC) assinala o facto realçando que “é uma antologia feita pelas Produções Fictícias. Não é uma antologia no sentido nobre do termo - estou à vontade para o dizer porque sou quem tem mais páginas lá dentro. Mistura alhos com bugalhos.” MEC deixa bem claro que “o humor é uma nota, uma cor que se dá, dentro de todas as cores. A escrita humorística é outra coisa - é feita para rir, como a escrita porno é feita para dar tesão”.

Ainda assim, o livro é um ponto de partida para responder à pergunta: “Existe algum tipo de humor a que →



**João  
Moreira**

**Pedro  
Santo**

**Herman considera que o único exemplo de humor  
a que se pode chamar português desde Vasco Santan é Bruno Aleixo**



A personagem O Chato, interpretada por Nuno Lopes, foi escrita por Nuno Markl e Francisco Martiniano Palma

Pedro Tochas

# Ao vivo

## Bruno Aleixo

Pedro Tochas foi um dos nomes essenciais nos primeiros anos deste século, aliado ao humor da "stand-up". Depois de inúmeros espectáculos em salas de todo o país e da rubrica "Planeta T" nas manhãs da Mega FM, andou em Fevereiro pelo Dubai com o seu número de "stand-up" e tem os próximos meses já com datas em espectáculos Portugal fora. Está na rede, do My Space (onde também alimenta um "videolog") ao h15, passando pelo incontornável Twitter. Participa regularmente em festivais internacionais com os seus números e continua com o "Palhaço Escultor", que alia o universo circense à comédia física.

Bruno Aleixo não existe, a não ser que um cão, ou um Ewok de "Guerra das Estrelas" ou um boneco das Caldas conte com existência real. E conta. Mas não é uma pessoa - são duas a escrever e uma, João Pombeiro, a realizar e a criar os bonecos. Pedro Santo e João Moreira (voz de Aleixo e autor das Produções Fictícias) conheceram-se em 2007 e Aleixo começou a desenhar-se enquanto escreviam para o programa "Boa Noite Alvim" (SIC Radical). Mas a estreia de Aleixo foi na Internet, em vídeos lançados no YouTube, e depois foi trabalhada na rubrica "Rosa Mota" para a Antena 3. Um "sketch" que não chegou ao programa de Alvim e que foi para o blogue de Nuno Markl criou a massa crítica que faltava e serviu para Pedro Boucherie Mendes, responsável pelos canais temáticos da SIC, os convidar a criar um programa para Bruno Aleixo. Entretanto havia já um canal vídeo "online" para o cãozinho de voz quase sem inflexões e o resto foi história, na SIC Radical. J.A.C.



← possamos chamar português?"

Pode parecer uma questão ingé-nua, mas a disparidade das respostas diz-nos que não é de simples resposta. Por exemplo, MEC não tem dúvidas que "não existe nenhum humor português". "Existe humor", continua o autor de "A Causa das Coisas", "mas se é feito ou não em português isso é outra coisa". Para vincar a sua posição recorre ao exemplo dos Gato Fedorento: "São nitidamente filhos dos Monty Python", o que lhe permite concluir que "não faz sentido nenhum tentar arranjar uma linha-gem humorística portuguesa".

Herman José arrisca apenas dizer que "onde se está mais perto de um humor português é nos filmes do Vasco Santana". Herman explica a ideia: "A partir do 'Pátio das Cantigas' abastardámos, misturando influências vindas de fora. Agora, não há tanta fragmentação no nosso humor como em outros países porque o país é pequeno. Tão pequeno que agora faz tudo de 'gatinhos' como antes fazia tudo de 'hermaninhos', enquanto a revista tenta sobreviver sendo moderninha. E o que percorre tudo isto é sermos pobrezinhos."

Herman, pragmático, entende que esta pequenez, geográfica e comercial (basicamente: não temos mercado porque não temos para onde exportar) determina o humor nacional - não só o produto final como a apetência para ir.

O escritor Mário de Carvalho, que Nuno Artur Silva refere como um exi-

mo praticante do género, também teme qualificar o humor feito cá como essencialmente português. "Para saber se há humor português tinha de o comparar ao holandês ou ao coreano", diz, com graça. O autor do hilariante (e cruel retrato de um certo Portugal) "Havemos de Trocar Umaz Ideias Sobre o Assunto" assinala que em Portugal "tem sido predominante o humor da revista, do trocadilho, da graça, sem atingir nenhum grau de refinamento". Depois aponta factores que influem no humor e podem ser tidos como "portugueses": "Quando se usa a linguagem de bairros populares, com certos tiques de linguagem, certos modismos, talvez aí haja um humor radicado cá. Mas só se for isso. O O'Neill a falar de Campo de Ourique ou de Lisboa com amargura e ironia - mas não sei se isso será português porque não conheço o humor da Dinamarca."

### O mais português dos humoristas e as sílabas

O'Neill parece ser considerado - entre os exemplos recentes - o mais português dos humoristas. Nuno Artur Silva considera mesmo que uma das "marcas originais do humor português era a adição de uma certa melancolia, como se encontra no O'Neill, que juntou o melancólico e o satírico". Isso, diz, ainda existe hoje e "está presente num autor como o Nuno Costa Santos (NCS) que pegou na estafeta do

**"As gerações com menos de 40 anos conhecem todos os humoristas americanos e ingleses. São muito mais cosmopolitas do que pensamos. Estão a par do último grito do humor"**  
MEC



DANIEL ROCHA

O'Neill, com o seu universo de aforismos".

Costa Santos, cujos "Aforismos de Pastelaria" retratam as dúvidas e pensamentos proto-filosóficos de uma série de figuras típicas do imaginário nacional, concede que "há um humor português" e recorre a um exemplo actual para fazer valer a sua tese: "O RAP funde uma linguagem 'non-sense' com - simplificando - a linguagem do MEC, a crónica de costumes, e isso tornou-se especificamente português. Mesmo quando há uma herança dos Monty Python aquilo é filtrado por um olhar português - caso do Herman ou dos Gato Fedorento".

Depois acrescenta que "Bruno Aleixo também representa uma multidivéncia de Portugal" - curiosamente, Herman considera que o único exemplo de humor a que se pode chamar português desde Vasco Santan é Bruno Aleixo.

Costa Santos introduz uma especificidade no discurso sobre a "Portugalidade", isto é, demonstra como num simples pormenor técnico pode-se encerrar uma ideia de Nação: "Pessoas como o Herman ou o RAP são grandes observadores, têm blocos de notas mentais em que vão registando maneiras de vestir, acentuações - no humor a forma como acentuas uma sílaba ou o 'timing' de uma frase faz toda a diferença e faz a piada funcionar ou não. E é neste que há a especificidade nacional".

"Se percorrermos as cantigas de escárnio, alguma poesia barroca, Gil

# Os online

**Nuno Costa Santos**



O "boom" da comédia "stand-up", aliado ao poder da Internet, tornam os **Alcómicos Anónimos**, no plural e no singular, outro exemplo da linguagem actual do humor português. Guionistas de si próprios e de terceiros, "performers" no plural e agora num ano de singularidade, são Rui Sinel de Cordes, Salvador Martinha (estes dois associados às Produções Fictícias), Zé Beirão e Alexandre Romão. Começaram no blogue (<http://alcomicosanonimos.blogspot.com>), depois tomaram conta do bar Musicais com um espectáculo semanal de "stand-up", em 2005, e depois evoluíram para um formato que os distinguiu - a "sketch-comedy" ao vivo, o que resultou em três peças teatrais humorísticas. Todos estiveram, uns mais do que outros, em "Fogo Posto" (SIC Radical) de José de Pina, e em digressão com "stand-up comedy", além de terem concebido os espectáculos dos Alcómicos e de assinarem os textos humorísticos do seu blogue. Mas 2009 é o ano de projectos mais pessoais.

Agora, **Rui Sinel de Cordes** está prestes a embarcar num novo projecto de humor numa televisão generalista, Salvador Martinha está a criar, com o apresentador João Manzarra, "o primeiro programa de ficção de humor sobre poker" para a SIC Radical - estreia em Maio, sete episódios -, e com **Alexandre Romão** está a desenhar "o primeiro programa de 'sketches' só para a Internet", para Abril. Por falar em desenhos, Alexandre Romão dá texto aos desenhos de André Gonçalves no site recém-inaugurado [www.opiordetudo.com](http://www.opiordetudo.com), cerca de três comentários semanais sob a forma de "cartoon" que, mais para a frente, serão compilados em livro em formato "best-of". Já **Zé Beirão** anda pelos bastidores da TVI a fazer o programa "Notícias das Estrelas" para o TVI24, no cabo, "num registo sarcástico". E, claro, a alimentar o projecto semanal dos Alcómicos no jornal "Record", as crónicas "Off-the-Record". J.A.C.



**Zé Beirão**



**Salvador Martinha**



**Alexandre Romão**



**Rui Sinel de Cordes**

CLAUS STELLERD

**Nuno Gervásio e João Moreira de Sá** foram mais falados nas duas últimas semanas porque são os organizadores do primeiro evento de "sit-down comedy" do Twitter (foi na terça-feira). Mas ambos já se movem nos territórios da Internet há algum tempo, como é visível no seu activismo humorístico no Twitter, mas também na blogosfera. Gervásio escreve em <http://literaturaverylight.blogs.sapo.pt>, que sairá em livro em breve (é o terceiro). Coordenou os conteúdos e escreveu para o "Boa Noite Alvim" e agora tem em mãos um projecto de humor "online" com Nuno Costa Santos. João Moreira de Sá é o coordenador de PNETHumor, um portal dedicado à divulgação do humor feito em Portugal, que aponta para blogues, serve de fórum e é uma espécie de "Casa do Humorista virtual", como descreve o seu coordenador. Cronista e blogger (<http://arcebispedecantuarua.blogs.sapo.pt>), é sobretudo um dinamizador da divulgação. Ambos têm centenas de seguidores no Twitter. J.A.C.

Vicente encontra-se muito humor feito em português", lembra Mário de Carvalho. "Não quero ser demasiado assertivo, mas o Camilo e o Eça quase arriscaria dizer que são cómicos", continua. "No Almeida Garrett há um humor fino. E até no Herculano despontam algum humor. Pode dizer-se que o humor não está ausente da literatura portuguesa, quer seja o desbragado, quer o mais solto e popular. E no século XX temos o André Brum, parcerias de teatro e algum Aquilino ("Malhadinhas")." Depois acrescenta a frase fatal: "Mas não temos nada como o Gogol, ou o Mark Twain ou o Wilde."

## O francês que se tornou anglo-saxónico

Este é um resumo sintético e possível da herança humorística portuguesa que está ao dispor de qualquer leitor - a herança que os primeiros humoristas profissionais receberam, mesmo que não lhe tenham dado uso.

A tradição disponível era a literatura que recorria ao humor ou, segundo MEC, "publicações como 'A Paródia', e muitos livrinhos e panfletos de morrer a rir" que circulavam desde o início do século. Recorria-se sobretudo, diz Nuno Artur Silva, a uma tradição de escrita "escatológica e obscena. Ultimamente isso já não tem sido recorrente porque já há liberdade de costumes e dizer palavras não chama a atenção".

Historicamente, recorda Artur Silva, "lá fora, no início do século XX, os humoristas estavam no cinema

porque era o meio popular e emergente. Com a TV, nos anos 50, 60, os comediantes foram para o ecrã".

Em Portugal o humor foi gradualmente desaparecendo da literatura, autonomizou-se enquanto género, e profissionalizou-se. Mas desengane-se quem pense que isso é de agora - segundo Herman José, há muitos anos que o humor é profissional por cá, apenas o mercado é que era minúsculo.

Por exemplo: antes do 25 de Abril já se fazia "uma forma de 'stand-up' popular".

Na época, recorda, "um tipo como o Humberto Madeira fazia stand-up que não era popularucho". Já havia companhias de humor e Herman cita as de Henrique Viana, de José Viana e de Camilo de Oliveira. "Era um humor técnico de situações, como aqueles filmes de domingo à tarde, tipo 'Com jeito vai...' ou comédias de enganos - mas não se podia falar em política."

E na revista "havia equipas de escrita muito boas. O Rogério Bracilha e César de Oliveira faziam equipa para a Ivone Silva, tinham coisas muito irónicas. Bastava o violinista ser canhoto para a Ivone dizer: 'Estás a desafinar', o que tinha uma leitura política e era o bastante para arrancar gargalhadas."

Realmente diferente era o acesso à informação: "na província", recorda Herman, "não havia isto: as pessoas eram muito desinformadas. A província iam espectáculos de variedades com o "star-system" da época, as →

# AUDIO SHOW 2009

## O melhor do Som e da Imagem!

**Local:**  
Hotel Palácio, Estoril  
Junto ao Centro de Congressos e ao Casinó do Estoril

**Datas e Horários:**  
13 de Março, das 16 às 22.30 horas  
14 de Março, das 15 às 22.30 horas  
15 de Março, das 15 às 20.30 horas

# Os principais

Até podem estar a fazer um redondo nada, fora do ecrã, de férias ou só a dar um arzinho na publicidade. Mas são a referência mais visível, o fenómeno mais fulgurante do humor português nos últimos anos e mesmo com alguma perda de fôlego na última temporada, já na SIC, continuam a ser “o” projecto de humor. Fazem lembrar Herman José, mas vezes quatro - não só pela transversalidade, mas pelo facto de escreverem para si e actuarem. Claro que o que Herman José tem de actor e “showman” não está nos **Gato Fedorento** de igual maneira. Ricardo Araújo Pereira, José Diogo Quintela, Tiago Soares e Miguel Góis escrevem, têm ideias, concebem programas. E simbolizam esta geração que usou a Internet como plataforma de lançamento. No início era o blogue, as Produções Fictícias eram o seu espaço de organização e depois autonomizaram-se. Funcionam como grupo, embora tenham diferentes espaços de expressão - colunas em jornais, colaborações em projectos, comédia “stand-up”, teatro, etc. Os cromos portugueses deram-lhes público e as caricaturas (Marcelo Rebelo de Sousa, José Sócrates) e acções políticas (o cartaz no Marquês de Pombal a satirizar o Partido Nacional Renovador é o exemplo maior) deram-lhes as massas. Quando terminam o contrato com a SIC - mais uma temporada - falam em sair de cena. J.A.C.

# Homens e Mulheres da rádio



Susana Romana

Os ouvintes da Antena 1 não passam sem “Portugalex”. As vozes dos actores Manuel Marques e António Machado trazem-nos “Portugal em três minutos”, versão compacta e irónica, com as notícias e rubricas que brincam com a própria rádio - basta pensar em “Gosto Muito do Seu Programa”, um fórum radiofónico com título auto-explicativo sobre os telefonemas que lá chegam. É escrito diariamente por duas autoras de humor, mulheres numa profissão de domínio masculino. **Susana Romana e Patrícia Castanheira**, autoras associadas às Produções Fictícias, espreiam-se por vários suportes. Susana co-assinou já mais de cem crónicas humorísticas sobre futebol - “Marcação Cerrada”, n.º “A Bola”. Como Patrícia Castanheira, tem no currículo a escrita para o suplemento satírico do PÚBLICO, “Inimigo Público”. Patrícia Castanheira escreveu para “Herman Total” (TV) e “Herman SF” (rádio) e estendeu-se também ao teatro, com *Manobras de Diversão* e o balanço do ano de Portugalex. Também na PF, **Joana Marques** é autora de “Denise e Maria Delfina” para a TSF. J.A.C.

João Quadros

João Quadros esteve no início de “Os Contemporâneos”, passou pelas Produções Fictícias e saiu. Os seus textos actualmente têm voz através de Bruno Nogueira, para quem escreve a crónica humorística diária “Tubo de Ensaio”, de segunda a sexta-feira na TSF. Deu a cara no Prazer dos Diabos, na SIC Mulher e assina o blogue O Mal Está Feito. Escreveu para Herman José e para o “Programa da Maria”, entre muitos outros. J.A.C.



Tiago Soares

RAP

José Diogo Quintela

Miguel Góis

← mini-revistas (duos de êxito, melodias de sempre, etc), o Soldado, o José Viana - precursores do stand-up”.

Depois aconteceu uma coisa engraçada: “No pós 25 de Abril os gostos pulverizaram-se. Percebeu-se que a grande audiência está na novela, que é a grande aglutinadora. Por alguma razão o humor no Brasil é uma desgraça.” Segundo Herman, “os escritores de revista”, profissionais, note-se, “adaptaram-se e durante muitos anos deram-se lindamente. Os da TV andaram a apanhar bonés - a linguagem da revista que eles adaptavam não servia mais para a TV”.

E depois, que aconteceu? Nuno Artur Silva: “Há duas figuras que são muito fortes e quase parece que não há mais nada: o MEC e o Herman, que fizeram uma mudança de modelo - era afrancesado e tornou-se anglo-saxónico”.

“Eu importei o ‘know-how’ de Inglaterra, porque era o humor que mexia comigo”, admite Herman, assim contribuindo para a sua tese de que o humor pós-Vasco Santana não é bem português. “Tem a ver com a maneira como se vende a ironia. Quem fizer um bêbedo de aldeia põe toda a gente a rir. Mas um padre a falar contra o casamento homossexual enquanto olha para um jovem em feto de banho...” Herman é realista quanto ao seu sucesso: “Há, em relação a mim, um fenómeno como o das músicas dos Beatles: são coisas que ganharam espaço na cultura pop porque vêm de épocas muito especifi-

**“Há duas figuras que são muito fortes e quase parece que não há mais nada: o MEC e o Herman, que fizeram uma mudança de modelo - era afrancesado e tornou-se anglo-saxónico”**  
Nuno Artur Silva



cas. A altura era pobre. Hoje em dia já não era possível.”

## Diversidade, informação

Portanto: o humor autonomizou-se da poesia e da literatura, foi para a revista e para o cinema, e daí migrou para a televisão, atingindo o seu máximo, por cá, com Herman. E hoje?

Hoje, para Nuno Artur Silva “os escritores portugueses acabam por ser dominados pela cultura anglo-saxónica. Há uma mudança de modelo, com maior influência dos Monty Python. Os miúdos têm referências que não são sequer ‘mainstream’, mas que os afastam do humor tradicional”.

Esta última ideia - de que os miúdos hoje não precisam que os guiem no que toca a humor - é confirmada por MEC: “As gerações com menos de 40 anos conhecem todos os humoristas americanos e ingleses. São muito mais cosmopolitas do que pensamos. Estão a par do último grito do humor.”

Há razões de ordem social para isto, como expõe Mário de Carvalho. “Portugal mudou: há mais licenciados e o público é mais exigente.” Quando Nuno Artur Silva diz que, “mais que a ditadura, havia um espírito reverencial que fazia com que a comédia fosse vista como um género menor”, estará apenas meio certo.

O fim da ditadura trouxe por arrasto a democratização do ensino, que, em última instância, faz aumentar a velo-

cidade de transmissão dos gostos.

O que se ganhou nos últimos anos, diz Artur Silva, foi “diversidade de registos”. Certos tipos de humor tendem a ficar segundo plano: “O humor transgressor sobre a Igreja já não chama a atenção”, aponta Artur Silva. “Os poderes eram mais claros antigamente... Hoje é tudo mais difuso, mais matizado, do poder económico ao mediático”, pelo que o humor encontra novos pontos de abordagem.

Apesar de todo este cosmopolitismo, há quem ache que o espectro do humor português ainda é limitado. Mário de Carvalho reconhece que “tem havido tentativas por parte do Gato Fedorento de fazer humor baseado no absurdo e no ‘understatement’”, mas assinala que “isso não passa pelos humores nacionais”. E faz ver que “também não há um humor judaico, baseado nas situações e contradições e absurdos”.

Apesar de todo este cosmopolitismo o humor português ainda não tem a dose de agressividade e irrisão do americano. Herman: “É uma questão de tamanho. Há muito mais de 50 Portugais nos EUA. Quando o Letterman faz uma piada sobre o Buch sabe que não vai encontrá-lo ao virar da esquina no dia seguinte.”

Herman admite que “agora há mais informação” e que “os temas são mais variados”, mas diz que “as coisas estão normalizadas. Como vemos na “Liga dos Últimos” ainda há muito bimbo - mas na Ucrânia também deve ser assim. Vemos cromos maravilho-

sos mas não é preciso criá-los porque eles já existem”. E com maior acesso à informação, há um novo problema: “Os políticos já trazem a sua própria caricatura” e resta pouco ao humorista para fazer.

Humor com influências americanas, disseminado por várias plataformas, numa altura em que parece haver um vazio de poder. Que retirar de tudo isto? Herman, com muitos anos de experiência, é claro: “Estamos numa fase em que ou se tem um fenómeno de moda (como aconteceu com os Gatos) ou só temos novela, que é um bolo de bolacha de emoções que tomou conta das massas. Os programas de humor são satélites. Vivem das migalhas das novelas.”

Claro que, longe dos meios mediáticos, há uma “revolução” que “corresponde a uma especialização do humor: os comediantes surgem no meio emergente, que são os blogs e o Youtube” (Nuno Artur Silva). O blog, diz, trouxe “novas formas de humor”, mesmo quando não se trata de humoristas puros: há escritores “mais cultos, mais individualistas, com maior diversidade de registos, como o Rogério Casanova (www.pastoralportuguesa.blogspot.com), o Maradona (www.acaufoiomodificada.blogspot.pt), o Mexia.”

E algum desse humor é português? Talvez: Costa Santos diz, com graça, que “as disputas de ‘one liners’ [basicamente: piadas assassinas de uma só frase] no Twitter são variações do fado à desgarrada”.



# EXCLUSIVO PARA TODOS OS QUE QUISEREM TER UM.

MINI One 75 Cv. Consumo combinado de 5,3/100km - Emissões de CO<sub>2</sub>: 128g/km.



- » ALTA TECNOLOGIA, BAIXAS EMISSÕES.
- » MENOS PESO, MAIS PERFORMANCE.
- » MINI HOJE, MINI AMANHÃ.

## Novo MINI One 75 Cv. Por €140 mês.\*

Todas as sensações Go-Kart incluem MINIMALISM - menos consumo, baixas emissões. A partir de €16.350, com apoio do Estado para veículos em fim de vida com 15 anos ou mais. Melhor para o planeta, melhor para a tua carteira.

\*MINI One 75 Cv. Condições válidas para contratos Select, duração 48 meses, Valor Final Garantido €8.096, Entrada Inicial €4.598, despesas contrato €180. P.V.P. €17.600. TAEF 9,397%. IVA incluído. Sujeito a aprovação pela MINI Financial Services. Condições válidas para propostas aprovadas até 31/05/09 nos Concessionários MINI aderentes. Viatura não contratual.

# “Aos 78 anos já não quero ser ‘Dirty Harry’”

Alguns da solidão que se sente em “Gran Torino”, concorda Clint, já a conhecemos de outros filmes seus. De “Dirty Harry”, de “Million Dollar Baby”, de “O Sargento de Ferro”... Mas este é o filme de uma solidão terminal. De um último acto - o de um resmungão que não reconhece o mundo que o rodeia. *Geoff Boucher*

Cinema

Pela tarde, o gabinete de Clint Eastwood está calmo e banhado em luz dourada. Ao contrário de outros bangalós nos estúdios da produtora Warner Brothers em Hollywood, o de Eastwood apresenta um ambiente rústico e móveis tradicionais que conseguem ser tão práticos quanto elegantes e distintos. O que fica bem a este ícone que já completou 78 anos, começou a sua carreira com um John Wayne mas que parece estar a terminá-la como um John Ford.

A mais recente aquisição para a decoração do escritório é um sombrio “poster” de “Gran Torino”, o 66º filme de Eastwood enquanto actor e o 29º como realizador. Na fotografia a preto e branco, a cara da estrela está fixada com o seu famoso esgar severo e determinado, uma arma que há décadas vem sendo apontada aos vadios e escroques das ruas dos seus filmes.

Eastwood é o primeiro a dizer que, para “Gran Torino”, um filme que na América e nos mercados europeus está a bater os recordes de bilheteira de um filme realizado e protagonizado por Eastwood, foi lançada alguma publicidade enganosa, com o seu dramático esgar e a sua subliminar mensagem para os fãs de longa data, que poderão pensar que o seu filme é acerca de “Dirty Harry” Callahan a trabalhar num caso de roubo de automóveis.

“Acho que o filme, com

**“Kowalski [de “Gran Torino”] é assombrado pelo seu passado. E todos os seus amigos estão mortos. É isso que acontece quando temos 78 anos”**

as suas ‘nuances’, vai surpreender algumas pessoas”, diz, enquanto se senta num sofá no escritório. “Se fosse apenas um filme de porrada, bem, então eu não o queria fazer. Já fiz esse tipo de filmes. Actualmente, só faço um filme que tenha algo para dizer. Aos 78 anos já não quero ser ‘Dirty Harry’.”

## Do outro mundo

Em vez disso, traz-nos o irritável Walt Kowalski, um veterano da Guerra da Coreia que enviou e que considera a sua casa isolada e o respectivo pátio como território ocupado no meio de um bairro que ao longo das décadas se foi transformando. A maior das mudanças foi a chegada de vizinhos de etnia hmong, cujas faces, linguagem e cultura asiáticas relembram a Kowalski os seus próprios negócios escuros, que ele esperava ter deixado para trás numa terra distante. Essas memórias e uma guerra a crescer na vizinhança com jovens membros de um gangue lançam as raízes do conflito do filme e, bem, quem reconhece o esgar no “poster” já sabe que há um duelo a caminho.

O título do filme refere-se ao bem mais precioso de Kowalski: um potente e

resplandecente automóvel, um “Gran Torino” de 1972 que está guardado na sua garagem, juntamente com uma colecção de ferramentas que foi adquirindo ao longo da vida e que trata com reverência, como se fossem lembranças de uma época em que os homens conseguiam consertar coisas e as pessoas diziam o que pensavam e trabalhavam arduamente. Existe em Kowalski algo de Archie Bunker [personagem principal da série televisiva de humor dos anos 70 “All in the family”, em português “Uma família às direitas”], com o seu profundo e impressionante conhecimento de termos raciais.

Eastwood ri-se com a ideia de que o filme é um dicionário do léxico de intolerância dos brancos norte-americanos. “Ele pode pertencer a outro mundo mas é um homem típico da sua geração. Nos anos 40 toda a gente falava assim. Lembro-me de ir para a Oakland Tech, que era uma escola secundária mas que também tinha ligações com uma escola profissional. Todos os veteranos que voltavam da Segunda Guerra Mundial iam para lá estudar, por isso acabávamos por estar no mesmo espaço de tipos que tinham 25, 26, 27 anos. E eles falavam assim. Chamavam uns aos outros Sam Judeu, Joe Irlandês, Frank Latino, ou lá o que fosse. Mas é claro que diziam sempre isto com um sorriso na cara. Se dissessem sem um sorriso na cara, bem, aí então já queriam dizer outra coisa.”

## Sobre a perda

Eastwood, como é seu hábito, fez o filme rapidamente, barato e desprezando a convenção que existe dentro da indústria cinematográfica americana que obriga a gravar “take” após “take” da mesma cena. Filmou em

Detroit e usou não profissionais - muitos dos quais não falavam inglês - para interpretar os elementos da comunidade hmong. Na maior parte das vezes, dizia aos seus actores amadores para ensaiarem uma cena no local das fil-

magens e secretamente dava um sinal para a equipa técnica começar logo a gravar.

“Na realidade, metade das vezes filmei-os sem eles saberem e depois voltava a filmar e juntava tudo”, conta sorrindo. “Tinha que ter muito cuidado para conseguir controlar tudo. Não me posso dar ao luxo de ficar parado e estragar tudo. Temos que estar preparados. Se não queremos perder nada, temos que ter a câmara a rolar. Actores não profissionais não repetem as coisas. Fazem por acaso coisas que acabam por se revelar óptimas.”

Os seus filmes mais recentes - “A Troca”, “Million Dollar Baby-Sonhos Vencidos”, “Mystic River”, “As Bandeiras dos Nossos Pais” (para os quais também compôs a banda sonora) e “Cartas de Iwo Jima” - parecem ser ensaios sobre a perda, almas feridas, sacrifício e pecados do passado. “Gran Torino” trata realmente de todos estes temas, mas Clint declara que não procura um modelo para os seus projectos, apenas uma grande história para contar.

“Gostei do percurso dele”, diz. “Kowalski é assombrado pelo seu passado. E todos os seus amigos estão mortos ou a morrer. E é mesmo isso que acontece quando temos 78 anos. Gosto do facto de Kowalski aprender alguma coisa. Tive que o colocar neste tipo de situação extrema para ele dar um passo na direcção da tolerância para com outras pessoas e outros costumes. Ele considera estas pessoas como bárbaras porque →

**“Se fosse apenas um filme de porrada, eu não o queria fazer. Actualmente, só faço um filme que tenha algo para dizer”**

**Dirty Harry, o sargento de “Heartbreak Ridge”, o “outlaw” Josey Wales: concorda Clint que a solidão de “Gran Torino” já morava aqui**





**COMUNA  
TEATRO**  
de pesquisa

# Variações Enigmáticas

de Eric-Emmanuel Schmitt



Direção: João Mota  
Interpretação: Álvaro Correia e Carlos Paulo

4ª a Sábado 21h30, Domingo 16h • 4ª e 5ª feira - Preço único 5€ • M/12

**A PALAVRA DOS POETAS** de Carlos Paulo

Março - Carlos de Oliveira

5ª feira às 19h • Entrada livre • M/12

[www.comunateatrodepesquisa.pt](http://www.comunateatrodepesquisa.pt) • [teatrocomuta@sapo.pt](mailto:teatrocomuta@sapo.pt) • Reservas: 21 722 17 70/79



ENDBOX



ESTÉE  
LAUDER  
COMPANIES



Estreia financiado pela  
**MC dgARTES**  
DIRECÇÃO-GERAL  
DO ESPÓRTE



# A Mãe

De Bertolt Brecht, com música de Hanns Eisler  
 Encenação de Gonçalo Amorim

*E eu, Pelagea Vlassova, viúva de um operário  
 e mãe de um operário, ainda tenho tanto para fazer!*

TEATRO DE QUI 19 A DOM 22 DE MARÇO  
 21h30 (dias 19, 20, 21) 17h00 (dia 22) - Grande Auditório - €12 - M12



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



# Concerto para Maquinaria e Estados Líquidos Canal Zero

Uma viagem para ver, sentir, ouvir e imaginar.

**João Bento** Composição e interpretação sonora, zaphoon, teclado, pequenas percussões, melódica, modelações analógicas, sampler e captações sonoras. **João Cabaco** Composição e interpretação sonora, guitarra eléctrica, sampler e programação. **Rodolfo Pimenta** Composição de imagem em tempo real, som. **Pedro Fonseca** Acompanhamento técnico, desenho de luz.

MÚSICA SEX 20 MARÇO - 21h30 - Pequeno Auditório - €5 - M12



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

← elas cortam as cabeças às galinhas. Isso parece afectá-lo. Mas ele já cortou cabeças a seres humanos, ou coisa do género.”

Eastwood, que já afirmou que esta é a sua última presença como actor, conta que uma razão por que ficou com o papel do protagonista é, bem, não haver muitos outros actores que pudesse contactar. Gene Hackman, diz, poderia ter sido interessante, mas já está reformado. Talvez Robert

Duvall. Mas, no fim de contas, o realizador decidiu que era um papel que valia a pena e que tinha uma vaga semelhança com a sua personagem de Harry Callahan, o polícia de São Francisco que passou cinco filmes a recarregar a sua arma. “Talvez ele tenha alguma da mesma solidão”, pondera Eastwood. “Kowalski acredita na lei à maneira tradicional, não está a tentar endireitar tudo o que está torto. Talvez tenha um pouco de Frankie Dunn, a

personagem que interpretei em ‘Million Dollar Baby’. Talvez um pouco do tipo que fiz em ‘Heartbreak Ridge’/ ‘O Sargento de Ferro’. Mas este tipo tem a sua personalidade própria. É por isso que quis fazer o papel dele. Nesta altura da vida, já não fazia sentido fazer algo que já tivesse feito antes.”

Exclusivo PÚBLICO/Los Angeles Times

Ver crítica de filmes págs. 38 e 39

## O último acto

Há um vulcão interior na personagem de Kowalski, um vulcão que ele quer aplacar, num último gesto para fora, para os outros. Depois, a paz. Luís Miguel Oliveira

A bandeira americana que há dois ou três filmes atrás Clint Eastwood mostrava hasteada no topo do Monte Suribachi, durante a tomada de Iwo Jima, em “As Bandeiras dos Nossos Pais”, está agora no alpendre de Walt Kowalski, a personagem de “Gran Torino”. Há bandeiras americanas em muitos filmes de Eastwood, e seria interessante estabelecer um inventário das circunstâncias em que elas aparecem - por exemplo, num “western” dos anos 70, a servir de enfeite a uma força.

As histórias e as personagens de Clint Eastwood nunca são “simbólicas”, mas evoluem sempre numa profusão de símbolos. Quase sempre, a questão é: o que fazer com eles? Era a questão de “Bandeiras dos Nossos Pais”, é uma questão em “Gran Torino”, filme sobre a transmissão de um legado, sobre a passagem de um testemunho. Não necessariamente uma bandeira (que aqui, ao contrário do que sucedia no filme de Iwo Jima, assinala um encolhimento territorial, como que o “last stand” de um velho morador de um bairro de Detroit progressivamente “ocupado” por imigrantes do sudoeste asiático) mas qualquer coisa que se logo à partida não está desprovida de propriedades simbólicas (a Ford, para onde Kowalski trabalhou a vida inteira, é a Ford) é transformada no decurso do filme em algo de igualmente poderoso: um belo Ford Gran Torino de 1972, a herança mais vistosa que Kowalski tem para passar (há outra, mais discreta, uma medalha de bravura conquistada na Guerra da Coreia, significativa nos planos finais, quando a vemos pendurada na camisa do miúdo asiático).

### Legado

Mas a questão é: a quem passar isto tudo? Quem é que Kowalski reconhece como depositários meritórios deste legado? O reconhecimento é o problema fundamental de uma personagem que desde o princípio se reconhece em muito pouco do que existe à sua volta: não se reconhece na família, nos filhos tão presos a um estereótipo “middle class” (até andam de Toyota e tudo, Kowalski só pode levar a mal: a indústria automóvel japonesa é o grande inimigo de Detroit), na neta cheia de “piercings” e penduricalhos, geração MTV cuspid a e escarrada, nem se



reconhece na religião ou nos sermões estereotipados que o padre lhe dá sobre o “mistério da vida e da morte”, e muito menos se reconhece na vizinhança, povo estranho de hábitos e língua incompreensíveis. A resposta é surpreendente, e é em função dela que Clint pode carregar a fundo no reaccionarismo resmungão de Kowalski - a pouco e pouco, encontra naquela família hmong sua vizinha aquilo que não encontra em mais lado nenhum: um sentido de identidade que tenta subsistir, numa espécie de comunhão com a tradição, contra tudo o que a ameaça de desintegração. No fundo, é isto que Kowalski “vê” nos seus vizinhos asiáticos, e é nisto que

onde perante uma América em desagregação (a Guerra Civil) a sua personagem se encontrava no meio dos índios, outro “povo antigo” a tentar guardar a sua identidade. A veteranaria de Kowalski, a sua passagem pela guerra da Coreia, os horrores que presenciou e cometeu aproximam-no do William Munny do “Imperdoável” - a desmontagem do “heroísmo” e das suas coberturas mí(stif)icadoras, que teve nesse filme o ponto mais alto e mais evidente, também percorre “Gran Torino” (o “it’s a hell of a thing killing a man” de “Imperdoável” tem aqui um correspondente: o “you don’t wanna know” que Kowalski responde ao miúdo que lhe perguntava pela “sensação de matar um homem”). E, a par da justiça (grande tema eastwoodiano), os temas da salvação e da redenção, que têm ocupado tantos filmes de Clint dos anos 90 para cá (aqueles só aparentemente mais anódinos, “True Crime”, “Bloodwork”, mas também “Million Dollar Baby”, com as suas conversas sobre religião, mais as heranças e as famílias “em substituição”). Há um vulcão interior em Kowalski, um vulcão que ele quer aplacar, num último gesto para fora, para os outros. Depois, a paz. Mas não podemos estar muito seguros sobre isto: se foi Kowalski que salvou o miúdo hmong, ou se foi o miúdo hmong que salvou Kowalski.

### O reconhecimento é o problema de uma personagem que se reconhece em muito pouco do que existe à sua volta

ele se reconhece: o drama deles é muito parecido com o seu.

Evidentemente, na composição de Kowalski Clint joga com aspectos desde cedo associados às suas personagens cinematográficas. Fala-se de “Dirty Harry” pelo mais superficial (e durante as primeiras sequências Clint carrega nesses aspectos com o à vontade de quem sabe que não perdem, os espectadores, pela demora), podia-se falar do “Outlaw Josey Wales”,

Ou, no fundo, se não é pela salvação alheia que as personagens eastwoodianas se salvam a si próprias. Eis, talvez, o legado de “Gran Torino”, obra maior entre as maiores obras de Eastwood.



**TEATRO \*CINE\***  
Torres Vedras + março 09

**CAMANÉ**  
\* SEMPRE DE MIM \*

19 Março + 21h30 + música *Albino 6+*

21 Março 21h30 *música Albino 16+* **Mão Morta**

17 Março + 19h00 *música Albino 16+* **O Lobo e a Cabra**

28 Março + 21h30 *dança Albino 16+* **BAL MODERNE**

Teatro Torres Vedras  
Rua. Teófilo Vilela, 19  
361-217-120-117  
www.teatrotorresvedras.pt

**TNSJ** TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

**Teatro Nacional São João** **20 Mar 26 Abr 2009**

**TAMBORES NA NOITE**

ENC. NIUNO CRINHOS

B. BRECHT

tradução  
Claudia J. Fischer  
cenografia  
Nuno Catilinas  
figurino  
Ricardo Monteiro  
desenho de luz  
Paul Simões  
desenho de som  
Joel Serejo  
preparação vocal  
e direcção  
João Henriques  
colocação musical  
António Sérgio

interpretação  
Emília Silvestre  
Fernando Moreira  
Joana Manuel  
José Castro  
Jorge Mota  
José Eduardo Silva  
Luís Araújo  
Marta Freitas  
Paulo Testinho  
Pedro Almeida  
Pedro Siqueira  
Sara Catilinas  
e Pedro Jorge Ribeiro

tes-cab 21,30  
dom 16,00  
M 12 anos  
Info: 800-90-8075

Bilhetes:  
Pac: TNSJ, TCA,  
www.tnsjonline.pt,  
www.pacetti.id.pt

www.tnsj.pt

M/C

DE SAMUEL BECKETT  
ENCENAÇÃO PETER BROOK

**FRAGMENTS**

13 E 14 DE MARÇO  
CENTRO CULTURAL  
VILA FLOR | GUIMARÃES

16 E 17 DE MARÇO  
TEATRO VIRIATO | VISEU

**CVF**  
CENTRO CULTURAL  
VILA FLOR  
Câmara Municipal de Guimarães

**teatrovirato**

MAIORES DE 12

Argumentista de alguns dos melhores filmes de Scorsese, como "Taxi Driver" ou "Raging Bull", Paul Schrader escreveu ainda guiões para Sydney Pollack ou Brian de Palma e é, ele próprio, um dos principais realizadores da sua geração. Esteve em Portugal, a convite do Fantasporto, para apresentar "Adam Renascido", baseado num romance israelita, que conta a história de um dotado ilusionista judeu que é encarcerado num campo de concentração nazi. O comandante, antigo frequentador dos seus espetáculos, obriga-o a fazer de cão, literalmente, durante quatro anos.

Adam, interpretado por Jeff Goldblum, sobrevive à guerra e é internado num hospício, onde manipula toda a gente a seu bel-prazer, até que encontra um rapaz que está convencido de que é um cão. Um encontro redentor. Foi esta fábula bizarra que atraiu Schrader, em cuja filmografia - é o seu 17.º filme - sempre abundaram os

sacrifícios invariavelmente redentores.

Criado num ambiente calvinista - a sua mãe, sempre que lhe dava uma reguada na mão, tinha o cuidado de lhe explicar que o inferno era assim, com a diferença de que a dor era constante e em todo o corpo -, Schrader só viu o seu primeiro filme aos 17 ou 18 anos. E tinha 32 quando realizou a sua obra de estreia, "Blue Collar" (1978), incursão nos meios operários e sindicais com Harvey Keitel num dos principais papéis. No ano seguinte, em "Hardcore", dirigiu George C. Scott no papel de um pai que procura resgatar a filha adolescente do submundo do cinema porno. Embora menos conhecidos do que as suas obras da década de 80, como "American Gigolo" ou "Cat People", estes seus primeiros trabalhos não lhes ficam a dever nada. E talvez não sejam mesmo inferiores a qualquer dos filmes que realizou nos últimos vinte anos, apesar de obras

tão interessantes como "Light Sleeper" (1992) ou "Affliction" (1997).

Antes de uma conferência de imprensa no Fantasporto, na qual se mostraria divertidamente enfadado com as imagens dos filmes em exibição no festival - "Não sei como é que as pessoas não adormecem a ver estes filmes; não sei, aliás, como é que os realizadores não adormecem ao fazê-los" -, falou ao Ípsilon de "Adam Renascido", e explicou como o facto de ter sido crítico de cinema o ajuda a entender as críticas à sua obra. E, tendo em conta boa parte das reacções que o filme provocou, bem precisa de capacidade de encaixe. Em todo o caso, ainda ninguém admitiu que adormecera a vê-lo, algo que aconteceu ao próprio Schrader quando assistiu à estreia de "Reds", de Warren Beatty.

De resto, para o realizador, e também autor de vários livros sobre a sétima arte, todos os filmes que se

estão agora a fazer são, de certa forma, póstumos ao próprio cinema, que considera ser, no essencial, um fenómeno do século XX.

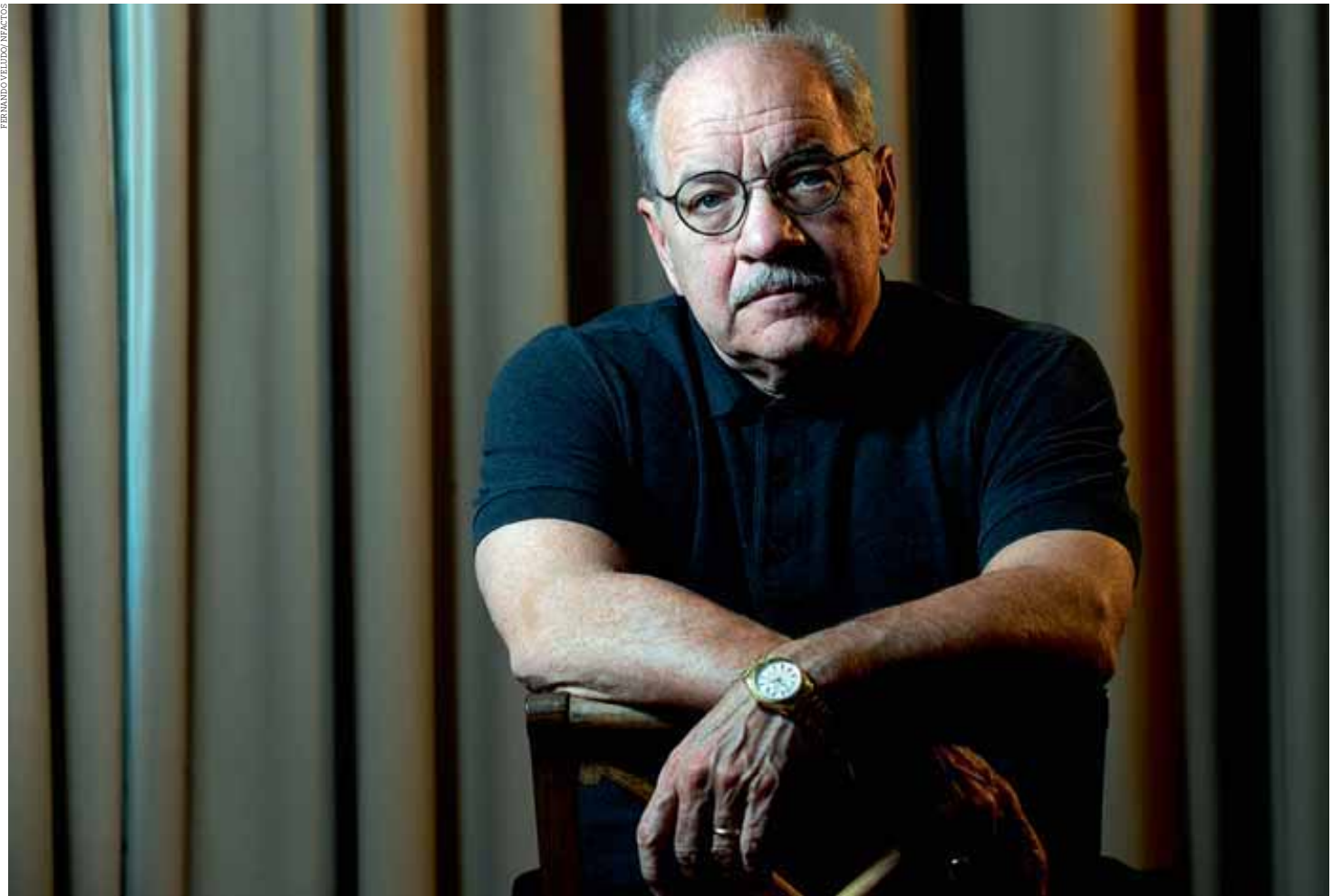
#### "Adam Renascido" é um filme arriscado, não é?

Sim, é um filme muito ousado. Baseia-se num romance muito controverso, do israelita Yoram Kaniuk, que o escreveu em 1969. Por essa altura, apareceram outros livros - "O Tambor" ["Die Blechtrommel", de Günter Grass], "Artigo 22" ["Catch-22", de Joseph Heller] ou "Matadouro Cinco" ["Slaughterhouse-Five", de Kurt Vonnegut, Jr.] - que olhavam para os anos da guerra com uma perspectiva cínica e com humor negro. O livro de Kaniuk, sendo um romance israelita, lida também com os factos decorrentes do Holocausto. E o modo como o fez provocou controvérsia em Israel. É que toda a história é um acto da imaginação. Nunca houve um hos-

pício como o que aparece no livro, nem há conhecimento de que um comandante de campo e um prisioneiro tenham mantido uma relação semelhante à que o autor descreve. É tudo inventado.

#### Foi isso que o atraiu?

Não sou judeu. E há muitos filmes sobre o Holocausto. Não me parece que ninguém precisasse de mais um feito por mim. Mas quando li o argumento e me cruzei com esta metáfora - um homem que tinha sido um cão encontra um cão que tinha sido um rapaz -, achei que era uma coisa tão nova... Quando eles se encontram no hospício, reconhecem-se mutuamente enquanto cães. Pareceu-me uma metáfora tão forte que, em rigor, nem necessitaria de ser a propósito do Holocausto. A história podia ter a mesma estrutura com um homem que tivesse sobrevivido aos "gulags". Foi aí que soube que tinha mesmo de fazer o filme.



Cinema

# "O cinema é um fenómeno"

Paul Schrader acredita que o cinema está a chegar ao fim e dará lugar à melancolia de quem deu o melhor de si a essa arte para a qual agora não vê futuro, e que luta contra a tecnologia". O argumentista de "Taxi Driver" esteve em Portugal a

**Contou que tinha escolhido Jeff Goldblum quando ainda estava a ler o argumento.**

Sim, não sei porquê. Desde que comecei a ler o texto, pensei: isto só pode ser para o Jeff. Tem a idade certa, é alto, tem aquele ar de príncipe judeu. Achei logo que era o actor certo para o papel.

**Num texto que escreveu a propor um cânone do cinema, enumerava vários critérios para aquilatar da grandeza de um filme. O menos previsível era o que sustentava que os melhores filmes têm sempre uma espécie de “ressonância moral”. Não lhe parece que isto é algo que, desde o início da sua carreira, marcou os seus filmes? Não levantam todos questões morais?**

Quando se é educado num ambiente religioso, como aconteceu comigo, e se frequenta uma escola religiosa, e depois um seminário, por muito que

se corra, nunca se ultrapassa isso. Não acredito no simplismo moral em que fui educado, mas isso não me impede de crer que virtualmente todas as circunstâncias têm uma componente moral. Não se pode ignorar isso. Carl Jung dizia: “Chamado ou não chamado, Deus estará lá” [Jung recolheu a frase numa compilação de sentenças gregas e latinas organizada por Erasmo]. O mesmo se aplica às consequências morais. Chamemos ou não por elas, elas estarão lá. Essa componente moral, e em particular o tema do sacrifício, também está presente nos argumentos que escreveu para outros realizadores, como “The Yakuza” (1974), de Pollack, ou algumas das obras mais marcantes de Scorsese, como “Taxi Driver” (1976) ou “Touro Enraivecido” (1980).

Sim, e até podia acrescentar um Scorsese mais recente: “Bringing Out the Dead”.

**Como é que foi passar do contexto fortemente religioso em que passou a infância e a primeira juventude para a turbulenta Nova Iorque do início dos anos 70?**

Eu comecei por ir para Los Angeles, em 1968, como estudante de cinema. Os filmes eram proibidos na minha igreja, de modo que, claro, interessei-me por eles e comecei a estudá-los. Por um acaso, fui a Nova Iorque frequentar uns cursos e conheci Pauline Kael [desaparecida em 2001, foi uma das vozes mais influentes da crítica de cinema nos EUA], que me apoiou muito. Entrei, depois, na escola de cinema da Universidade da Califórnia e, durante muitos anos, fiz crítica de filmes. Mas a certa altura comecei a sentir que o ensaísmo não me chegava. Tinha de contar histórias, de fazer ficção.

**O facto de ter sido crítico de cinema faz com que reaja de modo diferente às críticas que os seus filmes recebem? Muda alguma coisa?**

Muda, sim, mas em dois sentidos. Lembro-me de ter ido ver o “Reds” (1981), do Warren Beatty. O Warren tinha-me pedido para ir ver o filme. Eu estava cansado, sentei-me nas filas de trás e adormeci. Não sabia que havia um intervalo, mas as luzes

acenderam-se e houve pessoas que me viram a dormir. No dia seguinte recebi um telefonema de um amigo do Warren a dar-me conta de que ele tinha ficado muito aborrecido por saber que eu tinha adormecido a ver o filme. Eu disse a essa pessoa: “Ouve, eu sei que o Warren trabalhou dez anos neste filme, mas, acredita-me, três horas do meu tempo são mais importantes, para mim, do que dez anos do Warren”. Quando se foi um crítico, percebe-se que essas duas horas do crítico são mais importantes para ele do que os cinco anos que se passou a fazer o filme. Os realizadores têm muita dificuldade em perceber isto.

Por outro lado, o facto de ter sido crítico, e de ter conhecido outros críticos, também me faz saber que muitos deles são realmente preguiçosos. Mas nada disto terá grande interesse, já que a crítica de cinema está a desaparecer, pelo menos na América.

**E o cinema não está?**

Acredito que sim. Creio que o cinema é essencialmente um fenómeno do século XX. Ninguém sabe o que irá ser dos filmes, mas a ideia de uma sala escura, de uma imagem projectada e de uma plateia de espectadores é algo que parece irremediavelmente envelhecido.

**E vê o futuro com esperança ou com melancolia?**

Com melancolia, mas não acho que a função de um artista seja lutar contra a tecnologia. A sua função é usar a tecnologia que estiver disponível.

**Foi sempre assim...**

Pois foi. Há cem anos não havia filmes e tínhamos artistas. Daqui a 50 anos, ou a 200, talvez não haja filmes, mas haverá artistas.

**Quais são os seus filmes de que gosta mais?**

Gosto muito do “Mishima” [1985], por ser um filme tão invulgar. Foi recentemente reeditado em DVD. Há um outro, chamado “Light Sleeper” [1992], que creio ser o meu filme mais pessoal. E “The Comfort of Strangers” [1990] é provavelmente o mais bem realizado de todos. Como vê, tenho diversos favoritos.

**O que pensa da nova geração de realizadores americanos. Tem tido boas surpresas?**

Há por aí muito talento, bastante mais do que no passado. Faz sentido que seja assim, porque agora não custa nada fazer um filme. Pode-se fazer um filme por cinco mil dólares. Alguém me disse recentemente que as horas de filme carregadas no YouTube num só dia já excedem as que foram transmitidas ao longo de toda a história da televisão.

A crise que temos não é de talento. É uma crise de forma. O que é um filme? Como se vê um filme? As palavras mais assustadoras são hoje “retorno do investimento”. Nós sabíamos como gerar receitas. Não era um sistema extraordinariamente eficiente, mas funcionava bem. Hoje ninguém faz a menor ideia de como lucrar com os novos “media”. Pura e simplesmente não sabem. Olham para o negócio da música, que só

sobrevive porque a música não custa nada a fazer. As bandas costumavam fazer digressões para promover os discos, agora oferecem os discos para promover as digressões. Quando vejo um filme como “O Cavaleiro das Trevas”, que uma quantidade de gente foi ver e, mesmo assim, perdeu dinheiro, não sei o que irá acontecer.

**Vê em tudo isto algum lado positivo?**

Pode ser positivo, sim. A minha assistente, que é uma jovem realizadora de 24 anos, tem uma posição clara. O que ela diz é isto: “Destruam a catedral e comecem outra vez”.

**Voltando à sua primeira mentora, Pauline Kael. Embora tenha elogiado muitos filmes de autor, designadamente europeus, parece ter sempre encarado com suspeita os olhares mais académicos sobre o cinema. Via-o como uma arte de massas, que não deveria pedir desculpa por entreter o público. Não parece ser exactamente esta a sua perspectiva...**

A Pauline desconfiava dessa gente que nos estava sempre a querer ensinar o que é o cinema, mas o erro dela foi pensar que poderia promover o lixo porque haveria sempre qualidade. Não percebeu que a qualidade não estava necessariamente assegurada. Embora, claro, tenha sempre existido alguma qualidade. De resto, eu próprio nunca fiz um filme achando previamente que ninguém o iria ver. Com a excepção do “Mishima”, que sabia que não iria ser mostrado no Japão.

**Quer contar o que se passou com a sua “prequel” [sequela que trata de acontecimentos anteriores aos mostrados no filme original] de “O Exorcista”? Foi contratado para fazer o filme [“Dominion: Prequel to the Exorcist”, 2005], mas o produtor acabou por o trocar por outro realizador. A sua versão saiu em DVD. Também esteve nas salas de cinema?**

Só estive uma semana nas salas. Trabalhei muito no filme e quis que ele existisse. Também foi uma forma de não ter de estar sempre a responder a quem me perguntava como era a minha versão. Assim posso dizer-lhes que comprem o DVD.

**Qual foi o problema? O produtor achou que o seu filme não era suficientemente “gore”?**

Acho que foi isso. O filme tinha um só produtor, que não gostou do que eu fiz e contratou outro realizador [Renny Harlin]. Mas ele também não fez grande coisa.

**As críticas americanas que li a “Adam Renascido” oscilam entre a adesão entusiástica e uma antipatia próxima da aversão. Acha bom sinal não haver consenso?**

Não sei. Sei que gosto muito do filme. Funciona bem, é ousado, é original. Estou muito satisfeito com ele.

*Ver crítica de filmes págs. 38 e segs.*



“Mishima”, o filme de Schrader que Schrader prefere



“O Touro Enraivecido”...

**“Ninguém sabe o que irá ser dos filmes, mas a ideia de uma sala escura, de uma imagem projectada e de uma plateia de espectadores é algo que parece irremediavelmente envelhecido”**

Jeff Goldblum em “Adam Renascido”



“Quando se é educado num ambiente religioso, como aconteceu comigo, por muito que se corra, nunca se ultrapassa isso”



# ... e “Taxi Driver”: argumentos em que o tema do sacrifício está presente

... e “Taxi Driver”: argumentos em que o tema do sacrifício está presente



... e “Taxi Driver”: argumentos em que o tema do sacrifício está presente

# Boss AC não é mainstream, nem 1

# othergr

Depois de “Ritmo Amor e Palavras”, Boss AC não ambiciona consenso ou mais álbum, uma colecção de quadros da sua vida onde encontramos Mariza, Valete, Olavo



Há alguns meses, Boss AC dizia ao Ípsilon, comentando um “Preto no Branco” ainda em fase de finalização, que depois do sucesso de “Ritmo Amor e Palavras” estava perante duas hipóteses. Ou fazia um álbum “tão bom” ou “fazia melhor”. E ele, naturalmente, escolhera a segunda hipótese. “Melhor”, portanto.

Agora que o reencontramos, com “Preto No Branco” prestes a sair (é editado na próxima segunda-feira), o homem presente desde que o hip hop deu os primeiros passos em Portugal, o MC, compositor e produtor que ajudou a transformá-lo em fenómeno de massas, com vendas de 30 mil discos e Coliseum esgotados, acentua essa ideia. Firmemente. E pouco preocupado com coisas tão simpáticas quanto o sucesso. Já o tem e não o cega. Até confessa que, ao preparar o sucessor de “Ritmo Amor e Palavras”, sentiu “uma grande expectativa de todos os quadrantes”.

Acontece que Boss AC quer satisfazer-se a si próprio. “Pode soar egoísta, mas é isso que me interessa.” Depois o disco vem para a rua e o problema já não é dele: “agora está nas mãos do povo, o povo decide”.

Boss AC, nascido Ângelo César há 33 anos, define-se como um “tipo reservado” e, como gosta de acentuar, “coerente”. Por isso, só viu uma forma de lidar com a pressão. Ser autêntico, qualidade de importância maior para quem cresceu na cultura hip hop, e abstrair-se das expectativas, concentrando-se totalmente na música.

Durante um ano, desapareceu: “Praticamente não vi televisão, da qual, de qualquer modo, me costumo abster, e estive a leste da rádio e daquilo que [musicalmente] se ia fazendo.” Ângelo César sabia o que

**O que ele quer é isto:**

**“Ser respeitado por quem quer que seja.”**

**Tudo explicadinho:**

**“Não és obrigado a gostar do meu trabalho, mas respeita-o”**

Música



# underground, é 'ound

sucesso. "Preto no Branco" é o título do seu novo Bilac ou, samplados, Ildo Lobo e Vitorino. *Mário Lopes*

Boss AC pretendia. Já o sabe, de resto, há muito. Em 1994, pouco depois da compilação "Rapública" mostrar ao país o hip hop que o país não sabia que se fazia por cá, AC contava as suas ideias para a música que pretendia fazer no futuro. Falava de procurar uma identidade própria, de resgatar influência noutras expressões musicais, de samplar sons portugueses ou cabo-verdianos para vincar uma personalidade musical distinta.

Conhecendo "Manda Chuva" e "Rimar Contra a Maré", os dois primeiros álbuns, conhecendo "Ritmo, Amor e Palavras" e conhecendo este "Preto no Branco", percebemos perfeitamente porque acentua com orgulho a questão da coerência. O que antecipou em 1994, com uma canção em agora histórica compilação e futuro por descobrir, foi exactamente o que viria a perseguir nos anos seguintes.

Boss AC sabe que, se sempre fez as coisas de determinada maneira e se elas sempre "bateram certo", não é um disco de sucesso que o fará alterar métodos e atitude criativa. Sabe, por experiência e feito, que não se deve voltar onde se foi feliz: "Muitos estariam agora à espera de um 'Princesa 2' ou de um 'Hip Hop [(sou eu és tu)] 3' e isso acaba por me influenciar negativamente. Quando me sinto a ir por aí, reajo e sigo outro caminho." Ainda que "as pessoas mudem e as ideias mudem, revejo-me nas entrevisas antigas em que tropeço de tempos a tempos": "Continuo a concordar com tudo o que disse."

O que ele quer agora não é o "sucesso comercial" - "falando em bom português, há aí muita merda a bater sempre" -, não é o consenso - "nem Jesus o teve, não sou eu que o vou ter". O que ele quer é isto: "Ser respeitado por quem quer que seja." Tudo explicado: "Não é obrigado a gostar do meu trabalho, mas respeita-o."

Não por acaso, confessa-nos que, sem demererecer as nomeações para prémios da MTV ou galardões semelhantes, ser distinguido na Gala da Sociedade Portuguesa de Autores de 2007 com o prémio Jovens Autores "teve um gostinho especial": "Nesse caso, não fui nomeado por estar na berra ou por ter vendido muito. Fui votado pelos meus pares, pelo valor da minha obra."

## Nem underground, nem mainstream

Em "Levanta-te", o primeiro single do novo álbum, música em que assoma como homem regressado para reclamar o trono, AC incita à celebração em tom bombástico. Batida em cadência empolgante, rimas disparadas com alívio, o "Sul" de Vitorino transformado em matéria

crescentemente inflamável e ele, a quem ouvimos na canção anterior um "não quero que notem a minha presença / mas que sintam a minha falta", a provocar sem papas na língua: "Viro frangos há tantos anos / mesmo assim há quem duvide."

Naturalmente que o objectivo, depois disto, é que ninguém duvide. "Preto no Branco". Foi para isso que desapareceu durante um ano: "Este álbum mais que todos os outros, esgotou-me. Era a única coisa que via à minha frente. Criativamente, espremi tudo."

O ecletismo do disco, que junta Mariza, Valete, Olavo Bilac ou Praguinha, dos Nigga Poison, que é feito de hip hop e r&b, que tem acessos rock, um sentido de fado, gingar cabo-verdiano e sugestões de balanço brasileiro, é reflexo disso mesmo e, liricamente, joga com essa diversidade. Tudo na primeira pessoa, que isto é hip hop e "cada som deste álbum é uma foto da minha vida", como canta em "Anda": o Boss AC acusador, o romântico, o cronista do quotidiano, o que oferece filosofias de vida, o que lança o olhar sobre o passado e o que se demora pelo presente. "Sempre fui eclético e esse ecletismo nem sempre foi bem aceite", aponta. "Há quem pense que o sou por uma questão de marketing, para agradar a gregos e troianos, mas penso que por esta altura já perceberam que esse não é o caso." Pausa por um momento e sorri: "Não sou 'underground', nem 'mainstream'. Sou 'otherground'."

Aqui chegados, importa recordar algo que nos contaria depois. Falávamos dos Estados Unidos, para onde viajou assiduamente nos últimos tempos de forma a acompanhar Troy Hightower, colaborador desde "Manda Chuva", nas misturas de várias canções do álbum. Explica-nos que se há algo que define o espírito americano é a sua dose titânica de auto-confiança. "Toda a gente se auto-promove e sabe como fazer. Mesmo um gajo sem qualquer talento diz ser o melhor com tal convicção que te acaba por convencer disso."

Ora, Boss AC, que confessa não ter esse talento inato para o auto-elogio ("não sei falar assim de mim próprio"), que tem perfeita consciência de partilhar duas culturas musicais (a americana, enquanto berço do hip hop, e a lusófona que o rodeia), tem uma certeza: "A diferença entre confiança e arrogância é muito pequena e confundirem a minha confiança com arrogância é a história da minha vida."

## A certeza no hip hop luso

Se desde há muito o ouvimos afirmar "que tudo isto só faz sentido quando criarmos a nossa identidade e pudermos falar de um hip hop luso", hoje acredita que essa identidade já existe

- "utilizamos a língua portuguesa e já incorporamos as nossas referências". Ilustra: "Adoro James Brown e Sly & The Family Stone, mas o que trago de novo ao samplar esses gajos que já foram samplados milhões de vezes? Quando pego num Waldemar Bastos, num Ildo Lobo, numa Cesária Évora, nuns Madredeus ou quando colaboro com a Mariza, sei que estou a fazer algo que os outros ainda não fizeram." Não é uma intuição, é uma certeza.

Nos Estados Unidos, "Alguém me ouviu", a canção onde participa Mariza, criada a partir de "Mantém-te firme" (do álbum "Rimar Contra a Maré"), foi aquela pela qual os seus colaboradores americanos mostraram maior interesse. "Eles já ouviram tudo, mas não aquilo. Faziam perguntas, queriam saber o que era, ficavam curiosos porque não a conseguíamos rotular." "Foi aí", declara, "que percebi que tinha atingido o meu objectivo". Este: uma fusão da qual nasce algo novo, a descoberta daquilo que existe de comum entre expressões apenas aparentemente distantes. "O fado e o hip hop partilham a melancolia, o destino, a vertente autobiográfica. A diferença é a linguagem. O hip hop é um espelho de vida em que a linguagem é mais crua, mais 'in your face'. O fado fala do mesmo, mas de uma forma mais poética, mais rebuscada."

Ao falar com Boss AC, é evidente o orgulho que demonstra pelo seu percurso, é evidente que as suas certezas não nascem de qualquer tipo de arrogância, mas da certeza da validade do seu trabalho, desenvolvido por alguém "do tipo reservado" num pequeno estúdio. Milhares de braços no ar acompanhando-lhe as canções em concerto e rotação radiofónica intensiva são bom incentivo, mas apenas parte da equação - não é o que ele nos diz, é o que sentimos ao falar com ele.

Entrevista a chegar ao fim, dispara: "Quero crescer." Em que sentido? "Cada vez mais penso em mim como músico. Faço música e essa música tem um epicentro. Gira à volta do hip hop mas não quero que isso me castre de forma alguma. Num futuro que não sei dizer se será de dois, cinco ou dez anos, imagino-me como produtor, não como artista em nome individual. Já tenho alguns planos para muita coisa além do hip hop". Boss AC faz a revelação e, percebendo que o queríamos aprofundar, corta a investida com um movimento de braços: "Tenho alguns planos. Ponto."

"O hoje é uma dádiva / É por isso que se chama presente", rappa em "Estou vivo". Pois bem, agora é tempo de pôr tudo "Preto no Branco". Do futuro falaremos mais tarde.

Ver crítica de discos pág. 43 e segs.



fundação  
edp

## EXPOSIÇÕES INVERNO MUSEU DA ELECTRICIDADE

Terça a Domingo  
10h às 18h  
Entrada Livre

## EXPOSIÇÕES PERMANENTES MUSEALIZAÇÃO DA ANTIGA CENTRAL TEJO

## EXPERIMENTAR - ESPAÇO LÚDICO DE CIÊNCIA INTERACTIVA

## ATÉ 15MAR ARTISTAS PORTUGUESES LÁ FORA/ Sala de Exposições

## ATÉ 15MAR JESUS NEVER FAILS/ Sala Cinzeiro 8 António Júlio Duarte

## 21MAR 03MAI 10.6 A MORTE É UMA FLOR/ Sala Cinzeiro 8 Graça Sarsfield

## 28MAR 10MAI EXPOSIÇÃO PRÉMIO EDP NOVOS ARTISTAS 09/ Sala de Exposições

## FUNDAÇÃO ARPAD SZENES-VIEIRA DA SILVA

Terça a Domingo  
11h às 19h  
Entrada 3€

## ATÉ 29MAR "V" Adriana Molder

## CENTRO CULTURAL DE LAGOS

Segunda a Sábado  
11h às 19h  
Entrada Livre

## 14MAR 09MAI MADRINHA DE GUERRA Fotografias de Manuel Botelho

## ACÇÃO COMO PINTURA Marta Wengorovius

Av. Brasília, Central Tejo  
1300-598 Lisboa  
www.fundacao.edp.pt

museu da  
electricidade

100  
aniversário

Cinco jovens juntam-se para tocar música e têm perante si um dilema: apostar em material próprio ou fazer uma banda-tributo e sair para a rua. A situação é apresentada por Tozé Brito, compositor, autor e produtor musical. E é também ele quem responde: “A segunda é a opção mais viável, é muito mais fácil aparecer a tocar músicas que as pessoas já conhecem.” E esta facilidade justifica um debate cada vez mais actual.

Hoje, o Coliseu de Lisboa recebe a banda-tributo dos Pink Floyd mais elogiada em todo o mundo. Os Australian Pink Floyd Show actuam pela terceira vez em Portugal, mas agora com um espectáculo “maior, mais completo” do que o exibido anteriormente, promete, em contacto telefónico, Jason Sawford, teclista do colectivo australiano. Joana Godinho, da promotora Música no Coração, entra em detalhes: “Esta é a produção total do espectáculo ‘The Wall’: lasers, insufláveis, é muito mais do que apenas uma experiência musical.”

Um dos vários clones dos Abba



Lisboa recebe com entusiasmo os clones mais aplaudidos de Roger Waters, David Gilmour & Cª, um grupo de músicos australianos que se juntaram em 1988 apenas pelo gozo de “tocar Pink Floyd”, recorda Jason Sawford. “Depois evoluiu e nunca mais parou”, conta. “Linda e cansativa”, a lista de espectáculos dos Australian Pink Floyd Show, assemelha-se a uma qualquer digressão mundial de uma banda de topo: em 2008, deram 132 concertos em 20 países.

Já se disse deles que “tocavam Floyd melhor do que os Floyd” e o próprio David Gilmour lhes teve rasgados elogios. Mas então, num universo de “n” bandas que fazem vida de home-negar os Pink Floyd, o que torna estes australianos um caso tão especial? “Tivemos sorte, acho. Também ganhámos o primeiro concurso de tributo aos Floyd e isso deu-nos um bom impulso no início”, analisa Jason Sawford. Falta o essencial: “E somos bons tecnicamente.”

### Sufocar os originais

Pode um músico rock sentir-se realizado com uma rotina profissional de tocar músicas de outros? “Sim”, dizem os portugueses Zé Pedro, guitarrista dos Xutos & Pontapés, e Tiago Santos, compositor, guitarrista dos Cool Hipnoise e radialista (na Oxicénio). “Há músicos muito bons que não têm capacidade para compor. Os grandes compositores são, normalmente, autodidactas”, explica o primeiro. “Hoje em

dia, quase toda a música é feita em tributo a algo do passado. A originalidade já não é um valor nuclear”, acrescenta o segundo. “Sempre houve músicos a tocar músicas dos outros. É parte do que esta profissão faz...”, completa Jason Sawford.

Não é, portanto, chocante, fazer vida de tocar as músicas de outros. Tanto mais que, como salienta Tozé Brito, “isso prova que as canções originais são boas, capazes de resistir ao passar das décadas”. Certo. Mas não será frustrante? “É muito mais saudável do que andar pelos bares a tocar o que o povo pede. Tocar o que se gosta é sempre melhor”, sentencia Zé Pedro.

Tiago Santos alarga o âmbito da discussão. “Frustrante é, hoje, haver mais condições para fazer um projecto ou discos de tributo do que de originais. Começa-se a afunilar, as pessoas procuram cada vez menos coisas novas. E esse é o lado pernicioso desta moda das bandas-tributo”, analisa.

Não que a coisa em si seja um bicho de sete cabeças. Tiago tem um projecto paralelo, os Cais Sodré Fun Connection, que se dedica a recriar êxitos funk e soul dos anos 60 e 70; Zé Pedro entrou recentemente em espectáculos de tributo aos Clash e aos Sex Pistols.

### O sucesso dos 2U

Naturalmente, o fenómeno das bandas-tributo contagiou Portugal. Quando, em 2002, João Diona reuniu quatro amigos para formar

**As bandas-tributo são, por definição, sucessos garantidos. Tocam o que o que o povo gosta de ouvir e são mais baratas do que as bandas que emulam (estas, em muitos casos, até já nem existem). Não precisam de ser promovidas - as canções originais estão lá há décadas a fazer esse trabalho**

Helles Belles: se os AC/DC fossem mulheres



**The Australian Pink Floyd Show: até David Gilmour os elogiou**



## A moda das bandas-tributo pod

Uma das mais conhecidas bandas-tributo do mundo, The Australian Pink Floyd Show, actua embaixadores do tempo talvez não seja o fundamental. A questão é que as pessoas só vão ver o de se ser original.

**Quem quiser ouvir os Led Zepellin pode contratar os Whole Lotta Led**



os 2U nunca pensou chegar onde está hoje. O professor João (guitarra e teclas), o jurista Nuno Castelhanito (voz), o profissional de hotelaria Ivo Palitos (bateria) e o músico profissional, "o único do grupo", Nuno Espírito Santo (baixo) juntaram-se porque todos gostavam de U2.

Subiram ao palco e a adesão foi brutal. "Tocávamos sempre às terças-feiras à noite, no Jardim da Música, em Lisboa, um espaço que entretanto fechou. Nesses dias, o bar estava sempre cheio", recorda João. Daí para cá, o processo acelerou-se: "Em sete anos, fizemos Portugal inteiro, tocámos em Espanha e fomos convidados para as festas de

Tozé Brito. "Antigamente, estas assinavam contratos apenas para a gravação e venda de discos, deixando para os artistas tudo o que dizia respeito a espetáculos, publicidade e merchandising. Hoje, tem de ser diferente." As pessoas compram menos discos, muito do rendimento das bandas é obtido por aparições ao vivo e as editoras querem uma fatia desse bolo. Até porque gravar é bem mais barato hoje, mas as despesas de promoção continuam a ser elevadas. "E ninguém consegue encher concertos como se fala Tozé Brito no Youtube..."

Ou seja, a tentação de encontrar o caminho mais curto para garantir a adesão popular pode ser irresistível. Acarinhar um projecto novo até ele ganhar notoriedade e se tornar atractivo para as pessoas requer tempo e dinheiro (isto para lá da sensibilidade certa para separar, à partida, o trigo do joio). E, assim, a tal "facilidade" de que fala Tozé Brito passa, muitas vezes, pela opção de dar às pessoas o que elas já conhecem. Chegamos às bandas-tributo.

O fenómeno está longe de ser apenas português. Muito longe mesmo. As bandas-tributo são, por definição, sucessos garantidos. Tocam o que o povo gosta de ouvir e são mais baratas do que as bandas que emulam (estas, em muitos casos, até já nem existem). Não precisam de ser promovidas - as canções originais estão lá há décadas a fazer esse trabalho.

#### Clones para todos os gostos

Basta uma breve pesquisa no Google e há todo um mundo à nossa espera. Experimentem em [http://dir.yahoo.com/Entertainment/Music/Artists/Tribute\\_Bands/](http://dir.yahoo.com/Entertainment/Music/Artists/Tribute_Bands/). ZZTop barbudos à maneira, na República Checa? Sim, chamam-se ZZTop Revival Band. Beatles no século XXI? Sim, basta acrescentar ao nome Bootleg, em jeito de prefixo. Clones femininos dos AC/DC? Claro, e com o maravilhoso nome de Helles Belles. Quem quiser ouvir os Led Zepellin pode contratar os Whole Lotta Led. E por aí fora: há Kiss italianos (Kisskonfusão), Rolling Stones "made in USA" (Sticky Fingers), Queen holandeses (Miracle), Beach Boys australianos (The Beach Buddies), Doors alemães (L.A. Doors).

lançamento dos últimos dois álbuns dos U2, na FNAC."

Hoje, já todos "na casa dos trinta", os 2U não lamentam o facto de terem passado ao lado de um álbum de originais. "Era uma coisa que teria de ter surgido naturalmente, não imposta. E há muitas bandas boas, talvez nem haja país para todas", diz João Diona. O que nos traz de volta para o cenário definido por Tozé Brito e criticado por Tiago Santos. Ser original é um problema, hoje em dia?

#### Editoras evitam risco

"A relação entre músicos e editoras está a mudar radicalmente", analisa

Há mais de 30 novos Beatles, incluindo uns do Brazil (The Brazilian Beatles, naturalmente).

Em Portugal actuaram recentemente os Abba Gold, uma das muitas bandas-tributo aos famosos suecos que regressaram à ribalta com o filme "Mamma Mia". Outra, os Bjorn Again, recebeu 35 mil euros em Fevereiro para tocar durante uma hora numa festa particular. Entre as oito pessoas da assistência estava Vladimir Putin, primeiro-ministro da Rússia.

#### Nostalgia e curiosidade

"Já fiz uma vez a conversa a um promotor português para que se realizasse um festival só de bandas-tributo", revela Zé Pedro. A ideia andou por aí, mais exactamente por Guimarães, onde Green Dayz, Coolplay e Probably Robbie (fazendo, naturalmente, as vezes de Green Days, Colplay e Robbie Williams) deveriam ter passado. Mas o festival foi cancelado devido à falta de interesse do público.

Como é possível? Sim, foi em 2006, o conceito de bandas-tributo ainda não estava tão divulgado, mas não havia mesmo ninguém interessado? Pois, não havia. Nesse ano, em 2006, a selecção portuguesa de futebol estava em grande no Mundial e o jogo com a Inglaterra, dos quartos-de-final, calhou mesmo em cima do plano festival...

Não está prevista qualquer coincidência desse tipo para esta noite e um Coliseu de Lisboa cheio vai viajar no tempo, conduzido pelo profissionalismo virtuoso dos Australian Pink Floyd Show. Porque somos "nostalgicos" e queremos matar saudades de outros tempos, como diz Joana Godinho; ou porque os mais novos sentem "curiosidade de ver como era na altura", aventa Zé Pedro.

Seja lá pelo que for, "noutros tempos, seria impensável", garante Tiago Santos: "As pessoas eram fiéis a uma banda, colecionavam os discos. Hoje, essa ligação material não é tão forte, o consumo é mais imediato, ninguém se importa de ir ver uns tipos a imitar." Como diz Tozé Brito, "o importante é a música, não o intérprete". Principalmente se este for bom. "Muitas vezes as pessoas ficam surpreendidas. Não sabem bem o que estão à espera e o que vêem é um verdadeiro espectáculo dos Floyd", explica Jason Sawford.

"Tenho de ir ver", dispara João Diona antes de desligar o telefone.

#### Beatles no século XXI?



Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgdp.pt - www.culturgest.pt  
Bilhetes à venda Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Buihosa (Oeiras Parque), Lojas Abreu, Worten e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: 707 234 234



## Quarteto Remix

Concerto comentado por Rui Pereira

<b>Violino</b> Angel Gimeno	Daniel Moreira Quarteto nº 1, <i>Images-Miroirs</i>
<b>Violino</b> José Pereira	Josef Haydn Quarteto op. 33 nº 2, <i>A piada</i>
<b>Viola</b> Trevor McTait	Alexandre Delgado <i>Pequena Suite Laurisilva</i>
<b>Violoncelo</b> Oliver Parr	György Ligeti Quarteto nº 1, <i>Metamorphosis nocturnes</i>

MÚSICA DOM 29 MARÇO · 11h00 · Palco do Grande Auditório · €2,5 · M6

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

**Culturgest**

Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgdp.pt - www.culturgest.pt Bilhetes à venda Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Buihosa (Oeiras Parque), Lojas Abreu, Worten e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: 707 234 234

#### Quinta 12, 21h30

A Sorte da Minha Irmã  
*Das Glück meiner Schwester*, 1995

#### Sexta 13, 18h30

Primeiros filmes  
Bela Cor Amarela / *Schöne gelbe Farbe*, 1991; Muito Longe / *Weit entfernt*, 1992; Praga, Marco 92 / *Prag, März 92*, 1992; Passei o Verão em Berlim / *Ich bin den Sommer über in Berlin geblieben*, 1993

#### Sexta 13, 21h30

Lugares nas Cidades  
*Plätze in Städten*, 1998

#### Sábado 14, 18h30

Carta branca a Angela Schanelec  
*Rainha de ouros / Queen of diamonds* de Nina Menkes, 1991

#### Sábado 14, 21h30

De Tarde *Nachmittag*, 2007

#### Domingo 15, 18h30

A Minha Vida Lenta  
*Mein langsames Leben*, 2001

#### Domingo 15, 21h30

Marselha *Marseille*, 2004

Filmes legendados em português



Angela Schanelec em De Tarde

## A crueldade depois do teatro

Os filmes de Angela Schanelec Programação: André Dias

CINEMA DE QUI 12 A DOM 15 MARÇO · Pequeno Auditório · €3,5 · M12



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

**Culturgest**

# de matar a música?

hoje em Lisboa. Discutir se são meros clones ou que conhecem e é cada vez mais difícil sobreviver à custa  
Luís Francisco

As memórias de infância do violoncelista brasileiro Antônio Meneses estão repletas de música. O pai era trompista da Orquestra Municipal do Rio de Janeiro e desde muito cedo incutiu aos seus cinco filhos o hábito de ir a concertos e à ópera e a prática da arte dos sons.

Nascido em Recife, em 1957, Meneses lembra-se de ouvir o pai estudar várias horas por dia e das suas conversas constantes com outros músicos. "Foi uma influência muito grande na minha infância e adolescência", conta numa conversa telefónica a partir da Suíça, onde vive. "Devo-lhe também a escolha do violoncelo porque ele tinha a consciência de que no Brasil havia falta de bons instrumentistas de cordas. Os meus quatro irmãos são violinistas na orquestra em que o meu pai tocava e representam uma nova geração que tem hoje uma preparação mais sólida. Demos continuidade ao sonho do meu pai."

Depois de ter estudado com uma professora brasileira que o colocou "no bom caminho", Antônio Meneses mudou-se para a Europa aos 16 anos para trabalhar com o grande violoncelista Antônio Janigro, de quem recebeu lições em Düsseldorf e Stuttgart. "As minhas expectativas eram muito grandes, estava ansioso por aprender o máximo, mas foi quase um choque porque nessa altura o nível musical na Alemanha já era altíssimo."

Saiu-se bem do empreendimento, já que pouco depois foi distinguido com primeiros prémios no Concurso Internacional de Munique (1977) e no prestigiado Concurso Tchaikovsky de Moscovo (1982) e iniciou uma brilhante carreira como solista e como intérprete de música de câmara. Nesta última categoria, destaca-se a colaboração (entre 1998 e 2008) com o Trio Beaux Arts, fundado pelo pianista Menahem Pressler em 1955.

Foi como membro deste lendário agrupamento que Meneses se apresentou várias vezes em Lisboa nos últimos anos, sendo as suas actuações como solista mais raras em Por-

tugal. Amanhã, dia 14, irá tocar pela primeira vez na Casa da Música com a Orquestra Nacional do Porto no Festival Suggia, um programa que reflecte duas facetas cruciais do seu repertório: a herança do Romantismo (presente no Concerto para Violoncelo nº 1, de Saint-Saëns) e a música brasileira, representada pela Fantasia para Violoncelo e Orquestra, de Villa-Lobos.

#### Espírito de missão

Meneses considera-se uma espécie de embaixador da música brasileira, tendo sido responsável pela recuperação de várias obras importantes, entre as quais a Fantasia que vai tocar no Porto e os dois concertos para violoncelo de Villa-Lobos. "Não se pode esquecer que Villa-Lobos também foi violoncelista e que esse foi o seu ganha pão desde a juventude. Conhecia muito bem o instrumento pelo que as suas obras são muito boas e muito bonitas. Para mim é uma espécie de missão fazer com que sejam conhecidas."

Esse espírito de missão estende-se também à música erudita brasileira em geral e à criação contemporânea, em particular. "Sempre toquei música recente, mas nos últimos quatro ou cinco anos tenho-me dedicado muito à música contemporânea brasileira. Solicitei a compositores como Marlos Nobre, Edino Krieger e Clóvis Pereira que escrevessem obras para violoncelo solo para mim e gravei um CD que irá sair em breve. Tenho também vários concertos e concertinos que me foram dedicados."

No entanto, para uma boa parte dos melómanos não é esta a vertente mais conhecida de Meneses, mas sim as suas interpretações do grande repertório da história da música europeia. O seu nome ficou internacionalmente conhecido após a gravação do Duplo Concerto de Brahms na companhia de Anne-Sophie Mutter, sob a direcção de Karajan em 1983, seguindo-se numerosas actuações em parceria com importantes orquestras e maestros mundiais. "Karajan foi um dos maestros mais impressionantes que encontrei em toda a vida, não só pelo que aprendi musicalmente mas também como impulso para a minha carreira", conta o violoncelista. "Mas houve outros que me marcaram muito, como Rostropovich. Foi um privilégio tocar as Variações Rocoó de Tchaikovsky sob a direcção de um músico que era também violoncelista e o maior intérprete dessa obra. Rostropovich foi uma pessoa incrível, capaz de popularizar o instrumento e de fazer com que muitos compositores escrevessem para ele."

Mais tarde, quando começou a colaborar com o Trio Beaux Arts, o pianista Menahem Pressler passou a ocupar um lugar central nas referências de Meneses: "É um dos maiores músicos de câmara do momento, talvez o maior pianista de câmara de todos os tempos."

Pressler tem 85 anos e resolveu pôr um ponto final à actividade do grupo no ano passado, mas a parceria com Meneses prevaleceu. "Gravámos as



**"Os meus quatro irmãos são violinistas na orquestra em que o meu pai tocava e representam uma nova geração que tem hoje uma preparação mais sólida. Demos continuidade ao sonho do meu pai"**

Sonatas para Violoncelo e Piano de Beethoven e temos vários convites para actuar na Europa e no Japão. Ele não pensa em parar. A sua vida é a música e isso é uma grande alegria para mim e para todos os músicos e melómanos."

Se em relação aos intérpretes, o violoncelista enumera com entusiasmo figuras que o marcaram, em relação aos compositores recusa-se a indicar preferências. "O repertório para violoncelo é bastante limitado. Não posso ser como um pianista que dedica a vida inteira a Bach ou a Mozart. Por isso o compositor que estou a tocar no momento é sempre o melhor. O mais importante é entender que música é expressão. Temos de descobrir o que cada obra nos diz de especial e transmitir essa mensagem ao público."

É o que Meneses promete fazer com Saint-Saëns e com o seu compatriota Villa-Lobos, quando amanhã fizer a sua estreia na Casa da Música.

Ver agenda de concertos pág. 41 e segs.



# Antônio Meneses

## um violoncelo entre a Europa e o Brasil

É um dos grandes intérpretes das obras-primas da história da música europeia, mas considera-se também embaixador da música do Brasil. Pela primeira vez na Casa da Música, Antônio Meneses interpreta Saint-Saëns e Villa-Lobos. *Cristina Fernandes*

# silêncio a silêncio

Moirika Reker Gilberto Reis

curadoria João Miguel Fernandes Jorge

**4 Março 18 Abril 2009**  
inauguração 3 Março 3ª feira 18h30



**fundação carmona e costa**  
ESPAÇO ARTE CONTEMPORÂNEA

conversa visita orientada  
16 Abril 5ª feira 18h30  
com  
Moirika Reker  
João Miguel Fernandes Jorge

Edifício de Espanha  
(antigo Edifício  
Bolsa Nova de Lisboa)  
Rua Soeiro Pereira Gomes,  
Lote 1, 6º D  
1600-196 Lisboa (Bairro Santos)  
Tel.: 217 803 003/04  
www.fundacaocarmonaecosita.pt  
+31  
> Sete Rios/Praça de Espanha/  
Cidade Universitária  
apoio | CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Horário  
4ª, 5ª e 6ª, 14h00 > 20h00  
Sábado, 14h00 > 19h00

# casa da música

DOM 15 MARÇO  
22:00 SALA SUGGIA

ciclo  
**jazz**

# JOÃO DONATO

JOYCE voz  
EMÍLIO SANTIAGO voz  
RICARDO SILVEIRA guitarra  
ROBERTINHO SILVA bateria  
LUIZ ALVES baixo

BRASIL  
PAÍS TERÇA 00

Um encontro de figuras notáveis da música brasileira. João Donato, um dos compositores e pianistas mais originais da música popular brasileira desde há 50 anos, convida para este concerto dois cantores célebres do Brasil: Joyce e Emílio Santiago. É acompanhado por um trio de onde sobressai Ricardo Silveira, guitarrista fundamental na internacionalização da música instrumental brasileira.



casa da música

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS DA CASA DA MÚSICA



SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLA PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.

www.casadamusica.com | T 220 120 220

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL · METROPOLITANA · CULTIVARTE



# FESTIVAL TRANS PORTAL

4 A 15 DE MARÇO DE 2009

**TEATRO SÃO LUIZ  
CINEMA SÃO JORGE  
METROPOLITANA  
ONDAJAZZ**

13 de Março, 21h00 - Teatro São Luiz - Jardim de Inverno  
CONCERTO DE HOMENAGEM A GUY DEPLUS

13 de Março, 23h30 - Ondajazz  
CUMPLICIDADE - STÉPHANE CHAUSSE NO ONDAJAZZ

14 de Março, 19h00 - Teatro São Luiz - Jardim de Inverno  
JAVIER BALAGUER E ANIKO HARANGI

15 de Março, 18h00 - Teatro São Luiz - Jardim de Inverno  
MOZART - CONCERTO PARA CLARINETE  
MICHEL PORTAL, AUGUSTIN DUMAY,  
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA



ESPECTÁCULOS PARA M/3  
MAIS INFORMAÇÕES EM  
WWW.TEATROSAO.LUIZ.EGEAC.PT  
WWW.OML.PT

BILHETES À VENDA  
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL  
CINEMA SÃO JORGE  
ONDAJAZZ - TICKETLINE

CO-PRODUÇÃO **SÃO LUIZ** · METROPOLITANA · **culтивarte**

# casa da música

SEX 27 MAR  
21:00 SALA SUGGIA

ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO  
Danail Rachev *direcção musical*  
Andreas Haefliger *piano*  
Alexandra Moura *soprano*



Marcos Portugal *Abertura e Árias de Zaira*  
João Domingos Bomtempo *Sinfonia n.º 1*  
L. van Beethoven *Concerto para piano*  
e orquestra n.º 5, *Imperador*

# Música no tempo de D. João VI

Os compositores favoritos da corte de D. João VI dão o mote a um programa em torno da sua figura e onde o célebre *Concerto Imperador* de Beethoven merece destaque na interpretação do pianista suíço Andreas Haefliger.

onp  
Série Clássica

Palestra pré-concerto por Ana Macia Liberal  
CYBERMUSICA 20:15

EM COLABORAÇÃO COM A COMISSÃO PARA A EVOCAÇÃO DAS INVASÕES FRANCESAS NO PORTO



**orquestra nacional do porto**

SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLA PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.

www.casadamusica.com | T 220 120 220

Peter Brook tem uma maneira de estar em casa com Beckett: sem telemóvel, e com a televisão desligada, como se todo o teatro do dramaturgo irlandês, e sobretudo os pequenos textos que escreveu nos últimos anos, quando tudo o que via quando olhava para o espelho era a morte, fosse um quarto escuro.

Ele foi para o quarto escuro com Beckett em 2006, e sentiu-se em casa, mesmo sem a mobília - sem a tralha - do nosso tempo: "Há sempre necessidade de actualizar as coisas, de as trazer para o presente, mas não forçosa-

mente inserindo telemóveis ou ambientando a história em Bagdad para mostrar como o texto é moderno. É preciso tirar o que nos impede de mergulhar a fundo", disse à "Folha de S. Paulo" a propósito deste espectáculo, "Fragments", que vamos poder ver em Guimarães (Centro Cultural Vila Flor, hoje e amanhã) e em Viseu (Teatro Viriato, dias 16 e 17). Agora que Brook (um encenador que corporiza como nenhum outro o cânone ocidental) tirou tudo o que durante anos toda uma tradição interpretativa andou a pôr em cima de Beckett, des-

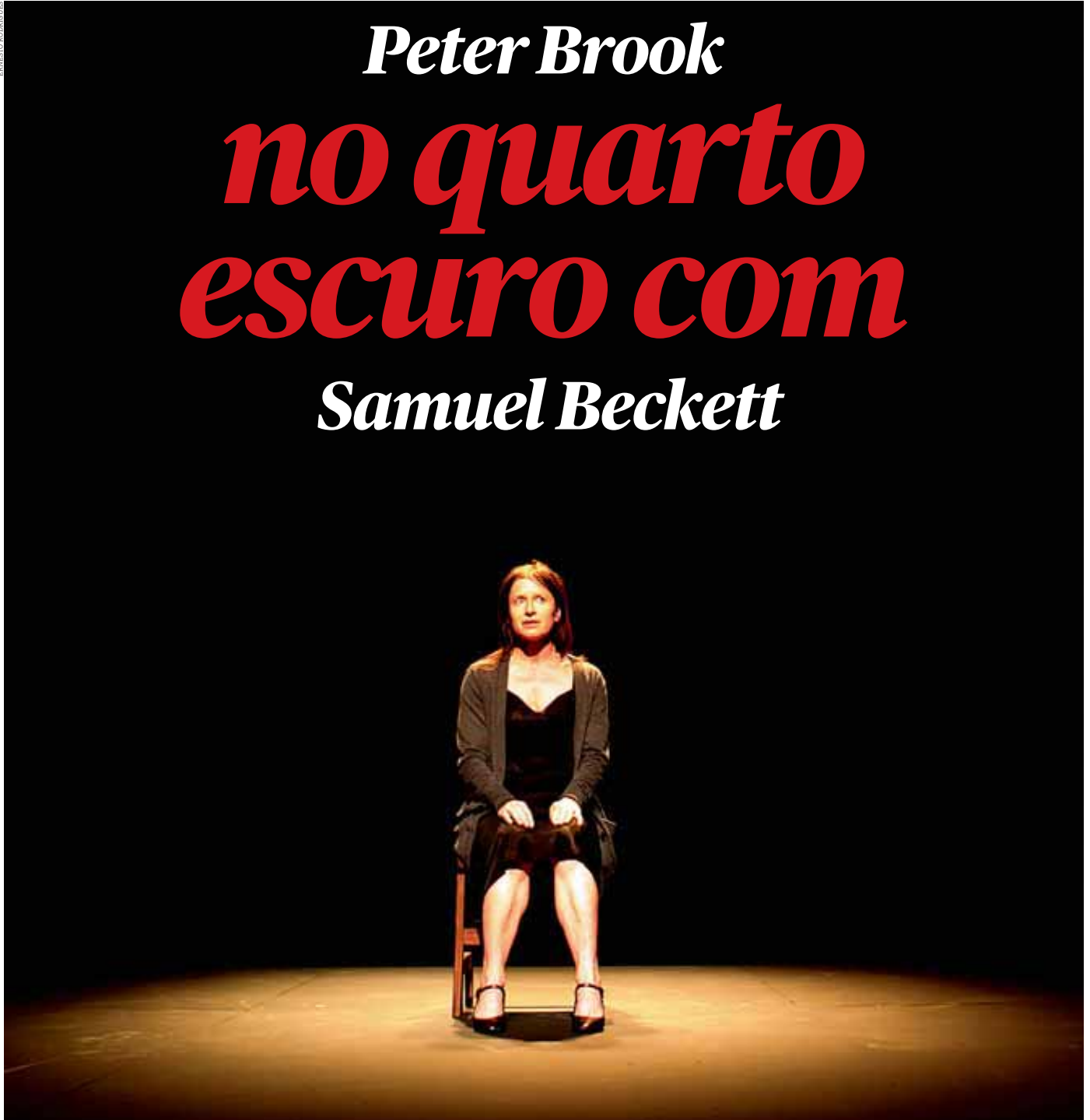
cobrimos que esse lugar onde não há Deus, e onde acabámos sempre a falar sozinhos, não é assim tão inabitável.

Tinha havido uma primeira vez, em 1995, mas o Peter Brook que montou os "Dias Felizes" não era este Peter Brook - era um Peter Brook com mais tralha, e com menos urgência em tirar tudo o que nos impede de mergulhar a fundo, diz ao Ípsilon Marie-Hélène Estienne, colaboradora do Centre International de Création Théâtrale desde 1977 e assistente de Brook em inúmeras montagens, incluindo esta que reúne quatro dra-

matículos de Samuel Beckett ("Fragmento de Teatro I", "Baloço", "Acto sem Palavras II" e "Ir e Vir") e um poema, "Neither", escrito para uma ópera de Morton Feldman.

Tirar tudo, explica, também passou por tirar o que tinha ficado dessa primeira encenação, já póstuma, de uma peça de Beckett: "Foi um outro trabalho, absolutamente. Quando montou os 'Dias Felizes', o Peter [Brook] respeitou escrupulosamente as indicações cénicas; aqui fomos de outra maneira, libertando o texto da forma. Não há sequer cenário. Não

# Peter Brook no quarto escuro com Samuel Beckett



Há muito tempo - desde 1995, o ano em que montou "Dias Felizes" - que Peter Brook não entrava em casa de Samuel Beckett. "Fragments", que vamos poder ver em Guimarães e Viseu já a partir de hoje, é Brook a rodar a chave na fechadura e a descobrir que essa casa continua viva. *Inês Nadais*

tocámos nos textos - não teríamos vontade de mudar o que quer que fosse, nem sequer uma vírgula - mas tocámos nas didascálias. Pedimos autorização a Edward Beckett, que confiou em nós, e isso deu-nos liberdade, por exemplo, para não usar nenhuma cadeira de baloiço em "Baloço", apenas uma cadeira."

A morte de Beckett deu essa liberdade a Peter Brook: foram grandes amigos, mas nunca trabalharam juntos. Teria sido impossível, garante Marie-Hélène Estienne: "Nos anos 60, Beckett e Brook ainda não tinham a mesma 'démarche': Beckett já tinha necessidade de uma depuração radical, e tinha aquela rigidez mítica, Brook estava a fazer coisas muito mais monumentais. Montou-o muito mais tarde: talvez seja preciso tempo para montar Beckett."

É possível que não tivesse voltado a pensar nisso se não fosse ela. Há alguns anos, quando ainda trabalhava sobretudo como jornalista, Marie-Hélène Estienne entrevistou um dos últimos actores de Beckett, David Warrilow, e teve uma epifania: "O Warrilow fez alguns textos curtos que o Beckett escreveu propositadamente para ele. Para mim, esses pequenos textos foram verdadeiras revelações: tocam em tudo tão profundamente quanto os grandes textos. Durante muito tempo quisemos montá-los, mas não conseguimos adaptá-los a nenhum outro actor." Foram fazendo outras coisas - e Brook foi-se tornando, como Beckett, militantemente minimalista. "Em 2006, o Peter nunca teria feito o 'À Espera de Godot'. Aqui havia uma aventura que não há quando se montam as grandes peças, e essa aventura é mostrar um outro Beckett. Quando li pela primeira vez o 'Neither', por exemplo, não fazia ideia de que tinha sido escrito para uma ópera. Todas as nossas escolhas foram feitas assim, em total liberdade."

#### Salvos pelo humor

Agora que estamos sozinhos, no quarto escuro, com o dramaturgo que melhor soudeu as grandes desilusões do século XX - a ausência de Deus, e a nossa absoluta impotência para lidar com o vazio que ficou depois de ele se ir embora - vemos melhor certas coisas. Sim, diz Brook, "Beckett espregueira o escuro abismo da existência humana", mas "o humor salva-o, e salva-nos a nós, de cair lá dentro".

Podemos olhar para a morte, e rir na cara dela: "É surpreendente que Beckett possa ser tão acessível - e que tenha tanta graça. Podemos rir-nos destes textos, que são sobre a vida e a morte, porque eles partem de uma observação muito generosa da humanidade. Esta mulher que se quer matar e que fala sozinho também somos nós: toda a gente fala sozinho todos os dias, Beckett vê a pequenez das pessoas, mas também a sua grandeza, e sempre com uma enorme compaixão, com uma enorme bondade. À sua maneira bizarra, ele é muito generoso", nota a assistente de Peter Brook.

É um Beckett "mais poético" - e de bom-humor. Se não houvesse humor, admite, "isto seria simplesmente aborrecido, simplesmente mau". Estava fora de questão que não houvesse: Beckett "era um irlandês", o humor era mais forte do que ele.

Esse trabalho - o trabalho do texto -, e o trabalho dos actores (Hayley Carmichael, Antó-

**"Nos anos 60, Beckett e Brook ainda não tinham a mesma 'démarche': Beckett já tinha necessidade de uma depuração radical, e tinha aquela rigidez mítica, Brook estava a fazer coisas muito mais monumentais. Montou-o muito mais tarde: talvez seja preciso tempo para montar Beckett"**  
**Marie-Hélène Estienne**

nio Gil Martínez e César Sarachu), são as únicas coisas à vista em "Fragments". Não há efeitos, aqui, e Brook sente-se em casa nessa redução de tudo a três actores (e a uma espantosa direcção de luz), num espaço vazio. "Quando vêm o meu nome, as pessoas pensam que vamos em direcção a algo de espectacular. Isso hoje não me interessa. Se as pessoas vierem à espera de ver os mesmos velhos espectáculos de há 30 anos, à espera de ver fogo-de-artifício, vão ficar desapontados. Já não sei dirigir grandes produções. Deixei-me disso. Gostava realmente daquilo tudo, mas hoje sei que as coisas mais simples me tocam mais profundamente. É nisso que estou interessado e o teatro de Beckett, para mim, é exactamente assim."

Houve uma altura em que, para ele, esta casa era uma prisão, e em que "não via interesse" em submeter-se "à disciplina aterradora de um Beckett". Viveu anos suficientes para entrar no quarto escuro, e para sair de lá com vida, como este teatro que parecia tão condenado como o século XX: "Quando vi os 'Dias Felizes', senti que o Beckett saía da prisão do pessimismo, da prisão de autor sombrio. Depois, ao montar eu próprio esse texto, percebi que ele via com total lucidez a que ponto as pessoas são infelizes, e descobri que havia um Beckett luminoso."

Marie-Hélène Estienne, que fez com Brook essa viagem, diz que finalmente eles foram feitos um para o outro. "O teatro de Beckett corresponde exactamente à maneira como Brook trabalha há muito tempo." Ela sabe, porque tem estado lá para ver: "É verdade que o Peter Brook é único. Não vai por linhas directas, nunca sabemos exactamente o que vai fazer a seguir, e isso é apaixonante. É um caminho muitas vezes inesperado. Com ele, não há viagens aborrecidas. Há viagens difíceis, mas não há viagens aborrecidas."

Ver agenda de teatro pág. 33 e 34.

## casa da música

SEX 20 MAR  
21:00 SALA SUGGIA

ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO  
Takuo Yuasa *direcção musical*  
Liza Ferschtman *violino*

Bedrich Smetana *Abeutura de A Noiva Vendida*  
P.I. Tchaikovski *Concerto para violino e orquestra*  
Bohuslav Martinů *Sinfonia n.º 4*



# Concerto Tchaikovski

Num apelativo programa dominado pelos checos Smetana e Martinů, a ONP acompanha Liza Ferschtman no seu regresso à Casa da Música. Em 2009 celebra-se o cinquentenário da morte de Martinů, um dos mais importantes nomes da cultura checa do século XX, cuja 4.ª Sinfonia é uma obra de rara luminosidade.

onp  
à 6.ª  
Série Clássica

Palestra pré-concerto  
por Fátima Pombo CYBERMUSICA 20:15



orquestra nacional do porto



SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLA PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.

www.casadamusica.com | T 220 120 120

## casa da música

SÁB 21 MARÇO  
22:00 SALA SUGGIA

*direcção musical:*  
PEDRO GUEDES  
CARLOS AZEVEDO  
MIQUEL BERNAT

ATLANTIK FOLK SONGS

# ORQUESTRA JAZZ DE MATOSINHOS + DRUMMING

GRUPO DE PERCUSSÃO

ciclo jazz

Presença regular na Casa da Música ao longo dos últimos dois anos, a Orquestra Jazz de Matosinhos convida desta vez o Drumming - Grupo de Percussão para um projecto centrado nos ritmos do cancionário de raiz tradicional, com obras encomendadas a compositores portugueses e espanhóis de três áreas distintas: contemporânea, jazz e popular.



casa da música

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS DA CASA DA MÚSICA



SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLA PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES E A 2 BILHETES POR PESSOA, POR CONCERTO.

www.casadamusica.com | T 220 120 120



# “A Tempestade” é uma espécie de **exorcista teatral**

A peça que é considerada a última e uma antologia das obras de Skakespeare, “A Tempestade”, também é uma espécie de balanço dos 35 anos do Teatro da Cornucópia. Estreou ontem dando continuidade ao ciclo “A Caverna do Mágico. *Cláudia Silva*

Teatro

Não há a certeza de que “A Tempestade”, escrita em 1611, seja a última peça de William Skakespeare (1564-1616), mas o que é certo entre as pessoas que já a estudaram é que o texto é uma síntese das obras anteriores do dramaturgo inglês. E é neste sentido que se pode entender esta antologia como um “reflexo” do Teatro da Cornucópia, em Lisboa. Esta peça que está em cena desde ontem funciona como uma metáfora dos 35 anos da companhia. É uma espécie de “exorcismo teatral”, onde o actor pode ser actor e não simplesmente uma personagem.

A peça faz parte do ciclo “A Caverna do Mágico”, iniciado em Novembro com “Gigantes da Montanha”, de Luigi Pirandello (encenada por Christine Laurent). As duas peças têm muitas semelhanças entre elas: são consideradas as últimas peças que fazem uma síntese das obras dos respectivos autores, tratam do teatro dentro do teatro, falam de magia e têm como personagem principal um mago. Em ambas, Cintra interpreta o papel de mago, aquele que no teatro dentro do teatro comanda os actores. Daí surge a auto-reflexão.

A proposta do ciclo “foi fazer uma espécie de balanço”. Mas à medida que o encenador se familiarizou com o texto percebeu que as peças não são só sobre o teatro. “O teatro dentro do teatro serve como artifício para falar de temas gerais”, diz.

Em “A Tempestade” fazem-se referências aos espectáculos anteriores da companhia. No cenário, trabalhado por Cristina Reis, são usados elementos de vários espectáculos da companhia, sobretudo dos outros seis espectáculos a partir de Shakespeare que já produziram. “A maneira como estou vestido, e o lugar em que estou no início do espectáculo, é igual ao que tinha quando iniciava ‘Público’ de Federico García Lorca, uma peça que também tem um encenador de teatro ou mágico - que no fundo é a mesma coisa - em cena.”

Talvez uma das coisas que se pode ler nas entrelinhas do espectáculo é a ideia de se “livrar do teatro”. “Ao fim de tantos anos de fazermos teatro e chegarmos aos 60 anos como chegarei este ano, uma pessoa tem a sensação de que uma grande parte da vida escapa à nossa vida de teatro. A ideia do fim da vida torna-se mais importante do que eu julgava.”

Próspero (Cintra), o protagonista, é um mago que controla as outras personagens, “como se estivesse a manipular peças de um xadrez”. Isto, porque tem em seu poder um “espírito do ar”, o Ariel (Dinis Gomes), que pode metamorfosear-se e que só pode ser visto por Próspero. Ariel é quem provoca o naufrágio do barco, onde estão os inimigos e traidores políticos de



**“A maneira de vestir um mito deveria ser a mais simples possível.**

**Peter Brook diz que a única maneira de fazer um mito é com pura fantasia. Acho que ele tem razão, mas não sou capaz de fazer isso. E isto não é a sensação de que falhei, mas de que não sou capaz”**

**Luis Miguel Cintra**

**Luis Miguel Cintra**

**Luis Miguel Cintra**

**Luis Miguel Cintra**

**Luis Miguel Cintra**

**Luis Miguel Cintra**

Próspero, e é assim que estes são levados à sua ilha.

Próspero é aquele que se mantém longe do centro da acção, mas ao dar ordens a Ariel para que provoque o naufrágio ou que junte pessoas num local determina a acção de forma mágica. E é por isso que para Cintra quando, no fim da peça, Próspero liberta Ariel ele consegue livrar-se do teatro para lidar com as coisas mais fundamentais do pensamento: o que pensar dos outros, como se relacionar com os outros, a relação da arte com a vida. “A relação de Próspero com Ariel está associada aos artificios do teatro” e ao deixar Ariel ir embora Próspero abandona os “truques”.

#### Próspero versus Caliban

Existe muita especulação em relação à personagem principal de “A Tempestade”. Será Próspero, o mago, ou Caliban (Nuno Lopes), um selvagem que é escravizado por Próspero depois de violar Miranda (Sofia Marques), sua filha?

Luis Miguel Cintra não conhece outra personagem como um protagonismo absoluto como Próspero. “Um protagonista que é dividido em dois”, porque Ariel pode ser visto como um duplo de Próspero. Mas acha que “o grande papel da peça para um actor é o de Caliban, que permite ser forte, violento”. O problema fundamental é a forma que se dá ao Caliban, que tem sido diversas representações ao longo

dos anos. “Há alguns que lhe dão a forma de bicho ou um índio do Brasil e há outros que colocam um actor negro a representá-lo.” Isto porque há quem defenda que Shakespeare criou Caliban em referência ao colonialismo. “Caliban é considerado diferente das outras personagens. Acho que Shakespeare não limitaria esta personagem” só à questão colonialista.

O poeta britânico W.H Auden, estudioso das obras de Shakespeare, disse que, em “A Tempestade”, o dramaturgo, mais do que uma peça de teatro, conseguiu escrever um mito. O encenador não sabe o sentido deste mito, mas explica que a história de “A Tempestade” é construída de uma forma que pode ser “vestida” com uma diversidade de assuntos que têm a ver com a nossa civilização. E diz que talvez tenha falhado na encenação de “A Tempestade” por ter dado uma representação limitada ao mito criado por Shakespeare. “Quando eu digo que, se calhar, falhei, é porque tenho demasiada consciência que ao dar forma a um mito o limitamos a um determinado sentido. A maneira de vestir um mito deveria ser a mais simples possível. Peter Brook diz que a única maneira de fazer um mito é com pura fantasia. Acho que ele tem razão, mas não sou capaz de fazer isso. E isto não é a sensação de que falhei, mas de que não sou capaz.”

Ver agenda de teatro pág. 33 e 34

**Ariel (Dinis Gomes), espírito do ar e Miranda, filha de Próspero (Cintra), o mago. Ariel pode ser visto como um duplo de Próspero, diz o encenador**

Na breve história do século XXI há uma era a.l. e uma era d.l. - um tempo anterior e um tempo posterior ao (re)nascimento da Índia. Até há quatro, cinco anos, e apesar dos seus milhões de habitantes, a Índia era um buraco no mapa dos discursos artísticos contemporâneos. Havia umas quantas referências soltas, claro. Mas nada de mais. Até que, pouco a pouco, o rugido do tigre se começou a fazer ouvir. A culminar no estrondo da chuva de Óscares sobre "Quem quer ser bilionário?"

É soprar a cortina de fumo e "Quem quer ser bilionário?" - ou "Slumdog Millionaire", na versão inglesa de Danny Boyle - surge como filme-pretexto, oportunidade para todo um "statement": a assinatura pública de um contrato de amizade à força. Não é que o Ocidente não goste da Índia. Pelo contrário. Melhor ou pior, o Ocidente sempre gostou da Índia. Mas até há algum tempo podia dar-se ao luxo de a tratar como a uma bailarina exótica, sem se dar ao trabalho de a (re)conhecer. Neste momento sabe que tem que começar a olhar nos olhos, de igual para igual, o seu maior aliado no "fastforward" da reconfiguração das grandes forças mundiais em que gigantes como a Rússia ou a China parecem surgir mais como ameaças do que como qualquer outra coisa.

Naturalmente, Constanza Macras não estava a pensar em nada disto quando, em 2001, deu por si feita turista accidental na Nova Lorque em estado de sítio dos dias que se seguiram aos atentados do 11 de Setembro, quando, com Manhattan fechada, acabou a passar os seus dias entre Brooklyn e Queens, mais concretamente entre Brooklyn e Little India.

"Big in Bombay", o espectáculo que traz hoje e amanhã ao Centro Cultural de Belém, em Lisboa, nasceu, pois, em Nova Lorque na altura dos atentados que mudaram o mundo, mas, Macras, uma das referências da dança feita em Berlin, não se arma de falsas inocências: "É claro que se, de repente, estamos todos a descobrir a Índia é por motivos económicos", diz-nos a dada altura. "Comigo, o que aconteceu foi que comprei imensos filmes de Bollywood e fiquei fascinada." Fascinada com o quê? "Com a sofisticação das estratégias de manipulação do público", explica.

Manipulação, pois: antes de se deixar fascinar por Bollywood, há já uma data de tempo que Macras, que nasceu e cresceu na Argentina, andava a pensar no papel da indústria do entretenimento nos países do terceiro mundo, na lógica escapista de uma série de manobras de diversão institucionalizadas, fundadas sobre

estratégias de nomeação e repetição. Nisso e na forma como nas cidades os espaços de espera e transição são os únicos onde muitas vezes temos tempo para pensar.

#### Vitória dos intocáveis

Corta e cola - isto é "Big in Bombay": uma sala de espera em que uma série de personagens improváveis - nada mais, nada menos do que 25 bailarinos - mergulham num delírio em estilo "patchwork" pop, slogans políticos misturados com os ritmos de Bollywood reinterpretados à luz da lógica da dança contemporânea europeia, "ma non troppo".

Constanza Macras já esteve em Portugal, mas foi há muito - em 1999, no Festival Danças na Cidade -, antes de ter uma companhia e de se tornar num dos nomes-referência da cena artística berlinense, aquela onde hoje tudo acontece, e onde a Schaubühne, a que está ligada, é o teatro mais importante. "Big in Bombay" é uma estreia em grande, portanto. Ou, antes, a vitória dos intocáveis.

Aqui vivemos uma espécie de apocalipse "waldisneyano", baseado na ideia de que há uma vida a correr invisível no subsolo, lá, onde se desenvolvem grande parte das actividades "menores" das grandes cidades, baseado também na ideia de que

**"Comprei imensos filmes de Bollywood e fiquei fascinada com a sofisticação das estratégias de manipulação do público"**

**Constanza Macras**

depois de uma era "disneyuclear" os repovoadores do mundo seriam os desprezados pelo mundo da luz, à superfície.

Soa a metáfora? É suposto. Grande parte da cultura indiana nasceu em metáfora e Bollywood, a Bollywood em que Macras se baseou para este trabalho, é uma pedra fundamental do que essa cultura é hoje. Sempre duas a três horas de filme em que as sucessivas capas de leitura se vão levantando, da mais simples e popular à mais sofisticada. Uma hora e meia de riso, até a comédia se transformar em tragédia; uma hora e meia de riso e dança até à morte terrível de uma das personagens; uma hora e meia de riso, música e dança até uma história de amor se tornar numa história de

política - a lógica é sempre a mesma: entreter para passar a mensagem.

Os bailarinos de Macras foram treinados por uma especialista em Bharathanatyam e muitas das cenas em vídeo foram filmadas entre Bombaim e Culcutá: "Há uma personagem na peça, inspirada num filme em que uma personagem passa metade do tempo sem saber que não tem braços", conta Macras. "O que é incrível na Índia é que a cultura popular é tão forte e está tão enraizada que quando estávamos a filmar as cenas em que essa personagem entrava as crianças sobre o impacto que elas têm."

"Sholay" é um dos, se não o maior "blockbuster" de sempre da cinematografia hindi, adaptação livre de "Once Upon a Time in the West" - os críticos britânicos entraram no seu próprio mundo de referências quando o viram e cunharam o termo "curry western", inspirado no "western spaghetti" de Sergio Leone. Mas haverá outros momentos de "déjà vu". Constanza Macras já o disse: interessa-lhe a forma como as imagens se criam e reproduzem. É um género.

Ver agenda pág. 33 e 34

# Bollywood

## é Bollywood é dança

"Big in Bombay" é um "patchwork" de cultura pop fundado sobre a lógica de escapismo da indústria do entretenimento. Um batalhão de 25 bailarinos em cena para um delírio "made in India, made in Germany". A primeira passagem da companhia de Constanza Macras por Portugal, no Centro Cultural de Belém, hoje e amanhã. *Vanessa Rato*



**Dança**

# Paul Thek

## o fabuloso artista que está a voltar a acontecer-nos

Paul Thek foi grande nas décadas de 60 e 70, tão grande que quando morreu, em 1988, ninguém parecia saber muito bem o que fazer com o seu fantasma. Agora é um gigante que está a voltar a acontecer-nos. Em Madrid o Museu Reina Sofia apresenta-o em 350 obras. Tempo de rever a História. *Vanessa Rato, em Madrid*



**"Tar Baby"**  
1975-1976

Da série "The Personal Effects of the Pied Piper"

Há quem o veja como um artista de artistas, um desses seres subterrâneos que nunca conseguiram ou nunca procuraram um lugar ao sol, uma dessas figuras não necessariamente malditas, apenas caídas por entre as malhas da História, inadequadamente reconhecidas pela crítica e o grande público apesar de idolatradas pelos seus pares. Acontece ser mais truculento do que isso o caso de Paul Thek, fabuloso artista-revolução que temos a felicidade de estar agora a voltar a acontecer-nos.

É que chegou a ser grande - foi grande na Nova Iorque arrojada e experimental dos anos 1960 e 1970, o mesmo que dizer que foi grande, ponto.

Nascido em Brooklyn durante a Grande Depressão numa família católica e com um percurso errante por uma série de escolas de arte - a Art Students League, o Pratt Institute, a Cooper Union... -, tinha 31 anos quando, em Novembro de 1964, foi convidado para uma primeira exposição individual na Stable Gallery, a mesma que apenas seis meses antes apresentara ao mundo as "Brillo Boxes" de Andy Warhol. Tinha 35 na primeira das suas duas passagens pela mítica Documenta de Kassel. Pelo caminho houve Roma, Paris, Veneza,

**A Paul Thek é preciso oferecermo-nos de corpo inteiro, sem reticências, olhos e coração bem abertos. Liberdade, sensualidade, irreverência, subversão, dissipação de fronteiras: entregamo-nos e é isto que nos envolve - um erotismo terrivelmente inteligente em que o mundo inteiro se funde numa procissão de êxtase dionisiaco**

**"The Dwarf Parade Table"**  
1969

Londres, Amesterdão, Colónia, Estocolmo... Em finais dos anos 1960 e até meados dos anos 1970 Paul Thek estava em todo o lado, incluindo em todas as revistas de arte. O mesmo Paul Thek a quem Susan Sontag, a caminho de se tornar numa das mais influentes intelectuais norte-americanas do século XX, dedicaria o seu primeiro livro de ensaios e uma das suas obras maiores: "Contra a Interpretação" (1966).

Deste marco para uma contemporaneidade interessada na metafísica, no poder mágico e encantatório da obra de arte, ficaria uma frase-manifesto, conhecida até hoje de cor por pessoas de todo o mundo: "Em vez de uma hermenêutica precisamos de uma erótica da arte." Estas foram as palavras da ruptura com o cânone do pensamento crítico do pós-guerra que Sontag via como uma espécie de empirismo bacoco e hiper-racionalista, um fixador de sentidos protocolares irremediavelmente agarrado à dissecação do conteúdo e da forma e, por isso, submerso num mundo espectral de significados secundários, eternamente alheio à luminosidade



Paul Thek em 1976





## Exposições

da coisa em si. “O que é importante hoje”, escreve Sontag, “é recuperar os nossos sentidos. Temos de aprender a ver mais, a ouvir mais, a sentir mais.” Entramos no Museu Reina Sofia, na sequência de salas onde até 20 de Abril se apresenta o enorme corpo composto por cerca de 350 das obras de Paul Thek, e percebemos exactamente o que isto quis dizer, à época, para Sontag. Entra-nos pelos poros.

### De coração aberto

A Paul Thek é preciso oferecermo-nos de corpo inteiro, sem reticências, olhos e coração bem abertos. Liberdade, sensualidade, irreverência, subversão, dissipação de fronteiras: entregamo-nos e é isto que nos envolve - um erotismo terrivelmente inteligente em que o mundo inteiro se funde numa procissão de êxtase dionisíaco.

Pintura seguida de desenho seguido de escultura seguida de colagem seguida de instalação; referências à Antiguidade e ao romantismo com aproximações à BD e ao “cartoon”; o maior rigor académico com a mais calculada

displacência formal, o natural mais intocado com o construído mais sofisticado, o carnal extremo com o asséptico mais “sleek”: já todos vimos muito disto - ou pelo menos já todos vimos muito de qualquer coisa que tenta chegar aqui, a esta incrível intensidade - e talvez por isso a maior das revelações seja, a dada altura, lembrarmos-nos de que Thek não é um artista dos anos 00, foi um artista lá atrás na História, ombro a ombro com os minimalismos e a Pop.

Não se trata de intemporalidade, trata-se da contemporaneidade de uma linguagem que se foi tornando mais viva e transparente a cada nova década; um idiolecto, a linguagem de uma só pessoa que, entretanto, aprendemos todos a falar.

Paul McCarthy, Mike Kelley, Thomas Hirschhorn, Damien Hirst, Matthew Barney, Jonathan Meese - lembramos-nos de todos, em algum momento, mas, antes de mais, está Francis Bacon: é nele, na ferocidade da sua anti-metafísica carregada de entranhas e visceras que começamos por pensar.

As duas séries de esculturas que desenvolveu a partir de 1964, para a sua primeira exposição na Stabler Gallery, Thek chamou “Meat Pieces” (“peças de carne”) e “Body Casts” (“moldes do corpo”), ainda que pos-

teriormente acabassem por se ver genericamente designadas como “Technological Reliquaries” (“relicários tecnológicos”) - entramos no Reino Sofia e temos isto: simulacros de carne feitos de cera e expostos dentro de mostruários de vidro e ferro.

Inicialmente, são peças pequenas e simples, mas que, ao longo do tempo, se foram transformando em estruturas cada vez mais sofisticadas, as maiores das quais com mais de dois metros de altura, feitas em pléxiglas amarelado-limão, como cápsulas vindas do (ou a enviar para o) espaço.

“A ideia da carne em pléxiglas divertia-me, porque pensava que se ria da cena [artística nova-iorquina] onde o jogo parecia ser ‘até que ponto podes ser frio e refinado?’. Ninguém nunca mencionava nada que parecesse real. O planeta estava a desmoronar-se (...) e eu ia a uma galeria e havia um monte de gente elegante a olhar para coisas que não diziam nada sobre nada a ninguém”, explicaria Thek mais tarde.

A Warhol, sobre as suas “Brillo Boxes”, diria: “Tudo o que lhes falta é um bocadinho de carne dentro” - a Factory acabaria por lhe mandar uma caixa que ele abriu e a que chamou “Meat Piece with Warhol Brillo Box”. Foi pouco antes do nascimento dos “Body Casts”, variação sobre as “Meat

Pieces” tornadas arqueologia de um tempo por vir.

O “cyberpunk” dos anos 1980 haveria de ser assim, com a transpiração seca de um limbo entre o passado e o futuro, o “high” e o “low tech”, o humano e o tecnológico, o açucarado e o repugnante, o onirismo mais “naïf” e a vulgaridade mais baixa, quase obscena.

Um rosto, supostamente o do artista, língua de fora com “piercing”; um braço solto, armadura feita de asas de borboleta; um pé, sandálias de cabedal, como um anjo ou um guerreiro romano: muito se especulou sobre a base católica dos “Technological Reliquaries”. Thek, que passara dois anos em Itália, entre 1962 e 1964, e que durante um Verão siciliano visitara as catacumbas de Palermo, falaria do impacto da visão de mais de oito mil corpos expostos em sarcófagos de vidro, a decorar o espaço como flores: “[As minhas esculturas] são agnósticas. Não levam a lugar nenhum, excepto talvez a uma espécie de liberdade. A dissonância das duas superfícies, o vidro e a cera, agrada-me... Espero que tenham a inocência dessas criptas barrocas da Sicília.”

Em Palermo, terá aberto um dos sarcófagos e pegado naquilo que lhe pereceu um pedaço de papel mas que era, na verdade, um pedaço de carne seca: “Senti-me estranhamente aliviado e livre. Aceitamos a nossa qualidade de objecto intelectualmente, mas a aceitação emocional [desse facto] pode ser uma alegria.”

### A origem da tragédia

Thek poderá ter nascido numa família católica, mas dizia-se um cristão renegado, descrevia-se como Goethe - “cientificamente panteísta, poeticamente politeísta, moralmente mono-teísta” - e norteava-se pelo modelo apolíneo-dionisíaco proposto por Nietzsche em “A Origem da Tragédia”. Em algumas aproximações biográficas, diz-se que, a dada altura, Sontag, que estudara Literatura e Filosofia, lhe passara essa obra juntamente com algumas outras e que Thek as devorara numa só noite. Mais tarde, já perto do fim, faria várias telas alusivas às trocas intelectuais entre ambos. Uma delas, de fundo amarelo muito vivo e datada de 1987, tem escrito a rosa em cursivo infantil “Susan Lecturing on Nietzsche”. Do mesmo ano há uma tela rosa com uma frase a roxo: “An Erotics of Art”.

Isto foi no fim, quando Thek se tinha já apagado do mercado, gigante tor-

nado fantasma em vida, com empregos precários em supermercados e hospitais e sem dinheiro para pagar os tratamentos anti-retrovirais que lhe custavam mil dólares por mês. Mas antes do fim houve uma primeira morte.

Lá atrás, em 1967, e em eterno conflito com a cena artística nova-iorquina - “Uma praga... a mais mortal de todas as mortais”, Thek, prestes a mudar-se para a Europa, encena a sua morte em “The Tomb”, o primeiro dos seus “environments”, trabalhos devedores de uma lógica de imersão total do espectador e com abertura suficiente para poderem ser alterados a cada nova apresentação através da eliminação ou inclusão de elementos.

Em “The Tomb” - mais conhecida como “Death of a Hippie”, título a que Thek se opunha completamente - a forma da pirâmide presente em todos os relicários transformou-se num espaço à escala humana, um interior rosa choque habitado por uma auto-representação do artista feita em cera e também vestida de cor-de-rosa.

Deitado por terra, dedos das mãos cortados, olhos fechados e língua pateticamente de fora, Thek transitava para outro nível: na mesma semana em que inaugura no Stable Gallery esta peça, trampolim da sua verdadeira consagração, embarca rumo à Europa com uma bolsa Fulbright para voltar definitivamente apenas já nos anos 1980.

“[The Tom] é uma grande obra de arte. É um santuário do anti-americanismo, do antipatriarcal. Mesmo assim, fala uma linguagem dos Estados Unidos, uma linguagem baixa e suja”: foram as palavras de Mike Kelley em 1992, três anos antes da primeira grande retrospectiva dedicada a Thek. O título dessa mostra diz tudo: “Paul Thek: the wonderful world that almost was”, “Paul Thek: o mundo maravilhoso que quase aconteceu” - foi uma iniciativa de um museu Europeu, o Witte de With, de Roterdão.

### A Europa fundamental

Thek volta então à Europa em 1967 e na Europa multiplica a incrível variedade de materiais na sua obra e desenvolve a lógica de trabalho de “The Tomb” em projectos cada vez mais complexos, muitos dos quais intitulados “Procession...”, num jogo de referências que incluiu a expressão “process” (“processo”, como em processo artístico) mas que se cola ao imaginário dos rituais cristãos (“procissão”) - “A Procession in Honor of Aesthetic Progress: Objects to Theoretically →

MERIDIONAL  
TEATRO

ACOLHIMENTO



# MENINOS COSMOS

DE VÍRGILIO ALMEIDA

9 MARÇO  
A 12 ABRIL

ENCENAÇÃO  
TERESA SOBRAL

UM ESPECTÁCULO  
PARA A INFÂNCIA  
E JUVENTUDE

Seg. a Sex.  
grupos escolares  
Sáb. Dom. e  
Feriados às 15h

Tel. 218 689 245

www.teatromeridional.net

ESTRUTURA FINANCIADA

APÓD





5.º FESTIVAL DE MÚSICA SACRA DO BAIXO ALENTEJO

# TERRAS SEM SOMBRA 2009

Do Velho ao Novo Mundo

24 DE JANEIRO DE 2009 | 21H30  
CASTRO VERDE  
Basílica Real de Nossa Senhora da Conceição  
Pedra Irregular:  
O Nascimento do Barroco em Portugal  
SETE LÁGRIMAS  
CONCERTO DE ABERTURA

7 DE FEVEREIRO DE 2009 | 21H30  
ALMODÓVAR  
Igreja Matriz de Santo Ildefonso  
La Dévotion du Grand Siècle:  
Música Sacra Francesa no Tempo de Luís XIV  
LUDOVICE ENSEMBLE

28 DE FEVEREIRO DE 2009 | 21H30  
ALVITO  
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção  
Sileti Ventis:  
Os Mestres do Barroco  
CONCERTO CAMPESTRE

14 DE MARÇO DE 2009 | 17H30  
SANTIAGO DO CACÉM  
Igreja Matriz de Santiago Maior  
MASTERCLASS-WORKSHOP DE CRAVO\*  
FLÁVIA ALMEIDA CASTRO  
MÁRIA JOSÉ BARRIGA

\* Sujeito a inscrição

14 DE MARÇO DE 2009 | 21H30  
SANTIAGO DO CACÉM  
Igreja Matriz de Santiago Maior  
Frente a Frente:  
A Música Barroca em Duo de Teclas  
FLÁVIA ALMEIDA CASTRO  
MÁRIA JOSÉ BARRIGA

21 DE MARÇO DE 2009 | 17H30  
BEJA  
Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres  
Do Velho ao Novo Mundo  
MANUEL PEDRO FERREIRA  
(UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA)  
CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

28 DE MARÇO DE 2009 | 21H30  
BEJA  
Igreja de Santa Maria da Feira  
O Esplendor Luso-Brasileiro  
nos Finais do Século XVIII e Principios do XIX  
CORO GULBENKIAN  
CONCERTO DE ENCERRAMENTO

MAIS INFORMAÇÕES EM  
www.terrassemombra.com  
e-mail: info@terrassemombra.com | dpd@bispapo.pt  
Tel: +351 284 320 916  
Fax: +351 284 320 052



“Meat Piece with Butterflies”  
1966  
Da série “Technological Reliquaries”

**Pintura seguida  
de desenho seguido  
de escultura seguida  
de colagem seguida  
de instalação;  
referências à  
Antiguidade e ao  
romantismo com  
aproximações à BD e  
ao “cartoon”; o maior  
rigor académico com  
a mais calculada  
displícência formal,  
o natural mais  
intocado com o  
construído mais  
sofisticado**

← Wear, Carry, Pull or Wave” (1968), por exemplo.

Estratégias próximas das de movimentos como o Fluxus, a Arte Povera e o Accionismo Vienense parecem óbvias. E tal como em quase todos estes movimentos, a cooperação com outros artistas marca também definitivamente a obra de Thek na Europa. Um dos exemplos é “Ark, Pyramid”, projecto desenvolvido pela Artist’s Coop (“cooperativa do artista”), o colectivo com que trabalharia muito tempo e com o qual estaria na Documenta de 1972, é também o caso da peça com que se apresentou na Bienal de São Paulo de 1985, enquanto representante oficial dos EUA, uma grande jangada - “Noah’s Raft” (“a jangada de Noé”) - que construiu com crianças de rua.

Entre os precursores chave da arte processual, da crítica institucional, do trabalho cooperativo como prática social, Thek, um “bricoleur”, modelo do artista socialmente activo que em 1968 expusera ao lado de Joseph Beuys em Kassel apreciando a sua “Soziale Plastik” (mas não a sua “falta de humor” e “pose”), dá por si de volta a Nova Iorque em 1987 a escrever a Franz Deckwitz, amigo e que membro frequente da “Artist’s Coop”, a propósito de uma mostra da Mokotoff Gallery: “A minha exposição aqui, em Nova Iorque, foi Escolha da Semana no ‘Village Voice’. Fiquei muito contente, depois de tantos anos fora dos Estados Unidos... Mas... Não vendi nada, como sempre.” Em Janeiro desse ano escrevera também a Deckwitz sobre a vontade de ingressar no mosteiro da Cartuxa da Transfiguração, em Mount Equinox, Vermont. Em princípios de Fevereiro comunicara aos amigos o que os médicos lhe haviam dito, pedindo sigilo. Escreve a Deckwitz: “O meu médico diz-me que,



“A Station of the Cross”  
1972

segundo todos os indícios, estou a desenvolver sida. Não sei o que é que isso vai implicar...” Noutra carta, explica: “Tenho que assumir o facto de que talvez só viva uns quantos anos mais, talvez” menos. (...) Escrevi à gente de Baden-Baden a pedir que NÃO ANULEM NEM ADIEM as datas da exposição. Seria uma lástima que a retrospectiva NÃO se fizesse ENQUANTO ainda estou vivo! ‘Depois’ será MUITO MAIS DIFÍCIL...”

Peter Hujar, amigo de sempre, talvez um dos amantes entre os homens e mulheres com quem Thek teve casos fugazes, morre a 26 de Novembro desse mesmo ano, também com sida.

## Entre a obsessão e a depressão

Num dos textos da monografia agora lançada pelo Reina Sofia, o colecionador Harald Falckenberg, presidente do Kunstverein de Hamburgo, diz que Thek oscilou toda a vida entre a obsessão e a depressão: “Era astuto, afectuoso, encantador e divertido, tinha visões e um agudo sentido de justiça, mas era capaz de descer de forma abrupta a fases de desprezo por si mesmo, de profundo desespero, de conduta abusiva inclusivamente contra os seus melhores amigos, e de isolamento incondicional.”

Flackenberg sugere esta instabilidade como um dos motivos da relação bicuda entre Thek e algumas instâncias de afirmação artística. Cita também uma carta a Sontag, muito próxima da data da morte, em que é clara a forma como duvida de si mesmo. Agradecendo-lhe tê-lo ajudado a conseguir uma bolsa da Fundação Krasner-Pollock, escreveu: “Muito obrigada por responderes sobre o meu bom carácter (?) e NECESSIDADE.”

Por então, Thek estava retirado num pequeno apartamento no Lower East Side, não longe da Bowery, na altura uma zona de rendas baixas e criminalidade alta. Data desta altura grande parte das suas belíssimas “Newspaper Paintings” - pinturas feitas sobre papel de jornal, tidas como uma referência à temporalidade e ao declínio, num estilo que alguém descreveu já como “flutuante”, por uma única e tênue

passagem de tinta pelas superfícies base, atmosferas rarefeitas, pouco mais do que sugeridas das quais desaparece a figura humana; ficam as paisagens e objectos, muitas figuras ligadas ao imaginário infantil.

É hospitalizado em finais de Julho de 1988 e morre a 10 de Agosto, nomeando Bob Wilson, para quem fizera cenografias nos anos 1970, como testamenteiro. A notícia da sua morte, publicada no dia seguinte no “New York Times”, diz muito da forma como a cena nova-iorquina da altura (não) olhava para ele. São cinco parágrafos anónimos e secamente informativos que acabam por aproximar a sua obra ao surrealismo de Salvador Dali. Nos dois primeiros parágrafos nem sequer um indício sobre a sua importância: “Paul Thek, um artista melhor conhecido por instalações com objectos a retratar cenas surrealistas de morte e renovação, morreu ontem no Lenox Hill Hospital em Manhattan. Tinha 54 anos. Sheyla Bayakal, uma amiga, disse que as causas da morte foram complicações resultantes de hepatite e doença gastrointestinal.”

Ainda no seu texto, Falckenberg aponta algumas obras de referências em que Thek não é sequer mencionado. “Art Since 1900”, de Hal Foster, Rosalind Krauss, Yves-Alain Bois e Benjamin Buchloh é uma delas.

Em meados dos anos 1990 o crítico britânico Stuart Morgan diria: “Há artistas que cerram os dentes, traçam a sua estratégia, fazem o seu trabalho e têm sucesso. E há artistas como Paul Thek. Fugitivo, pouco prático, Thek colaborou com outros durante grande parte da sua vida... não é que o êxito inicial de Thek e o seu fracasso final tenham feito parte de uma época perdida. O que se perdeu foi o significado dessa vida nessa época: uma vida de viagens, comunas e festivais, de drogas e promiscuidade, mas, acima de tudo, talvez, de expectativas de futuro. Agora sentimos que sabemos mais, as grandes esperanças dos anos sessenta eram infundadas.”

Estamos em 2009 e sabemos isto: que a História não se pode reparar, mas está sempre a tempo de ser revista.

A jornalista viajou a convite da TurEspania

# AGENDA CULTURAL FNAC

entrada livre

APRESENTAÇÃO

AO VIVO

LANÇAMENTO

EXPOSIÇÃO

## CICLO DE PROJECCÕES CICLO 50 ANOS MOTOWN

16 - 31.03.

FNAC COLOMBO | FNAC MAR SHOPPING | FNAC NORTESHOPPING | FNAC STA.CATARINA | FNAC VASCO DA GAMA



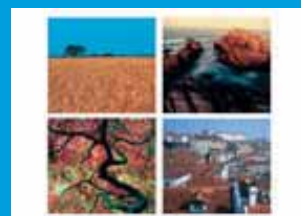
CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA POESIA

## UMA TERTÚLIA, QUATRO POETAS

Antologias de Almeida Garrett, António Nobre,  
Cesário Verde e Florbela Espanca

Com João Luís Barreto Guimarães, Jorge Reis-Sá, Manuel António Pina e Rui Lage

19.03. 21H30 FNAC NORTESHOPPING



AO VIVO

## KÁTIA GUERREIRO

Fado

13.03. 22H00 FNAC COIMBRA

14.03. 17H00 FNAC STA. CATARINA

14.03. 22H00 FNAC NORTESHOPPING



LANÇAMENTO

## PAISAGENS DOS CONFINES

Fernando Gil

Organização: Maria Filomena Molder

Apresentação por João Lobo Antunes e Danièle Cohn

19.03. 19H00 FNAC CHIADO



EXPOSIÇÃO

## 10 RETRATOS, 10 ESCULTURAS

Fotografias de Alexandre Delmar

Novo Talento Fnac Fotografia 2008, Menção Especial

19.02. - 22.04.2009 FNAC GAIASHOPPING

novotalentosfnac



Apoio:

# ípsilon



[www.fnac.pt](http://www.fnac.pt)

# EXPOS



Os esquemáticos rostos gravados em pedra formam uma espécie de arquivo de possíveis estados de espírito



Peter Kogler

## Ao alcance de todas as mãos

Passados seis anos, novas pinturas de Ângelo de Sousa. Oscar Faria

**Mibom**  
De Ângelo de Sousa.

Porto. Galeria Quadrado Azul Ql. R. Miguel Bombarda, 435. Tel.: 226097313. Até 11/04. 3ª a 6ª das 10h às 19h30. 2ª e Sáb. das 15h às 19h30. PortoarteContemporânea.

Pintura.

★★★★★

Esteve quase seis anos sem pintar. Há três semanas ainda não existia nenhum dos quadros agora expostos nos dois espaços da galeria Quadrado Azul, no Porto. Em 15 dias, Ângelo de Sousa (1938, Maputo), pressionado pela proximidade da exposição (inaugurou sábado), regressou aos acrílicos, às telas, a um território em pouso desde 2003. Desse esforço, surgiram dois conjuntos, a série "Mibom", que dá título à exposição e se relaciona directamente com os desenhos para o pavimento da renovada Rua Miguel Bombarda, e um grupo de obras que dá continuidade às últimas pinturas reveladas. É como se Ângelo nunca tivesse parado - e, de facto, nunca esteve propriamente imóvel, basta pensar nos papéis e esculturas, algumas públicas, feitos nos últimos anos.

O título "Mibom" resulta da contracção do nome Miguel Bombarda. O resultado não deixa de ter o humor muito próprio de Ângelo, uma característica que passa para os seus trabalhos.

É de desenho que se deve falar primeiro quando se aborda a dupla exposição agora proposta. Tudo começa no exterior, na rua, onde o transeunte, se optar por uma atitude algo "shoegaze" - os olhos postos no chão -, é confrontado com dezenas de "carantonhas". Os esquemáticos rostos gravados em pedra - eles reduzem-se a traços e pontos que definem os olhos, o nariz, a boca e as sobrancelhas, sendo o contorno definido pela forma quadrada das pedras onde se inscrevem - procuram tipificar uma série de expressões faciais, formando uma espécie de arquivo de possíveis estados de espírito de quem por ali anda, potencializando um inesperado efeito de espelho, até mesmo por oposição ("eu hoje não me sinto assim").

Publicado no catálogo que

acompanha a exposição, há um texto no qual Ângelo explica todo processo de encomenda e

realização do pavimento da

Miguel Bombarda, onde são visíveis as "carantonhas". O artista, que realizou o seu trabalho "sem qualquer remuneração", dá-nos conta das dificuldades, dos atrasos e dos boatos associados a uma obra projectada em 2000 e só agora finalizada. Diz-nos:

"Pela minha parte, nunca tive conhecimento, oficial ou não, do que estava a acontecer (ou ia acontecer)." A renovada artéria ficou pronta, com oito anos de atraso, para as inaugurações de 7 de Março, tal como as pinturas foram terminadas em tempo contra-relógio de modo a serem reveladas na mesma ocasião - os acrílicos foram fixados com resurso a um secador de cabelos de 1800 watts -, ficando apenas a dúvida se estas não já séries encerradas, porque elas acrescentam novos desdobramentos ao trajecto prolífero de Ângelo.

A desmultiplicação das formas é mesmo um dos núcleos centrais do trabalho do artista. Tudo começa num traço, que depois foge por todos os lados, em infinitas possibilidades. Por isso, a obra de Ângelo parece nunca acabar, acabando por desconcertar quem a observa cuidadosamente.

Se, num primeiro instante, tudo parece estar no lugar certo - e isto também é verdade - existe, contudo, um outro facto é o permanente deslocar do centro de gravidade de cada quadro, como se cada pintura sofresse sucessivas e ligeiras tonturas - provocadas por uma linha, uma cor, um espaço em branco -, mantendo o espectador num permanente estado de atenção.

Há, portanto, subtis efeitos ópticos visíveis, quer num mesmo quadro, quer na relação das telas umas com as outras.

Uma leitura apenas formal reduz em demasia a forte personalidade destas obras - tudo podia ser reduzido a analogias preguiçosas, vendo-os apenas enquanto representações de cruzes ou de uma casa. As pinturas constituem antes manifestações, quer de uma rigorosa geometria, quer de um desarmante desprendimento conceptual.

Puro e humorado prazer visual, os trabalhos de Ângelo. Não se vêem hesitações; encontram-se, sim, instantes em que a tinta salpicou, desfocou, gotejou, derramou, borrou mesmo. E tudo assim ficou, como marcas da rapidez de um processo - por contraste com a lentidão da renovação da rua. O artista parece estar a jogar - e aqui as peças são não só as "carantonhas" mas também algumas outras formas simples, que podem ou não desdobrar-se - sendo que a grelha presente nos trabalhos mais próximos dos desenhos visíveis no piso de Miguel Bombarda acentua a dimensão lúdica dessas telas.

Tudo parece regressar a um princípio, às primeiras obras do artista, ao seu "Catálogo de Algumas

Formas ao Alcance de Todas as Mãos", um desenho de 1970-71. Até porque esta dupla exposição - em cada uma é ainda incluído um espelho, memória de outras instalações - é, antes de tudo, sobre desenho, sobre o desenhar, lugar no qual tudo se inicia, na rua ou nas galerias.

## Um arquivo generoso e aberto

Exposição que religa o espectador com a História. José Marmeleira

**Arquivo Universal - O Documento e a Utopia Fotográfica**

De El Lissitzky, Martha Rosler, Lewis Hine, John Grierson, Allan Sekula, entre outros.

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Praça do Império - Centro Cultural de Belém. Tel.: 213612878. Até 03/05. 6ª das 10h às 22h. 2ª a Dom. e Feriados das 10h às 19h.

Fotografia, Outros.

★★★★★

"Arquivo Universal - a condição do documento e a utopia fotográfica moderna", no Museu Coleção Berardo, é uma exposição grande, extensa, quase extenuante ou não fosse constituída por mais de mil fotografias além de muitas publicações e vários filmes.

Solicita, portanto, uma visita lenta, porventura a realizar durante mais de um dia. Mas não perde o carácter urgente ou o reptu que a atravessa. Na verdade, as obras ali reunidas ganham um sentido renovado pelo tempo e pela história (da fotografia, dos homens).

Organizada pelo Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA) numa co-produção com o Museu Coleção Berardo, "Arquivo Universal" revela, segundo o comissário Jorge Ribalta, um itinerário possível do género documental na história da fotografia, construído a partir de uma série de debates e "relatos". O objectivo é sugerir hipóteses ou aventar questões, num



gesto pouco preocupado com as "leis" ou a autonomia do campo artístico: pergunta-se pelo futuro do documento ao mesmo tempo que se desenham viagens pelos terrenos da antropologia e da sociologia.

A montagem obedece à presença de três momentos ("Políticas da Vítima"; "Espaços Fotográficos Públicos" e "Topografias, Cultura da Paisagem e Transformação Urbana") que, por sua vez, se dividem em diversos núcleos, e não enjeita o surgimento de tensões entre as obras e justaposições mais arriscadas. Veja-se, neste último caso, o "inferno" da vítima (o explorado, desempregado, o faminto, o desapaixado), segundo Lewis W. Hine, Walter Balhause ou Morris Engel em confronto com a ideologia que "compõe" o quotidiano da família operária de Arkady Shaikhet & Max Alpert; e no primeiro, a rigidez dos arquétipos de José Ortiz Echague diante das cenas do Sul de Itália de Franco Pinna ou a distância que separa André Malraux, e o seu Museu Imaginário, do trabalho documental na Argélia do sociólogo Pierre Bordieu.

No interior deste Arquivo Universal coexistem, assim, arquivos distintos, diríamos, até, opostos. Há-os construídos pelo Estado com fins persuasivos e educadores ou apenas afectos à experiência do indivíduo e da comunidade e com a intenção de documentar a condição humana na sua identidade mais nua, mais universal.

O último núcleo parece, todavia, interromper esta relação ao desafiar as pretensões à inocência e à fidelidade da fotografia realista, com obras de Martha Rosler, Allan Sekula ou Dan Graham: a simplicidade e a naturalidade do medium e das suas imagens são postas em causa através do uso da projecção de slides, da introdução de texto ou do livro de artista.

"Arquivo Universal" arrisca terminiar num impasse (ao qual se acrescentam problemas como a timidez da presença da fotografia portuguesa e a ausência de legendas nos filmes assinados por realizadores como Pasolini, Joris Ivens ou Humphrey Jennings). Afinal, que caminhos restam à fotografia? Pode ser ainda, em simultâneo, arte e documento? Representar o mundo? A resposta mais directa esteve, provavelmente, na apresentação de "Arquivo Universal" no MACBA, da qual fizeram parte obras encomendadas a 15 fotógrafos sobre a capital catalã - William Klein, David Goldblatt, Andrea Robbins e Max Belcher ou Allan Sekula.

Mas tal incompletude não lhe retira relevância e, sobretudo, generosidade numa altura em que poucos ousam representar o futuro. Uma generosidade que surge especialmente assinalada na apresentação, no seu formato original, da série de Dorothea Lange. É ela que entre a arte, a fotografia e o documento, mostrando o que tem para mostrar e nada mais (corpos debruados pelo desespero), abre e fecha este arquivo.

### Agenda

#### Inauguram

**Bethan Huws: Fountain**  
Porto. Museu de Serralves. R. Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 17/05. 3ª a 6ª das 10h às 17h (última admissoão às 16h30). Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h (última admissoão às 18h30). Inaugura 13/3 às 22h, performance "Tableau Vivant, Black and White Animals" às 17h nos Jardins de Serralves. Escultura, Instalação, Performance, Outros.

**Raoul De Keyser: Aguarelas**  
Porto. Museu de Serralves. R. Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 03/05. 3ª a 6ª das 10h às 17h (última admissoão às 16h30). Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h (última admissoão às 18h30). Inaugura 13/3 às 22h. Pintura.

**One Life Event/Evento De Uma Vida/Eine Leben Event**  
De Rita GT.  
Lisboa. Empty Cube. R. Acácio Paiva, 27 R/C. Tel.: 919379652. 6ª das 21h30 às 00h (apresentação única).

**Peter Kogler**  
Lisboa. Museu Coleção Berardo. Pç. do Império-CCB. Tel.: 213612878. Até 31/05. 6ª das 10h às 22h. 2ª a 5ª, Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h. Inaugura 16/3 às 19h30. Instalação, Outros.

**This is What I Do**  
De Graça Pereira Coutinho.  
Lisboa. Carlos Carralho - Arte Contemporânea. R. Joly Braga Santos, Lot F - 75c. Tel.: 217261831. Até 28/04. 2ª a 6ª das 10h às 19h30. Sáb. das 12h às 19h30. Inaugura 18/3 às 21h30. Desenho, Fotografia.

**Nadir Afonso Século XXI**  
De Nadir Afonso.  
Coimbra. Ed. Chidao. R. Ferreira Borges, 85. Tel.: 239840754. Até 22/05. 3ª a 6ª das 10h às 18h. Sáb. das 10h às 18h. Pintura.

**Topologias**  
De Edgar Martins.  
Lisboa. Museu do Oriente. Av. Brasília - Ed. Pedro Álvares Cabral - Doca de Alcântara Norte. Tel.: 213585200. Até 19/04. 6ª das 10h às 22h (última admissoão às 21h30). 2ª a 5ª, Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 18h (última admissoão às 17h30). Inaugura 19/3 às 18h30. Fotografia.

**Beautiful Strange**  
De Gerald Petit.  
Lisboa. Caroline Pagés Gallery. R. Tenente Ferreira Durão, 12 - 1º Dto. Tel.: 213873376. Até 09/05. 2ª a Sáb. das 15h às 20h. Inaugura 19/3 às 22h. Fotografia, Outros.

**Mesa**  
De Eduardo Matos.  
Lisboa. Galeria Quadrado Azul - Lisboa. Lg. dos Stephens, 4. Tel.: 213478280. Até 30/04. 3ª a Sáb. das 13h às 20h. Inaugura 19/3 às 22h. Fotografia, Escultura, Outros.

# Teatro/Dança

KEVIN COMBES/REUTERS



## Encontros

O Teatro Municipal de São Luiz vai dedicar sete dias ao teatro, entre 23 e 30 de Março, com "Os Dias do Teatro". A 27, Dia Mundial do Teatro, Harold Pinter está no centro, com o biógrafo do dramaturgo e crítico de teatro do "Guardian" Michael Billington à conversa com Graça Lobo e Jorge Silva

Melo, às 22h. Mas há ainda mais coisas como a entrega dos prémios da Associação de Críticos de Teatro ou o debate "Teatro em Lisboa: que estratégias?", dia 30, às 19h, com Catarina Vaz Pinto, António Pinto Ribeiro, Nuno Artur Silva e Pedro Costa.



"A Tempestade"

PAULO CINTRA

## Vendedoras de arte deses-peradas

"Transações" de David Williamson é a estreia de João Reis na encenação. Com Catarina Furtado, no Teatro Maria Matos. Henrique Mourão

### Transações

De David Williamson. Encenação: João Reis. Com Catarina Furtado, António Durães, Carlos Gomes, Joaquim Horta, Lígia Roque, Mafalda Vilhena, Marta Furtado.

Lisboa. Teatro Municipal Maria Matos. Av. Frei Miguel Contreiras, 52. Até 03/05. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 17h00. Tel.: 218438801. 20€ e 15€

Loren é uma vendedora de arte inexperiente no mercado da arte e parece ser a única que aprecia realmente a obra que tenta vender. "Otários necessitados de ascensão social" é como chama aos possíveis compradores.

"Transações", de David Williamson, anda à volta disto: da ganância, da sede de estatuto e dos segredos dos "obscenamente ricos". É a estreia de João Reis como encenador, estreou ontem e vai estar em cena no Teatro Maria Matos, em Lisboa, até 3 de Maio.

Para um vendedor de arte existem poucas oportunidades como esta. O dono do último quadro de Jackson Pollock (1912-1956) em mãos privadas vai divorciar-se e quer vender o quadro rapidamente. Loren, também ela afinal desejosa de ascender social e financeiramente, mas apaixonada pela pintura, encontra possíveis compradores para fazer um leilão não oficial e ingenuamente compromete-se com o dono do quadro a vendê-lo por um preço elevado, o que coloca em risco a relação com o seu marido Gerry (Carlos Gomes). Gerry é um psiquiatra frio e calculista que não apoia o investimento de Loren e quer que ela abandone o mercado da arte. Receia perder o estilo de vida que conseguiu adquirir, em particular o seu apartamento de Manhattan com uma bela vista, e deixa bem claro quem coloca em primeiro lugar.

Loren "gosta genuinamente de arte. Não é conhecedora, mas uma admiradora", explica Catarina Furtado que interpreta o papel da vendedora de arte que "acredita genuinamente nos seus planos".

Enquanto tenta vender a pintura de Pollock, aproxima-se dos seus possíveis clientes. Entre um homem com ódio

homofóbico pelo filho mais novo, outro que teve uma operação plástica falhada ao pénis e uma mulher com uma paixão secreta por Loren cada um dos clientes esconde terríveis segredos e o seu interesse pelo quadro nada tem a ver com arte.

Kel e Mindy (Joaquim Horta e Marta Furtado) são um jovem casal de novos-ricos que enriqueceu com o crescimento das novas tecnologias. Quando Loren lhes mostra a pintura, Mindy apaixonou-se imediatamente pelo quadro. Mas Kel mantém-se céptico - vê o quadro como um mau investimento para o futuro e também tem dúvidas quanto ao interesse da mulher, julga que é apenas um capricho consumista.

Outra possível cliente é Dawn Gray (Lígia Roque). Doutorada em Belas-Artes, Gray é uma artista falhada que se tornou consultora para uma multinacional. Não gosta de Pollock, mas faz uma oferta para o quadro e pretende adquiri-lo para a empresa como uma vingança pessoal contra outro dos interessados.

Os últimos são o casal Manny e Phyllis Davis (António Durães e Mafalda Vilhena). Phyllis, que tem "vergonha da porcaria pendurada lá em casa", quer o quadro para impressionar os amigos. Manny é um homem rico, orgulhoso e competitivo que está relutante em adquirir a pintura, porque pertence a um rival, o homem que se vai divorciar.

João Reis descreve "Transações" como uma "comédia negra", onde o "mercado de arte é um pretexto para revelar as personagens". O título português, "Transações" ("Up for the Grabs", título original, não tem uma tradução directa para português), vai para além do universo específico da peça, explica o encenador. Remete para pessoas dispostas a tudo para subir na vida e faz um trocadilho com o calão brasileiro, "transar", que significa acordar algo, combinar ou ter relações sexuais.

"Up For The Grabs" foi escrita pelo dramaturgo australiano David Williamson e encenada em Londres por Laurence Boswell, em 2002, com Madonna no papel principal. Tal como a versão londrina, o nome da actriz principal pode sobrepor-se ao da peça, mas João Reis não acredita que a presença de Catarina Furtado signifique que a peça seja automaticamente um sucesso. Já Catarina Furtado acha que apesar de haver pessoas que vão ao espectáculo por sua causa, há outras que não vão por ela lá estar.

O projecto surgiu como um desafio de Catarina Furtado e é quase familiar: além de João Reis e Catarina Furtado serem marido e mulher, Marta Furtado é irmã de Catarina.



## A voz dele era rouca como o vento

### A Noite

De Al Berto. Encenação: João Brites. Com Ana Lúcia Palminha, Pedro Gil.

Lisboa. Teatro Nacional D. Maria II. Pç. D. Pedro IV. Até 05/04. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h45. Dom. às 16h15. Tel.: 213250835. 12€.

Passaram-se 11 anos desde que Al Berto, ou Alberto Raposo Pidwell Tavares, morreu. João Brites recorda a sua obra e vida em "A Noite", espectáculo a partir de "Apresentação da Noite" (Assirio & Alvim, 2006) e outros textos do poeta de Sines, no Teatro D. Maria II, em Lisboa.

Beno (Pedro Gil) dorme sentado numa velha cadeira em roupa interior, com o corpo coberto por uma gabardina curta de "espião". Fala durante o sono e é acordado quando alguém bate à porta, mas não a abre. Quando se levanta da cadeira anda e coxeia lentamente pelo quarto como um velho.

Cansada de esperar, Alba (Ana Lúcia Palminha) entra no quarto. Veste uma longa gabardina de homem que lhe tapa todo o corpo, revelando apenas os sapatos, um par de saltos altos vermelhos. Traz consigo uma mala, move-se como um homem e senta-se junto de Beno de forma masculina, revelando as longas pernas. Os dois vão-se aproximando, ficam íntimos. Alba vai-se despindo, cada vez mais feminina, enquanto Beno se veste. Ficam cada vez mais parecidos, tornam-se num só ou no reflexo um do outro, enquanto a intimidade entre ambos aumenta. Alba é a morte apaixonada por Beno que se torna na sua eterna companheira.

João Brites, que conhecia o poeta desde os 17, 18 anos, não tinha conseguido até agora transportar a sua obra para os palcos. Depois de ler "A Apresentação da Noite", que se tornou o esqueleto da peça, sentiu a necessidade de a completar com outros textos do poeta e recorreu a excertos de "À Procura do Vento num Jardim d'Agosto", "Lunário", "Três Cartas da Memória das Índias", "Dispersos" e "O Medo".

Quería mostrar o lado mais inocente que conheceu. E também o Al Berto pintor (o poeta estudou pintura em Bruxelas de 1967 a 1971) e "a desconstrução que ele fazia na pintura e transpunha para a poesia".

Parte das dificuldades em encenar "A Noite" advém dos textos "serem profundamente literários", explica Teresa Lima, responsável pela oralidade da peça. Queriam evitar que a peça se tornasse num recital e apesar de a poesia lá estar ela não está "sublinhada", diz o encenador. H.M.

## Agenda

### Estreiam

#### Fragments

Encenação: Peter Brook. Com Hayley Carmichael, António Gil Martinez, César Sarachu. Viseu. Teatro Viriato. Lg. Mouzinho Albuquerque. De 16/03 a 17/03. 2ª e 3ª às 21h30. Tel.: 232480110. 10€ e 20€ Guimarães. Centro Cultural Vila Flor. Avenida D. Afonso Henriques, 701. De 13/03 a 14/03. 6ª e Sáb. às 22h. Tel.: 253424700.10€

Ver texto pág. 24 e 25

#### A Mãe

De Bertolt Brecht, Hanns Eisler (música). Encenação: Gonçalo Amorim. Com Bruno Bravo, Carla Galvão, Carla Maciel, Carlotto Cotta, David Pereira Bastos, Mónica Garnel, Paula Diogo, Pedro Carmo, Raquel Cardoso, Romeu Costa.

Lisboa. Culturgest. Rua Arco do Cego - Edifício da CGD. De 19/03 a 22/03. 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 17h. Tel.: 217905155. 12€ (5€ para -30 anos).

#### Uma Longa Jornada para a Noite

De Eugene O'Neill. Encenação: Rogério de Carvalho. Com Teresa Gafeira, Marques D'Arede, Elmano Sancho, Laura Barbeiro, Luís Ramos. Almada. Teatro Municipal de Almada. Av. Professor Egas Moniz. De 18/03 a 19/04. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h. Dom. às 16h. Tel.: 212739360. 6€ a 13€.

### Blue



De David Mamet. Encenação: João Lagarto. Com Afonso Lagarto, Joana Bárcia, Jorge Silva, José Peixoto, Sérgio Praia. Amadora. Espaço Cultural Recreios da Amadora. Avenida Santos Mattos, 2. De 18/03 a 05/04. 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 214927315. 5€. Reservas: 916648204, 218140825 ou teatrodosaloes@sapo.pt.

### Dois Homens

De José Maria Vieira Mendes. Encenação: Carlos Pimenta. Com Ivo Alexandre. Almada. Teatro Municipal de Almada. Av. Professor Egas Moniz. De 14/03 a 05/04. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 212739360.6€ a 11€.

### A Verdadeira Treta

De Eduardo Madeira, Filipe Homem Fonseca. Encenação: António Feio, José Pedro Gomes. Com António Feio, José Pedro Gomes. Lagos. Centro Cultural de Lagos. R. Lançarote de Freitas, 7. De 13/03 a 14/03. 6ª e Sáb. às 21h30. Tel.: 282770450.

### A Tempestade

De William Shakespeare. Encenação: Luis Miguel Cintra. Com António Fonseca, Dinis Gomes, Duarte Guimarães, João Pedro Vaz, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luis Miguel Cintra, Márcia Breia, Nuno

OSGÉ PERALTE

Catarina Furtado é Loren, uma negociante de arte

# esta noite improvisa-se

de Luigi Pirandello

tradução Luís Miguel Cintra e Óscar Mateus

5 Mar a 5 Abr

4ª a sáb. 21h30 dom. 16h00

Informações e Reservas  
reservas@teatro-dmaria.pt  
Tel. 21 325 08 35

www.teatro-dmaria.pt  
ticketline  
www.ticketline.pt | 707 234 234

ARTISTAS UNIDOS

Artistas Unidos Associação para a Promoção das Artes

MIC PARTES INDIANOS e outros parceiros

## ÀS TERÇAS IMPROVISA-SE!

Master Class | de Jorge Silva Melo

Paralelamente à apresentação de *Esta Noite Improvisa-se* de Luigi Pirandello, no TNDM II, Jorge Silva Melo e os Artistas Unidos realizam duas sessões públicas de demonstração dos seus métodos de trabalho.

1ª SESSÃO:  
O CAMINHO MAIS CURTO  
[24 de Março]

3ª Feira, às 18h30 | Sala Garrett

Público-alvo: Público em geral, profissionais e alunos de artes cénicas

2ª SESSÃO:  
OS ACTORES COMEÇAM DEPOIS DO QUE É DITO  
[31 de Março]

3ª Feira, às 18h30 | Sala Garrett

Público-alvo: Público em geral, profissionais e alunos de artes cénicas

Preço  
10€

Inscrições  
reservas@teatro-dmaria.pt  
Tel. 21 325 08 35

Informações  
Tel. 21 325 08 28



"Esta Noite Improvisa-se"

### Viagens com bolso

## Império



Alexandra Lucas Coelho

No dia em que eu nasci, dezenas de homens estavam muralhados no "campo da morte lenta". Quando se queixavam da comida, iam 30 dias para a solitária. Quando se queixavam dos 30 dias ficavam mais 30 dias. Quando isso não chegava eram espancados. A água era salobra ou do poço com excrementos de animais. O mesmo chão insular onde quase nasci, dito Chão Bom, Cabo Verde. Muitas dezenas de homens ditos "terroristas".

O vocabulário não muda.

Entre sábado à noite e domingo vi nove horas de imagens, os primeiros nove episódios de "A Guerra", de Joaquim Furtado, porque é difícil ver um e parar. Não digo "o nosso país" ou "a minha pátria", digo "Portugal", "os portugueses", e sou avessa a trabalhos de grupo desde a escola, mas a História também pode ser uma questão íntima.

Talvez seja aquilo a que Rimbaud chamou mau sangue - ou a necessidade de o cortar pela raiz, que é a revolução.

O vocabulário não muda, e o colonizador toma como prioridade dizer que não é colonizador até isso se tornar verdade. Foi assim que as colónias portuguesas se transformaram em províncias ultramarinas, com todo o vocabulário que continua a ser utilizado onde continuam a existir colónias e colonizados.

O governo incentiva "o povoamento" de zonas conquistadas. Os colonos "dão trabalho aos indígenas" na exploração das riquezas. Um dia os "indígenas" transformam-se em "terroristas" e atacam "a traição". Os colonos armam-se para "defender o que construíram". O governo manda tropas para "defender a pátria". As famílias despedem-se do filho que vai "cumprir o seu dever" e isto é o Império.

E a maior parte da população acredita, porque primeiro não sabe e depois é perigoso. Em ditadura morre-se mesmo de saber e querer que os outros saibam. Ao Tarrafal chamou-se "campo da morte lenta" por causa dos opositoristas que eram trazidos de Portugal nos anos 30, 40 e 50, e ali morriam, torturados, doentes, fritos no cimento.

Quando a guerra colonial começou, o Tarrafal foi reciclado para "terroristas" africanos. Mas muitos nem chegaram a ser presos,

morreram antes, lá nos confins das matas, de Angola, de Moçambique ou da Guiné, à mercê de fazendeiros, comerciantes ou senhores de posto, certamente tementes a Deus. Como diz um caçador em "A Guerra", os portugueses fizeram "coisas um bocado chatas", quando rebentou a revolta nas colónias. Coisas como crucificar homens, enforcá-los para ver se ejaculavam ou espetar-lhes um prego na cabeça até caírem mortos.

E depois há o que milhares de militares portugueses viram e se viram a fazer durante longas comissões de serviço em África.

Tudo isto estava a acontecer há vários anos quando eu nasci e continuou a acontecer durante vários anos, enquanto no Hotel Ritz se organizavam passagens de modelo com saias rodadas de tafetá e as esposas do regime empacotavam bacalhau para o Natal dos militares. Tanto lenço branco a emocionar Salazar. Tanto povo a gritar Angola é Nossa. Tanta gente a acreditar que as coisas são assim e não podem ser de outra maneira.

A gente quer sempre acreditar, não acreditar é uma escurdão, e de vez em quando o Império dá a ver a gente, como naquele poema de Mário Cesariny: "Vamos ver o povo / que lindo é / Vamos ver o povo / dá cá o pé / Vamos ver o povo / Hop-lá! / Vamos ver o povo / já está."

O império diz sempre "nós" e não gosta que lhe respondam "eu".

viagenscombolso@gmail.com

### Agenda

← Lopes, Pedro Lamas, Ricardo Aibéo, Rita Durão, Paulo Moura Lopes, Sofia Marques, Tiago Matias, Vítor D'Andrade.

Lisboa. Teatro da Cornucópia - Bairro Alto. R. Tenente Raül Cascais 1A. Até 26/04. 3ª a Sáb. às 21h00. Dom. às 16h00. Tel.: 213961515. 15€

Ver texto pág. 26

#### Variações Enigmáticas

De Eric-Emmanuel Schmitt.

Encenação: João Mota. Com Carlos Paulo, Álvaro Correia. Lisboa. Teatro da Comunidade. P. Espanha. Até 31/12. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h00. Tel.: 217221770. 10€ e 7,5€

#### Só (R) RIR 2009- Festival de Humor de Estarreja

Estarreja. Cine-Teatro Municipal de Estarreja. Rua do Visconde de Valdemouro. Tel.: 234811300.

#### Black Vox

De Ana Lázaro, Patrícia Andrade, Ricardo Neves-Neves. Encenação: Ana Lázaro, Patrícia Andrade, Ricardo Neves-Neves. Com Ana Lázaro, Patrícia Andrade, Ricardo Neves-Neves, Sílvia Figueiredo, Vítor Oliveira.

Lisboa. Casa Conveniente. Rua Nova do Carvalho, 11 (ao Cais do Sodré). Até 15/03. 2ª a Dom. às 21h30. Tel.: 964096484.

#### Esta Noite Improvisa-se

De Luigi Pirandello. Encenação: Jorge Silva Melo. Com António Simão, Cândido Ferreira, Cecília Henriques, João Meireles, John Romão, Lia Gama, Sara Belo, Sílvia Filipe, entre outros.

Lisboa. Teatro Nacional D. Maria II. P. D. Pedro IV. Até 05/04. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h00. Tel.: 213250835. 7,5€ a 16€.

### Dança

#### Estreiam

#### Big in Bombay

Companhia: Companhia Constanza Macras. Coreografia: Constanza Macras.

Lisboa. Centro Cultural de Belém. Praça do Império. De 13/03 a 14/03. 6ª e Sáb. às 21h. Tel.: 213612400. 30€

Ver texto pág. 27

#### Ladrões de Almas

De Eva Ângelo (vídeo). Coreografia: Joana Providência. Com Ainhoa Vidal, António Júlio, Andreas Dyrdal, Tânia Matos, Andrea Moisés.

Braga. Teatro Circo. Av. Liberdade, 697. Dia 19/03. 5ª às 21h30. Tel.: 253203800. 10€ a 25€

#### Mecanismos/In-Tensões

Coreografia: Joana Providência. Bailarino: Joana Providência. Braga. Teatro Circo. Av. Liberdade, 697. Dia 19/03. 4ª às 21h30. Tel.: 253203800. 10€ a 25€

#### Sudden Showers of Silence

RootlessRoot. Coreografia: Jozef Frukce, Linda Kapetanea.

Montemor-o-Novo. Cine-Teatro Curvo Semedo. Lg. Dr. António José de Almeida. De 19/03 a 20/03. 5ª e 6ª às 21h30. Tel.: 266898104.

#### Masculine

Companhia Paulo Ribeiro. Com Miguel Borges, Peter Michael Dietz, Romeu Runa, Romulus Neagu. Faro. Teatro Municipal de Faro. Hora das Figuras - EN125. Dia 14/03. Sáb. às 21h30. Tel.: 28988100. 20€ a 25€.



Augusten serve-se de incidentes da sua vida pessoal com a destreza de quem manipula detonadores

## Ensaio

### Momentos de existência

Deliciosos “fragmentos” de escrita apresentados sob a forma de narrativa contínua. O melhor livro de Pamuk. **José Riço Direitinho**

#### Outras Cores

Orhan Pamuk (tradução de Miguel Romeira) Editorial Presença, €22,00

★★★★★



Este é o primeiro livro do escritor turco Orhan Pamuk (Istambul, 1952) publicado depois de o Comité Nobel o ter distinguido em 2006. Nele reúne “ideias, imagens e fragmentos de vida que ainda não encontraram lugar” nos romances que escreveu, são “ensaios sobre a vida, a arte, os livros e as cidades”; e também uma extensa e reveladora entrevista dada ao magazine “The Paris Review”, um conto autobiográfico e o texto integral do discurso de agradecimento do Prémio Nobel (a emocionada história “A Mala do Meu Pai”).

Para um leitor que conheça a obra romanesca de Pamuk, os textos assim reunidos ilustram aspectos que os romances apenas desvelaram: as influências literárias e como estas se expressaram, a sua posição política face ao regime turco e à Europa, a sua “esquizofrenia” cultural (à imagem da cidade de Istambul) que o faz

balançar inteligentemente entre o Ocidente e o Oriente, vivendo “instavelmente nas margens da Europa”, e a visão ambivalente de um continente de “portas fechadas” que ora se apresenta como uma miragem desejada, uma “visão do devir”, ora como um

perigo receado. Para quem desconhece os romances do autor turco, este livro é bastante mais do que uma introdução à “complexa simplicidade” de uma obra ímpar e fascinante.

A melancolia e alguma solidão, tão características das histórias de Pamuk, atravessam também estes escritos, quer ele se refira aos mais recorrentes dos seus temas autobiográficos - os tempos da infância numa Istambul que agora é apenas quase feita de memórias, e a sua relação com a figura paterna por vezes ausente -, quer ele escreva sobre os momentos que precederam a sua ida a tribunal (arriscando uma pena de três anos de prisão), acusado de “ter denegrido publicamente a identidade turca” depois de em Fevereiro de 2005, numa entrevista a um jornal suíço, se ter referido à chacina de um milhão de arménios e de trinta mil curdos pelas tropas turcas durante a I Guerra Mundial. Este episódio, que o trouxe para as páginas dos jornais do Ocidente e que originou manifestações de solidariedade de vários escritores (as “mês-línguas” atribuem a este facto a razão de um Nobel apressado), é, aliás, o que lhe provoca uma sanha mais destemperada contra a Turquia, ao afirmar que “num país que homenageia os seus paxás, santos e polícias sempre que pode, mas recusa homenagear os seus escritores até que eles tenham passado anos em tribunais e prisões, não posso dizer que tenha ficado surpreendido por ser levado a julgamento.”

Muitas são as páginas, neste “Outras Cores”, que Pamuk dedica ao ofício de escritor. Divaga elegantemente e sem pretensões sobre o amor aos doze mil livros que fazem a sua biblioteca, sobre a sua “dose diária de literatura” de que precisa como de um remédio, sobre os alfarrabistas que já quase não existem numa cidade e num país em que os leitores são olhados “de lado”, sobre as dez horas diárias que se obriga a passar no seu escritório onde a janela, com vista para o Bósforo, está sempre aberta para que entrem os sons que habitam Istambul, sobre as memórias de quando escreveu os primeiros romances e sobre as necessidades de um escritor, que segundo ele “precisa [apenas] de papel e caneta, e do optimismo de uma criança que olha o mundo pela primeira vez”. Diz ainda que uma das maiores qualidades de um escritor é a paciência, essa capacidade de esperar pelo momento (que nunca se sabe quando chega) para entrar nesse mundo mágico da literatura depois de se sentar a uma secretária.

Mas é quando analisa os livros dos outros, quer sejam de escritores que o influenciaram ou de autores seus contemporâneos, que a sua argúcia e inteligência mais se faz notar. Em poucas dezenas de frases, por norma não mais de duas ou de três páginas, consegue dissecar brilhantemente a obra de autores como Thomas Bernhard (cujo sentimento que o resume é a “renúncia”), Céline (de quem diz que a sua obra é “a crónica

de uma luta constante”), Sartre, André Gide, Nabokov, Dostoiévski, Sterne, Stendhal, Vargas Llosa ou Salman Rushdie, todo um catálogo virtuoso. E de maneira irónica, entre outros assuntos, como o da “literatura do Terceiro Mundo”, interroga-se ainda sabiamente sobre a natureza mediterrânica, escrevendo que “foi através dos escritores da Europa do Norte que as gentes do Mediterrâneo descobriram que eram mediterrânicas. As origens do temperamento mediterrânico não se encontram em Homero ou em Ibní Haldun, mas (...) nas viagens mediterrânicas de Goethe e Stendhal”.

Será estranho, ou desprestigiante, dizer de um romancista que o seu melhor livro não é um romance? Pamuk não será o primeiro, também Kundera escreveu “A Arte do Romance”.

## Danos colaterais

A condição do escritor: idiossincrasias, publicidade, hipocondria, identidade sexual, hipocrisia, batatas fritas e glória literária.

**Eduardo Pitta**

#### Efeitos Secundários

Augusten Burroughs (Trad. Duarte Sousa Tavares) Bico de Pena, €16

★★★★☆



Não tem nada que enganar: Augusten Burroughs (n. 1965) é o sujeito declarado da própria obra. O que sabemos da sua infância e adolescência - quem leu “Correr com Tesouras” conhece os detalhes mais sórdidos - é suficiente para pôr os cabelos em pé, e só a capacidade de nos fazer rir e chorar com a mesma intensidade resgata a narrativa do pesadelo (ao contrário do que supõe o pensamento “correcto”, o abuso, a pedofilia e outras disfunções também aconteceram em famílias cultas e sofisticadas como a dele). Mais tarde, “A Seco” deu conta do doloroso processo de desintoxicação do álcool. Como o título indica, “Efeitos Secundários” é o corolário disso tudo.

Narrado como sempre na primeira pessoa, a diferença é que desta vez Augusten fala do lugar do escritor, e do escritor que vive com outro homem (o seu companheiro Dennis Pilsits), com quem partilha o quotidiano prosaico de qualquer família da classe média: os animais de estimação, as viagens, a angústia da escrita, as pequenas irritações domésticas, certa propensão bulímica. Como de ordinário, o retrato é sem filtro: “Muita gente acha

que sou uma pessoa divertida e encantadora. Muita gente está enganada. Em pessoa, não sou especialmente divertido. Sou sério e cansado. Cansado de ter vivido dezassete vidas diferentes, comprimidas no espaço de uma só. Doem-me as costas, sou careca e tenho a pele estragada. Tento ser divertido, mas o máximo que consigo é ser desajeitado e um bocado patético. Visto-me como um gajo de dezasseis anos e uso cremes de setenta e cinco dólares para as rugas à volta dos olhos.” Definitivamente, a introspecção deixou de ser um tique francês.

Não estamos a falar de ficção. “Efeitos Secundários” é uma colecção de ensaios sobre temas tão variados como as “obrigações” do escritor (promover a obra nos sítios mais improváveis), hipocondria, publicidade, identidade sexual, seguros de responsabilidade civil, o fosso cultural entre os Estados Unidos e a Inglaterra, antúncios pessoais, hipocrisia, batatas fritas, idiossincrasias dos buldogues franceses ou até o hipotético assassinato de John Updike, ponto de partida para uma hilariante reflexão sobre a reciprocidade entre consumo e glória literária. Afinal, “se o Updike morresse nessa noite, os meus duzentos dólares poderiam transformar-se em quatrocentos no dia seguinte. Poderia pôr os livros à venda no eBay e, com o lucro, comprar uma pilha de livros na Barnes and Noble”. Augusten pega no pretexto para ir ao eBay conferir a sua própria cotação...

O processo é simples. Em vez de memórias formais, subordinadas à cronologia e outros protocolos, Augusten serve-se de incidentes da sua vida pessoal com a destreza de quem manipula detonadores. A escrita inteligente e o equilíbrio perfeito entre sarcasmo e humor transformam a leitura num prazer. Qualquer autor menos articulado ficaria inibido com o aparente desinteresse do “material”, mas, nas mãos de Augusten, o texto dispara em todas as direcções. Infracções de trânsito, por exemplo. Augusten e uma amiga não fazem a coisa por menos: são ultrapassados pela direita?, são atingidos pelo lixo atirado da janela de outro carro?, são insultados por motoqueiros? Respondem com imagens violentas. Porque as pessoas estão preparadas para um manguito, não estão à espera de ver “uma mulher nua com um quilo de salsichas enfiadas no ânus” (isso elimina todos os outros pensamentos), nem “um homem a enfiar a ponta do pénis no prepúcio de outro” (a Harley desaccelera). Nenhum desejo de transcendência o persegue. Se a vida das pessoas comuns é uma sucessão de peripécias, grande parte sensaboronas, muitas dramáticas, algumas empolgantes ou divertidas, e se um escritor é uma pessoa igual às outras, vivendo no meio delas, é natural que faça da condição humana o objecto do seu trabalho. Ser escritor, diz ele, “é como ser uma →

Será estranho, ou desprestigiante, dizer de um romancista que o seu melhor livro não é um romance?





Radica na viagem efectuada a bordo do "Beagle" o trabalho de campo em que Darwin baseou "A Origem das Espécies"

← atriz pornográfica com duas enormes feridas abertas - uma em cada mama. E depois usar um fato-de-banho muito decotado para as mostrar". Zola não andava longe disto.

Diário

Retrato do naturalista enquanto jovem

O retrato de um jovem Darwin com tanto de ousadia científica quanto de paixão estética e preconceito moral. **Luís Maio**

A Viagem do "Beagle" - Viagem de Um Naturalista à Volta do Mundo

Charles Darwin (Tradução de Diniz Lopes e Miguel Serras Pereira) *Ciência, Relógio d'Água, 431 pags.*

★★★★☆



"A Origem das Espécies" foi publicada em 1959, ou seja, faz agora século e meio. Na altura, Charles Darwin contava 50 anos de idade, mas o trabalho de campo em que baseou o ensaio é muito anterior. Radica na viagem efectuada a bordo do "Beagle", um bergantim de dez canhões, que partiu de Davenport a 27 de Dezembro de 1831, ou seja, quando Darwin tinha apenas 22 anos. O objectivo da expedição, prevista para dois anos, era cartografar as costas da Patagónia e a Terra do Fogo, mas acabou por se converter numa viagem de circum-navegação de contornos meio científicos, meio coloniais que se prolongou por cinco anos.

Na altura de embarcar, Darwin era um jovem de classe média, já com estudos académicos, mas sem vocação definida. Não foi recrutado como naturalista, antes na ausência de alguém com essas qualificações, viajando com o título de cavalheiro acompanhante do comandante Fitz Roy. Enquanto navegava à volta do mundo aproveitou, no entanto, para despachar para casa fósseis e animais invulgares, e quando regressou foi já com estatuto de celebridade científica. Passou o resto da vida a publicar as descobertas decorrentes da viagem, a começar pelo "Journal of Researches", em 1839, diário na base de "A Viagem do 'Beagle'", pela primeira vez editada entre nós no âmbito das comemorações dos dois séculos de nascimento do autor. Lê-se como um complemento do

livro que chocou a Inglaterra vitoriana e fundou a biologia moderna, mostrando em esboço algumas das ideias de "A Origem das Espécies". São ilações que o leitor deduz ou vislumbra aqui e ali no diário, mas onde de modo algum encontra uma sistematização, ou sequer um encadeado de raciocínios a caminho da teoria da evolução através da selecção natural. No lugar disso, o que oferece este diário é o retrato dum jovem Darwin ávido de surpresas e revelações, sempre pronto para o choque que é a natureza em lugares distantes e mal conhecidos do seu tempo. Alguém que tudo observa com curiosidade e deslumbramento, levanta uma pilha de questões, avança algumas pistas de explicação, mas está (ainda) longe de estar na posse de uma doutrina universal.

O discurso objectivante da ciência surge entretanto à mistura com um registo hedonista e romântico, onde a experimentação é indissociável da fruição estética, poética ou mesmo lúdica da natureza. Este é o diário dum cientista em formação que não se limita a registar os hábitos dos chocos, mas aproveita para se divertir quase infantilmente com os jactos de águas que eles lhe mandam à cara para se defender. Que não se fica pela constatação de que as planícies da Patagónia são ermas e inúteis, preferindo acrescentar que em todo o seu desolamento são mil vezes mais atraentes que as pampas verdes e férteis, na medida em que apelam ao campo livre da imaginação. Mais que argúcia científica, o que estes relatos denotam é uma subjectividade investida no mergulho da alteridade, que é a própria essência da crónica de viagens (e de aventuras) do seu tempo.

Até porque "A Viagem do 'Beagle'" está longe de ser só um repatório de notas de geologia e história natural. É também um relato de pessoas, lugares e acontecimentos, uma dimensão cultural que emerge avulsamente através do diário, para vir a ganhar o centro das atenções mais para o final, nos capítulos dedicados às escalas do navio britânico no Pacífico. Neste domínio também Darwin nunca se abstém de opinar, a partir de um ponto de vista que é o espelho fiel da mentalidade vitoriana e que hoje outra classificação não admite que a de chauvinista, colonialista e puritano. É a mentalidade que o leva a aplaudir o desterro dos aborígenes da Terra de Van Diemen, que assim se pode tornar "civilizada", a mostrar repugnância pelos nativos neozelandeses, em cujo olhar divisa astúcia e ferocidade, ou a rejeitar como expressão de selvajaria o folclore dos malaios, enquanto declara que o íçar da bandeira britânica vai de par com a prosperidade e a civilização.

"A Viagem do 'Beagle'" tem também esse atractivo de ir revelando que o jovem progressista e mesmo visionário em matéria de ciência era também preconceituoso e hiperconservador em termos morais -

e, se calhar, é toda uma história de grandes figuras do saber moderno que se revê nesse perfil contraditório. Mas talvez nem um génio da ciência do século XIX fosse capaz de perceber aquilo que hoje é uma verdade simples: que não se pode admirar os cangurus e a seguir ir caçá-los só por diversão, ou denunciar o extermínio dos aborígenes ao mesmo tempo que se louva Sydney como baluarte da civilização britânica. Ou ainda que é suspeito censurar a virtude das mulheres do Taiti, enquanto se exalta os peitos nus dos homens da ilha como os mais elegantes do planeta. Uma verdadeira caixa de surpresas e paradoxos, este Darwin da juventude.

Ficção

O maior romancista de língua portuguesa



**Dom Casmurro + Esaú e Jacó**  
Machado de Assis  
*Relógio d'Água*

**Dom Casmurro**  
Machado de Assis  
*Dom Quixote*

★★★★☆



Sejamos claros, se estivesse só em causa estrelar o escritor, cinco estrelas ainda saberia a pouco, mas na edição da Relógio d'Água que junta "Dom Casmurro" e "Esaú e Jacó" há um erro de "casting". Assim, não se editando um a um, "Esaú e Jacó" (1904) deveria acompanhar antes "Memorial d'Aires" (1908), última obra do autor. É que o inefável Conselheiro Aires surge em "Esaú e Jacó" já como personagem e até autor póstumo do livro, ao mesmo tempo que Machado o ficciona aí a escrever o seu memorial. Coisas machadeanas. Nada é simples, como se escreve na pág. 279: "O leitor verdadeiramente atento tem quatro estômagos no cérebro, por eles faz passar e repassar os atos e os fatos, até que deduz a verdade, que estava, ou parecia estar escondida" (sentença que Machado transpõe de Leopardi).

Quanto a "Dom Casmurro", merece uma edição independente, não por ser melhor ou pior, mas por razões paraliatéricas: nenhuma personagem da literatura de língua portuguesa se compara ao mistério e à reverberação do mistério enquanto mistério, que perdura de Capitu. "Dom Casmurro" é narrado por Bento Santiago, o "Casmurro", na primeira pessoa, 40 anos depois dos acontecimentos que o deixaram sozinho, viúvo ensimesmado a viver com José Dias - o Compadre. Bentinho estava destinado ao

seminário: promessa da mãe antes de ele nascer. Acabaria por cursar Direito, ajudado pela manha de José Dias, que se sentiu subitamente a viajar com ele pelas Europas e pela astúcia de Capitu, uma adolescente que cresceu mesmo ao lado. Capitu e os seus "olhos de rêsaca", com quem ele viria a casar e a ser, por certo tempo, feliz. Tiveram um filho. Mas começa a notar a grande semelhança daquele com Escobar, o seu melhor amigo. Escobar morre. O ciúme, a suspeição, dilaceram a alma do narrador. Tudo devém signo, dementemente exacerbado na rememoração de um adultério possível (tema recorrente no autor). Provável dirão alguns, certo dirão outros. Indecidível sorri Machado de Assis, o manipulador virtuoso do(a) leitor(a) e das entrelinhas. Mas afinal Capitu traiu, ou não? Ainda hoje no Brasil se levantam vozes, prós e contrários de Capitu, exilada com Ezequiel, o filho (nome de profeta, a figura mais injustiçada, que vai morrer a Jerusalém). O leitor pode dar a sua opinião: forum.valinor.com.br.

Quase em simultâneo (mistérios da edição), a Dom Quixote lança, num só volume, "Dom Casmurro". Quase nada nem ninguém é perfeito. A esta última edição, como infelizmente a outras, faltam as notas que poderiam com vantagem para o leitor português, ou o de 2009, que tão pouco sabe da história do Brasil oitocentista, enquadrar histórica e geograficamente a narrativa. A edição da Relógio d'Água, conjugando "disparatadamente" dois livros, possui porém uma boa bibliografia e uma cronologia da vida e obra de Machado a que não faltam as quezilias com Eça. Por poucos euros de diferença, talvez compense esta solução de dois em um.

O outro livro da edição da Relógio d'Água é "Esaú e Jacó" (1904), o penúltimo



Machado de Assis

Saídas

Ficção



**Nómada**  
Stephenie Meyer  
(Tradução: Maria da Fé Peres)  
*Edições Gailivro, 19,90 €*

O nosso mundo foi invadido por inimigos invisíveis, chamados almas, que tomam os corpos dos humanos como hospedeiros. Quando Nómada entra no corpo de Melanie Stryder não esperava que a humana lutasse pelo controlo do corpo. As duas tornam-se aliadas involuntárias quando encontram um inimigo comum. "Nómada" foi escrito por Stephenie Meyer a criadora da saga de vampiros iniciada por "Crepúsculo".



Stephenie Meyer

Viagens



**Passaporte - Viagens 1994-2008**  
Maria Filomena Mónica  
*Alêthia Editores, 15 €*

Maria Filomena Mónica relata o conjunto de viagens feitas ao longo de 14 anos. De Hong Kong a Granada, descreve os vários locais na Europa, África e Ásia que visitou, mas não se esquece de Portugal. Os relatos são acompanhados pelas fotografias de António Barreto. Maria Filomena Mónica é conhecida pelas biografias de D. Pedro V, Eça de Queirós e Fontes Pereira de Melo e pelo seu livro de memórias "Bilhete de Identidade".

Poesia



**Materiais Para Confeção De Um Espanador De Um Tristeza**  
Ondjaki  
*Editorial Caminho, 10,50 €*

O retorno de Ondjaki à poesia depois de "Há Prendisajens com o Xão" de 2002. Fala de tristeza, alegria, tardes selangas e dos animais que habitam o imaginário do escritor angolano.



Ondjaki

Vai ver se eu estou  
online!

Internet

Estamos online. Entre em [www.ipsilon.pt](http://www.ipsilon.pt). É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

romance de Machado. Tem como pano de fundo o fim do Império e o advento da República, a Lei do Ventre Livre e o fim da escravatura decidido pela princesa Isabel, na ausência de D. Pedro II então na Europa, o golpe do marechal Deodoro, a conspiração de Floriano muito mais. Nunca o autor foi tão longe na apresentação impiedosa da sociedade e da política brasileiras de então, e do próprio Homem como devorador do próprio Homem.

"Esau..." alicerça-se num quadro bíblico, Génesis 27 - a rivalidade e o confronto de dois irmãos gémeos, filhos de Isaac, pouco antes da morte deste. Na nossa história temos os gémeos Pedro e Paulo. Brigavam mesmo antes de nascer, no seio de Natividade, a mãe. Esta, quase à revelia, foi consultar uma vidente: a Cabocla do Morro do Castelo, que lhe pergunta se os meninos tinham brigado antes de nascer; recorda "movimentos extraordinários, repetidos e dores e insónias". Brigariam porque? A mãe insiste, tenta em vão sondar o Destino dos filhos. Seriam grandes, gloriosos, predestina a Cabocla. "Cá fora também se briga. (...) Quanto à qualidade da glória, coisas futuras!" Contrários em tudo. "Paulo era mais agressivo, Pedro mais dissimulado."

Pedro cursou Medicina no Rio, Paulo, Direito em São Paulo, Pedro era monárquico, o irmão republicano. Um tinha no quarto o retrato de Luís XVI, o outro o de Robespierre, um era conservador, o outro liberal; mas ambos acabaram deputados, em campos políticos opostos. Paradoxalmente, "cresceram um para o outro", como as peças que se cruzam, espicaçam, virtualmente se completam, mas nunca se encaixam nem firmam.

Estes dois livros reunidos, assim como "Quincas Borba" e "Memórias Póstumas de Brás Cubas" que a Religião d'Água também editou, sublinham as características e qualidades do maior romancista de língua portuguesa, o Bruxo do Cosme Velho. Para além da arte de arquitectar um romance com que se parece divertir, interpelando o leitor para constantes desvios e reenvidos, como se se tratasse de uma digressão coloquial, assim como o "ethos" de candura com que retrata as coisas mais terríveis, ou as sugere com elegância nas entrelinhas, para além de tudo isto, como se não fosse pouco, da ironia, do riso com que nos estremente, Machado descreve exemplarmente os sigilos da alma e a burguesia carioca, a alta roda do tempo, os que lá estão e os que estão a bater à porta (o roda da fortuna é imparável). O oportunismo, o ganho se possível rápido, a vaidade, a conduta interessada de tudo e de todos configuram as personagens. Machado desmistifica a sociedade burguesa, ao mesmo tempo que articula isso com uma visão do Homem sombria: o Homem como devorador incansável do próprio Homem. Fã-lo com extrema delicadeza, requinte e grande erudição, como se não fosse nada...

## Poesia

### A poeira do fim

Uma transfiguração poética da memória moçambicana.

Pedro Mexia

#### Pneuma

Luís Carlos Patraquim  
Caminho€ 15

★★★★★



Luís Carlos Patraquim é hoje o mais importante poeta africano de língua portuguesa, juntamente com o angolano Ruy Duarte de Carvalho. Publicou sete livros em trinta anos: "Monção" (1980), "A Inadiável Viagem" (1985), "Vinte e tal novas formulações e uma elegia carnívora" (1992), "Mariscando Luas" (1992), "Lidemburgo Blues" (1997), "O Osso Cõncavo" (2005) e "Pneuma" (2009).

O mote da nova colectânea é dado na secção inicial, "Os nomes", homenagem a poetas moçambicanos falecidos (entre os quais Craveirinha, Rui Nogar, Sebastião Alba, Alberto de Lacerda ou Noémia de Sousa). A expressão "nomes" tem aqui um duplo sentido. Há uma noção pessimista de que os escritores, com o tempo, passam a ser apenas nomes, que poucos conhecem e ninguém lê. Mas Patraquim também usa "nomes" como declinação dos "founding fathers" da cultura moçambicana contemporânea, e por isso estas elegias redimem das cinzas os poetas evocados. Patraquim caldeia citações, detalhes biográficos, episódios pessoais, mas em vez de um exercício sentimental temos a celebração de um legado. Os mestres e amigos já não são corpos mas estão presentes como espírito. Um espírito não metafísico mas poético, memória colectiva de uma nação e dos indivíduos que nela vivem ou viveram. É pois de uma transfiguração que se trata. Eis um excerto do notável poema sobre Rui Knopfl: "(...) de nenhuma épica te armaste / E nem lança, pois de Heitor cedo te chegou / A poeira do fim, intervalada com ansias de sábadu, / O olhar panorâmico sobre uma certa colina / E uma chuinga à Sterling Hayden com sabor a manga. / (...) E te oiço na gravidade do violoncelo, o do que viu a luz. / Mais a Saraband a gin tónico e Bach no pick up da Polana, / Entre revelações a vermelho e uma outonal inclinação / Pelas folhas caídas, as da infância (...)" (págs. 24-25). Até a grafia errada de Sterling Hayden, provavelmente um lapso, passa sem reparo, como se fosse uma daquelas recordações com lacunas, mais importantes como imagens do que como factos.

Outros poemas assumem um

sopros, digamos, herbertiano, mas em registo minimalista, feitos de colagens, exaltações, anotações fulgurantes. Uma espécie de desmedida bem medida, que traz o talento da brevidade da melhor poesia africana e a capacidade de tornar três versos numa meditação. Patraquim chama-lhe "fragmentária Ciência". Um exemplo: "e depois dizem que morremos / a taça perdida / os cavalos de jade / a minha espada // ainda lhes ouço as vozes / com a neblina de Agosto em Rudnik / e o cordeiro em silêncio // as mãos estão aqui / e o vinho regressa à fonte // e depois dizem que morremos" (pág. 55). A força destes poemas significa que as muitas referências mais ou menos herméticas não dificultam a leitura dos poemas, verbalmente coesos. O que é Rudnik? A cidade polaca? E a que propósito? Pouco importa, porque é um simplesmente um nome numa toada, uma toada que termina naquele sarcasmo que, uma vez mais, diz respeito à morte.

É a morte e à memória que Patraquim sempre regressa. Assim como celebrou os seus progenitores culturais, escreve uma bela elegia ao pai: "Não fora isso e a linha entre continentes, / Ao de leve esfarelado-se em teu corpo, / E a mão que um dia se abriu e ora / Pousa o último tremor sobre o lençol, // E o teu silêncio, o teu silêncio, onde / Florescem, sangrentas, as acácias da Rua de Lidemburgo / E Lagos estremece em azul e punge / Uma solidão ática e um boi se recolhe / No labirinto da aorta que infla, // (...) A tua cacimba lenta submergindo-te o rosto (...)" (pág. 49). Essas acácias sangrentas são uma pungente imagem da poesia de Patraquim, uma perpétua elegia moçambicana.

Exceptuando um texto final em prosa, mais típico e cansativo (o velho que representa todo um povo), não encontramos nestes poemas nenhum folclore fácil, nenhum comprazimento em africanismos serôdios. "Pneuma", em grego, significa "respiração", e a palavra é geralmente usada como sinónimo de "espírito". Trata-se, mais propriamente, da comunhão com o espírito. E é dessa comunhão que Patraquim se ocupa. Um dos poemas sugere um equivalente menos transcendente, comparando a materialidade imaterial da memória à experiência do cinema. O poeta prefere dizer "cinemas": os edifícios, os filmes e a recordação de tudo isso. "Antes que deus o enquadre / E desponha a luz / Não te esqueça o espelho ampliando / As ancas da ragazza blonde; // Ela retoca os lábios / E o cálamu demora-se na memória, / Ondeia o cenário, lhe rideaux rouges / Que se abrem, oh my lovely / Mkulukumba; // E se escreves o guião sobre a toalha, / O viático para o tabaco / E uma storia del pensiero orientale / Para ler depois; / Antes que deus o enquadre / e faça do espelho seu sibilante / espaço off;" (pág. 36). Quem é essa Mkulukumba que sugere a fordiana Clementine? Pouco importa. A emoção hábil e genuína torna transparente mesmo aquilo que não entendemos.

## Ciberescritas

### Paraty por Flávio



Isabel Coutinho

Já tem data marcada. A sétima Festa Literária de Paraty (FLIP), no Brasil, vai começar no dia 1 de Julho, quarta-feira, e termina domingo, 5 de Julho. Um dos convidados é o escritor português António Lobo Antunes.

Este ano a FLIP homenageia o pernambucano Manuel Bandeira (1886-1968), autor de "A cinza das horas" (1917), "Carnaval" (1919) e "Libertinagem" (1930). Esta homenagem a Manuel Bandeira, um dos autores mais importantes do modernismo brasileiro, pretende contribuir para "a revalorização da obra poética e para tornar mais conhecidas as diversas faces de Manuel Bandeira", lê-se no "site" da FLIP que teve a sua primeira edição em 2003. As palavras são de Flávio Moura, director de programação do festival, que criou também um blogue onde vai colocando notícias sobre o evento.

Além da presença de António Lobo Antunes também está confirmada a de Carlos Fuentes, 80 anos, "figura-chave no 'boom' da novela latino-americana dos anos 60", e a da irlandesa Anne Enright, Prémio Booker 2007.

A semana passada Flávio Moura noticiou no seu blogue que Junot Díaz, o escritor dominicano que vive nos EUA e que vai ser publicado em Portugal brevemente pela Porto Editora, cancelou a sua ida ao Brasil: "Segundo sua agente, Nicole Aragá, Junot anda completamente extenuado com as viagens que tem feito após a premiação e está jogando a toalha: cancelou, na mesma tacada, idas à Polónia e à Palestina."

E a propósito disto o jornalista brasileiro e programador deste festival literário escreve um "post" engraçado a propósito das desculpas para recusar que tem ouvido ao longo dos anos e que é impossível não citar até ao fim: "A recusa chama a atenção para um lado curioso da actividade

de organizar festivais: o acesso a dimensões comezinhas do dia-a-dia dos escritores. Verdadeiros ou não, os motivos que os levam a recusar muitas vezes são divertidos e dizem algo a respeito da personalidade de cada um. Em 2008, o mesmo Junot disse que não podia vir porque tinha "um casamento na Itália". No mesmo

ano, Lobo Antunes - que segue confirmadíssimo para 2009 - não pôde vir em razão da formatura da filha, na mesma data da Flip."

E continua a escrever com humor, "a família é também o ponto de apoio de Kazuo Ishiguro, autor de 'Vestígios do dia' ['Deposito do Dia'], e do crítico James Wood, de 'How fiction works'. O primeiro se diz pouco à vontade para viajar para longe enquanto o filho não for crescido o bastante para ficar sozinho. O segundo, com filhos pequenos, não quer nem ouvir falar em eventos a mais de duas horas de voo de sua terra natal. Dave Eggers, o fundador da McSweeney's, vai na mesma direcção: o primeiro filho acaba de nascer, de modo que não, obrigado, fica para a próxima vez."

"Mas, de todos, meu preferido é George Steiner, o austero crítico de Cambridge. Diante do convite da Flip, que lhe foi enviado por fax, reagiu com uma sinceridade desconcertante. A resposta veio pelo correio, dactilografada em duas linhas, num envelope timbrado da universidade: 'Caro senhor: estou prestes a completar 80 anos e ir para o Brasil está, infelizmente, fora de questão.'"

Outro dos sítios onde é imprescindível ir para saber um pouco o que se passou na edição da FLIP do ano passado é ao canal de vídeos que a festa literária abriu no YouTube. Onde se podem ver as conversas que Alessandro Baricco, Neil Gaiman e Richard Price, Tom Stoppard e outros tiveram com o público que enche todos os anos Paraty.

[isabel.coutinho@publico.pt](mailto:isabel.coutinho@publico.pt)

(Ciberescritas já é um blogue <http://blogs.publico.pt/ciberescritas>)

### Já tem data marcada. A sétima Festa Literária de Paraty, no Brasil, vai começar dia 1 de Julho

Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)  
<http://www.flip.org.br/>

<http://www.flip.org.br/blogdaflip/>

Flávio Moura  
<http://flaviomoura.wordpress.com/>

Vídeos da FLIP 2008  
<http://www.youtube.com/user/flipfestivaleraria?gl=BR&hl=pt>

# Cinema

**Oficial**



**Zhang Yimou, o realizador de "Herói", vai realizar um filme para comemorar o 60º aniversário da Republica Popular da China. Está neste momento à procura de um argumento. Outrora considerado um dissidente, com filmes proibidos na China e com uma série de incidentes em**

**festivais internacionais que queriam exibir os filmes que as autoridades chinesas acabavam de proibir, Zhang parece ter dado o último passo na sua reabilitação. Depois de ter sido escolhido para dirigir a abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos em Pequim (o que lhe valeu olhares de suspeição do**

**Ocidente, onde chegou a ser comparado com Leni Riefenstahl e com a cumplicidade da alemã com o regime nazi), agora, para além de realizar o filme, também irá dirigir a gala de celebração do aniversário da Republica Popular da China, dia 1 de Novembro.**

**Estreiam**

## O vento levá-lo-á

Espécie ameaçada de extinção nos seus filmes, Clint extingue-se em "Gran Torino". Espalhem ao vento: obra-prima. **Vasco Câmara**

**Gran Torino**

De Clint Eastwood, com Clint Eastwood, Geraldine Hughes, John Carroll Lynch. M/12

★★★★★

Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 5: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h20, 18h50, 21h30 6ª Sábado 13h30, 16h20, 18h50, 21h30, 24h; Castelo Lopes - Londres: Sala 1: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h30, 19h, 21h30 6ª Sábado 14h, 16h30, 19h, 21h30, 24h; Castelo Lopes - Laurs Shopping: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 15h, 15h30, 18h40, 21h40, 00h10; CinemaCity Alegro Alfragide: Cinemas: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h05, 16h20, 18h35, 21h30, 23h55 Sábado Domingo 11h50, 14h05, 16h20, 18h35, 21h30, 23h55; CinemaCity Beloura Shopping: Cinemas: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h25, 16h40, 19h, 21h30, 23h45 Sábado Domingo 12h15, 14h25, 16h40, 19h, 21h30, 23h45; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 2: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h30, 16h45, 19h, 21h30, 23h55 Sábado Domingo 12h, 14h30, 16h45, 19h, 21h30, 23h55; Medeia Monumental: Sala 4 - Cine Teatra: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h10, 17h30, 19h45, 22h, 00h30; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 12: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h40, 19h05, 21h30, 24h Domingo 11h30, 14h10, 16h40, 19h05, 21h30, 24h; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 15h50, 18h35, 21h30, 00h10; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h20, 18h50, 21h40, 00h30; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 15h20, 18h10, 21h20, 00h10; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 15h40, 18h20, 21h10, 23h50; ZON Lusomundo Odivelas Parque: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h40, 18h20, 21h30 6ª 15h40, 18h20, 21h30, 00h10 Domingo 13h40, 15h40, 18h20, 21h30; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 15h40, 18h30, 21h15, 24h; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 15h40, 18h30,

21h30, 00h10; Castelo Lopes - Barreiro: Sala 4: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h30, 21h30 6ª Sábado 13h10, 15h50, 18h30, 21h30, 24h; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h40, 18h30, 21h30, 00h10; UCI Freeparts: Sala 5: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h55, 18h20, 21h30 6ª 15h55, 18h20, 21h30, 24h Sábado 13h35, 15h55, 18h20, 21h30, 24h Domingo 13h35, 15h55, 18h20, 21h30; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h40, 18h30, 21h30, 00h10; ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h, 18h35, 21h30, 24h;

Porto: Arrábida 20: Sala 15: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 13h55, 16h25, 19h05, 21h45, 00h20 3ª 4ª 16h25, 19h05, 21h45, 00h20; Medeia Cidade do Porto: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 17h, 19h30, 22h; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h45, 21h30, 00h15; ZON Lusomundo Mar Shopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h40, 21h30, 24h; ZON Lusomundo NorthShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 19h, 22h, 00h40; ZON Lusomundo Parque Nascenite: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h30, 21h30, 00h20; ZON Lusomundo Glicínias: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h25, 19h10, 21h55, 00h40;

Entreguem à brisa de Verão, que já sopra, as cinzas de Joe, Blondie, Walt Coogan, McBurney, Harry Callahan, Josey Wales, Bronco Billy ou William "Bill" Munny, estes e todos os nomes com que Clint Eastwood falou do fundo do seu coração de

"dinossáurio", individualista que não reconhece o mundo que o rodeia, corpo de outro tempo, em apuros e sempre desejejo de se colocar em apuros.

Enfim, entreguem à brisa de Verão estes e outros nomes a que Clint Eastwood deu o corpo, ferocemente, fazendo dele ecrã de desadequação, raiva. Espécie sempre ameaçada de extinção, em "Gran Torino" extingue-se.

"Requiem" por si próprio, por aquilo que construiu (sempre a sabotar-se, Clint, incorrigível masoquista), este é um adeus às armas. Não por se anunciar aqui a sua última presença, aos 78 anos, como actor (esse é um daqueles "anúncios" que foi sendo espalhado, como que pelo vento, não se sabe bem vindo de onde, e nem se pode jurar pela irreversibilidade da "decisão"), mas

por as coisas se darem a ver aqui a partir de uma estação terminal: é um filme em que um viúvo, um reaccionário, um veterano da guerra da Coreia zangado com a vida e com o bairro, que já não reconhece porque está infestado de "gangs", foi invadido pelos imigrantes, já ali não há "americanos" - eis Walt Kowalski/ Clint Eastwood -, prepara a sua saída de cena; é um filme tomado por esse clima de antecâmara que precede a rendição final, e é desta forma que Eastwood se despede do(s) seu(s) Kowalski(s); abre o peito à auto-ironia, melhor forma de alguém se desprender do que lhe pertenceu, assume a sua exterioridade face ao mundo e aquilo em que ele se tornou (é ainda a negociação do desprendimento), e, sem ceder à nostalgia, embala a coisa com suaves cintilações. Como uma canção, como a brisa que sopra neste delapidado bairro onde o fulgor do passado, a imagem dourada que dele foi construída - é que a memória pode transformar o inferno no paraíso, e isso aconteceu aos anos 40 e 50 de Kowalski -, é já só fantasma. Mas essa "presença", chamemos-lhe assim, um cineasta como Clint consegue filmá-la. É esse o grande passo em frente de "Gran Torino", consigo levando todo o património de uma "persona" que neste filme desagua: revelar o fantasma que se intromete na imagem, que nela cintila como brisa, indo atrás dele, seguindo-o e passando, finalmente, para o "lado de lá".

(Parecerá absurda a associação, mas aqui vai, é uma associação entre dois filmes invadidos por fantasmas: se "Milk", de Gus Van Sant, mostra os anos 70 para falar do presente, que é, na verdade, o fantasma que se intromete na imagem, "Gran Torino" passeia a câmara pelo presente em ruínas para revelar o que afinal lhe interessa, o passado, o mundo que ali já desapareceu.)

Podemos, para encontrar conforto, dizer que "Gran Torino" é a história de uma aprendizagem, de uma passagem de testemunho. Que Kowalski redime o seu reaccionarismo e a sua xenofobia quando se encontra mais em família com os seus vizinhos asiáticos do que com a sua própria família. E que por aqueles vai ser capaz do gesto sacrificial.

Mas por quem se sacrifica, afinal, Kowalski: pela família de adopção ou por si próprio? Quem ajuda quem? A "verdade" de todos os Kowalskis de Eastwood, o seu masoquismo, se quisermos, está na extrema fidelidade à sua natureza. A de Kowalski, e isto desde a primeira sequência, no funeral da mulher, é a de ser fantasma. Condição que ele vai cumprir. E a que Clint Eastwood, cineasta, vai ser

fiel: com a personagem, com o filme, está sempre do "lado de lá", feroz, fielmente. É por isso que o plano final chega-nos como teimosa oferenda do outro mundo - servida com canção a preceito - e como cintilação de um cinema de outro mundo: aquele, dos anos 50, o clássico, que já morria quando Clint, jovem actor, chegou a Hollywood. E chega-nos como se a Kowalski pertencesse sempre a última palavra. Em termos de redenção estamos conversados.

Espalhem ao vento: "Gran Torino", obra-prima.

## O animal de estimação

Uma performance extraordinária de Jeff Goldblum ancora um filme tão fascinante quanto perturbante do realizador de "American Gigolo". **Jorge Mourinha**

**Adam Renascido Adam Resurrected**  
De Paul Schrader, com Jeff Goldblum, Willem Dafoe, Vasile Albinet. M/12

★★★★☆

Lisboa: UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 10: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h45, 19h10, 21h40, 00h05 Domingo 11h30, 14h20, 16h45, 19h10, 21h40, 00h05;

Porto: Arrábida 20: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h20, 16h50, 19h20, 21h55, 00h25 3ª 4ª 16h50, 19h20, 21h55, 00h25;

Há vinte anos - contem bem: vinte - que Paul Schrader não vê um filme seu estrear em Portugal. Desde "Estranha Sedução" (1990) que nenhuma das sete longas que o realizador de "American Gigolo" e

"Mishima" e argumentista de "Taxi Driver" e "O Touro Enraivecido" assinou a salas portuguesas, nem mesmo quando "Affliction"

**"Requiem" por si próprio, por aquilo que construiu (sempre a sabotar-se, Clint, incorrigível masoquista), este é um adeus às armas**



**Jeff Goldblum literalmente possuído pela sua personagem**



“Tempos de Verão”: começa como exemplar drama familiar mas escorrega para um objecto distante, razoavelmente vão

## As estrelas do público

	Jorge Mourinha	Luis M. Oliveira	Mário J. Torres	Vasco Câmara
Adam Renascido	★★★★☆	☆☆☆☆☆	★★★★☆	☆☆☆☆☆
Gran Torino	★★★★★	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	★★★★★
Homem no Arame	★★★★★	☆☆☆☆☆	★★★★★	☆☆☆☆☆
Imagens de Palermo	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	●
Milk	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Noivas em Guerra	☆☆☆☆☆	★★★★★	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Patti Smith, Dream of Life	★★★★★	★★★★★	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Tempos de Verão	★★★★★	★★★★★	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Watchmen- Os Guardiões	★★★★★	★★★★★	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
O Wrestler	☆☆☆☆☆	★★★★★	★★★★★	★★★★★

“Confrontação” na edição em DVD) valeu o Óscar de melhor actor secundário a James Coburn e uma nomeação para melhor actor a Nick Nolte. Foi tudo direitinho para DVD, deixando-nos a perguntar que ralo de mercado é este que ignora um dos poucos genuínos autores sobreviventes do cinema americano dos anos 1970 – e a ironia é que o seu primeiro filme a estrear em Portugal em 20 anos é talvez o seu mais comercialmente “suicida” (mesmo incluindo “Mishima”), uma co-produção israelo-alemã feita à margem dos grandes estúdios onde o tema da culpa e do remorso, tão caro ao cinema de Schrader, é articulado de modo surreal e não raras vezes desconfortável.

Porque esta é a história de Adam Stein, que na Berlim dos anos 1930 era um “entertainer” de primeira craveira, no campo de concentração de Stelling era literalmente o judeu de estimação do comandante, e na Telavive dos anos 1960 está internado num hospital psiquiátrico a par de uma dúzia de outros sobreviventes do Holocausto. O romance de Yoram Kaniuk que serve de base a “Adam Renascido” foi aclamado como uma espécie de cruzamento entre dois dos livros mais influentes da sátira liberal americana dos anos 1970, “Artigo 22”, de Joseph Heller, e “Voando sobre um Ninho de Cucos”, de Ken Kesey – mas quando é a memória do Holocausto, tema central da identidade israelita e da diáspora judia contemporânea, que está em jogo, a sensação é de a estarmos a penetrar num terreno minado que Schrader percorre com a tenacidade quase irresponsável que lhe reconhecemos, mas também como o lado não-me-ralo-nada de quem sabe que entre preso por ter cão e preso por não ter (e a expressão é apropriada neste caso), mais vale arriscar.

Dá que “Adam Renascido”, com o seu humor escurríssimo forjado no negrume do coração dos homens e a sua tentação de sátira absurdistas sobre a incapacidade de se poderem realmente conhecer todos os seus recantos, consiga o milagre de se equilibrar numa improvável corda bamba entre a irrisão e a seriedade, entre o niilismo e a generosidade. Muito por culpa da interpretação fulgurante de um Jeff Goldblum literalmente possuído pela sua personagem, deixando-nos na dúvida sobre a extensão (ou a realidade) da sua loucura, transcendendo até a sua “Mosca” para Cronenberg. Mas também por causa do rigor formal da encenação de Schrader, que procura sempre manter uma ligação à realidade mesmo quando tudo o que rodeia Adam no gélido instituto “design” onde a acção decorre parece estar a derrapar para o surreal.

Claro que, quando descobrimos que a mais pura ligação emocional que Adam tem no instituto é com uma criança feral que julga ser um cão, em conexão directa com as suas experiências no campo de

concentração às mãos de um oficial perverso (Willem Dafoe, arrepiante), tudo parece resvalar para um grotesco paredes-meias com o mau gosto – mas redimido sempre pela amargura do humor judeu (como quem diz: nós somos os únicos com autoridade para nos rirmos disto) e pela performance assombrosa de Goldblum. Por um lado, “Adam Renascido” é um filme que se inscreve sem problemas no actual panorama do cinema israelita, com o questionamento sobre a memória que está no centro da sua identidade; por outro, é inevitável pensar que por esta altura já começam a ser filmes a mais sobre o Holocausto (Ella Taylor, no “Village Voice”, falava em Novembro último de “Holocaust porn” para descrever o modo como o Holocausto passou a ser identificado por Hollywood como símbolo padronizado de um cinema de prestígio e de “grandes temas”).

No entanto, o filme de Schrader, que se inscreve com assustadora precisão na sua obra, passa pelo meio de ambos os passe-vites – é um “filme apátrida”, israelita por financiamento mas rodado na Roménia por um americano com um elenco global e, sem evitar as ambiguidades morais, mergulha a fundo numa terapia de choque mista de exorcismo que é tanto o percurso do seu próprio herói como metáfora de um país que continua, para o bem e para o mal, prisioneiro da sua história recente. Isso faz de “Adam Renascido” uma fita tão fascinante quanto perturbante – e que seja este o reencontro português com o cinema de Schrader, por mais irónico que pareça, não é nada descabido.

### Tempos de Verão L'Heure d'été

De Olivier Assayas,  
com Juliette Binoche, Charles Berling,  
Jérémie Renier. M/12

★★★★☆

Lisboa: Medeia Fonte Nova: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h45, 19h15, 21h45; Medeia King: Sala 1: 5ª Domingo 3ª 4ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h 6ª Sábado 2ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 00h30; Medeia Saldanha Residence: Sala 5: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 15h35, 17h40, 19h45, 21h50, 00h30; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h10, 18h50, 21h25, 23h55;

Porto: Arrábida 20: Sala 19: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h15, 16h40, 19h05, 21h35, 00h10 3ª 4ª 16h40, 19h05, 21h35, 00h10; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h15, 17h, 21h, 23h45;

Não se deixem enganar pelo título: “Tempos de Verão” é uma miniatória outonal sobre a ausência, sobre o tempo que passa e o que vai ficando conosco daqueles que deixamos para trás, exercício elegante mas progressivamente mais vão sobre o modo como a vida continua. No caso, tudo roda à volta da casa de campo onde Hélène vive com a empregada, dedicada a preservar a memória e a colecção privada de obras de arte e móveis de época do tio, ele próprio artista consagrado. Quando Hélène morre, as suas

previsões prescientes sobre as partilhas são confirmadas pelo comportamento dos três filhos, dois dos quais têm vida feita no estrangeiro – desenhando com elegância o equilíbrio difícil entre a emocionalidade e o pragmatismo, mas também o jogo de trocas e equivalências entre o público e o privado, entre o valor pessoal, sentimental, que atribuímos a um objecto, e o modo como o tempo se encarrega de o fazer desaparecer. Não por acaso, tudo gira à volta de uma colecção “de museu”, da memória que cada peça transporta e do modo como ela é transmitida de uma esfera eminentemente privada, de uso diário e significado pessoal, para uma esfera pública onde esse valor se dilui numa espécie de utilidade abstracta, numa admiração distante.

A questão que complica “Tempos de Verão” é que o filme acaba por fazer um percurso semelhante, começando como exemplar drama familiar mas escorregando, à medida que o tempo passa e que as partilhas são feitas, para um objecto distante, frio, razoavelmente vão. Como se Assayas já não tivesse mais nada para dizer e se afadigasse em “justificar” o que começou por ser uma encomenda – o filme junta-se a “O Voo do Balão Vermelho”, de Hou Hsiao-Hsien, num lote de projectos co-financiados pelo museu de Orsay por ocasião do seu 20º aniversário. É pena que assim seja, porque a primeira metade (que tem algo, ao mesmo tempo, de Renoir e de Téchiné – ou de Téchiné a invocar Renoir), pontuada pela presença sublime da veterana Edith Scob, é fulgurante na sua simplicidade formal e delicadeza emocional. E ainda não é desta que Assayas, um dos mais interessantes (mas também dos mais desiguais) cineastas franceses da actualidade, assina um filme à altura do soberbo “Clean”. J. M.

### Noivas em Guerra Bride Wars

De Gary Winick,  
com Kate Hudson, Anne Hathaway,  
Bryan Greenberg. M/12

★★★★☆

Lisboa: Castello Lopes - Loures Shopping: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h20, 18h50, 21h50, 00h15; CinemaCity Alegro Alfragide: →

## Cinemateca Portuguesa

R. Barata Salgueiro, 39 Lisboa. Tel. 213596200

### Sexta, 13

#### O Crepúsculo dos Deuses

Sunset Boulevard  
De Billy Wilder 15h30 - Sala  
Félix Ribeiro

#### Ladrões de Bicicletas Ladri di Biciclette

De Vittorio De Sica 19h - Sala  
Félix Ribeiro

#### Hospital

De Frederick Wiseman 19h30 (a abrir a sessão a curta “Jaime”, de António Reis) - Sala Luís de Pina

#### Relatório Minoritário

Minority Report  
De Steven Spielberg 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Diário de um Pároco de Aldeia  
Journal dun Curé de Campagne  
De Robert Bresson 22h - Sala Luís de Pina

### Sábado, 14

#### A Culpa foi do Macaco

Monkey Business  
De Howard Hawks 15h30 - Sala Félix Ribeiro

#### Um Barco e Nove Destinos

Lifeboat  
De Alfred Hitchcock 19h - Sala Félix Ribeiro

#### A Mãe

Mat  
De Vsevolod Pudovkin 19h30 - Sala Luís de Pina

#### O Espelho

Zerkalo  
De Andrei Tarkovski 21h30 - Sala Félix Ribeiro

#### O Anjo

Angel  
De Ernst Lubitsch 22h - Sala Luís de Pina

### Segunda, 16

#### A Leste do Paraíso

East of Eden  
De Ella Kazan 15h30 - Sala Félix Ribeiro

#### Uma Mulher Meiga

Une Femme Douce  
De Robert Bresson 19h - Sala Félix Ribeiro

#### Dr. Jekyll and Mr. Hyde

De John S. Robertson 19h30 - Sala Luís de Pina

#### A História de Glenn Miller

The Glenn Miller Story  
De Anthony Mann 21h30 - Sala Félix Ribeiro



“A Leste do Paraíso”

O Delfim  
De Fernando Lopes 22h - Sala Luís de Pina

### Terça, 17

#### A Colina Maldita

The Hill  
De Robert Lumet 15h30 - Sala Félix Ribeiro

#### Nuvens Flutuantes

Ugikimo  
De Mikio Naruse 19h - Sala Félix Ribeiro

#### Fugiu um Condenado à Morte

Un Condamné à Mort s'est Échappé  
De Robert Bresson 19h30 - Sala Luís de Pina

#### Terra Distante

The Far Country  
De Anthony Mann 21h30 - Sala Félix Ribeiro

#### O Sétimo Mandamento

Proibito Rubare  
De Luigi Comencini 22h - Sala Luís de Pina

### Quarta, 18

#### Consciências Mortas

The Ox-Bow Incident  
De William A. Wellman 15h30 - Sala Félix Ribeiro

#### O Retrato de Dorian Gray

The Picture of Dorian Gray  
De Albert Lewin 19h - Sala Félix Ribeiro

#### A Baía das Tormentas

Thunder Bay  
De Anthony Mann 19h30 - Sala Luís de Pina

#### A Máscara da Morte Vermelha

The Masque of the Red Death  
De Roger Corman 21h30 - Sala Félix Ribeiro

#### Que Sejas como uma Rosa, Oh, Minha Mulher

Tsuma yo bara no yo ni  
De Mikio Naruse 22h - Sala Luís de Pina

“Diário de um Pároco de Aldeia”



Polémica



O presidente da Liga Católica americana, William A Donohue, anunciou no site da associação a que preside que vai iniciar uma campanha contra "Anjos e Demónios", o filme de Ron Howard baseado no livro de Dan Brown. Donohue afirma que a "prequel" de "O Código Da Vinci" está cheia de "mitos" e "mentiras" e que existe uma agenda

do realizador Howard e do autor Brown contra a Igreja Católica. "Anjos e Demónios" adapta uma aventura da personagem de Robert Langdon, especialista de simbologia em Harvard, que é anterior a "O Código da Vinci". A Liga promete repetir a campanha realizada em 2006, quando "O Código Da Vinci" foi filmado, também por Howard - embora o

que se retire dessa campanha é que os seus efeitos apenas contribuíram para a maior mediatização do filme: "O Código Da Vinci" foi um enorme sucesso, com resultados nas bilheteiras mundiais da ordem dos 758 milhões de dólares.



"Dream of Life": o seu impressionismo visual constrói um retrato de Patti Smith mais completo do que seria possível num quadro mais convencional

Coffee-break  
O gícolo



Bárbara Reis

Estavam os dois num spa para multimilionários no Tirol quando ele se aproximou, disse a bela frase de engate "Esse é o meu livro favorito" e se sentou ao pé dela, desafiador. Ela estava sozinha numas miniférias, o marido ficara em Munique com os três filhos. O livro, lamenta a previsibilidade, era "O Alquimista", de Paulo Coelho. Não sei em que língua falarão, imagino tudo em alemão. Ele contou-lhe que era suíço-italiano, que crescerá no Brasil porque o pai geria a sucursal de uma empresa suíça na América Latina e que por isso fala português. "O que faz hoje?", perguntou a tímida leitora de Paulo Coelho, já com o livro abandonado no colo. "Represento a Suíça em zonas de crise" (e ela pensou "mistério"). "Isso é perigoso?" "Às vezes há casos difíceis, raptos, guerras" (e ela imaginou "aventura"). "Que interessante..." "Faço-o porque acredito. Aliás nem sou pago..." (e ela concluiu "bom cidadão").

Discreta desde criança, ela ter-lhe-á contado pouco. Aprendera com o pai a desconfiar de estranhos e a fazer sempre a pergunta "a pessoa que tenho à minha frente é autêntica?" Não sei em que ponto ele terá sabido que ela, mais do que uma simples mulher rica, era a mulher mais rica da Alemanha, herdeira da BMW e dona de uma fortuna de 13,2 mil milhões de euros. O que ele percebeu logo é que aos 46 anos o que Susanne Klatten mais precisava era de atenção.

Agora que o homem foi preso e condenado a seis anos de prisão e eu estou a olhar para a fotografia dele nos jornais, vejo um homem de 44 anos alto, magro, lábios finos, olhos claros, dentes impecáveis e ar de contabilista. Não vejo um amante e muito menos um conquistador.

Mas ela viu duas coisas, além da paixão por Paulo Coelho. O "pestanear lento" (não estou a brincar) e o ar melancólico. "Ele era charmoso, atento e ao mesmo tempo parecia muito triste. Isso despertou em mim um sentimento de que nós tínhamos algo em comum." A ilusão foi breve, como tantas vezes.

Primeiro, ele pediu-lhe sete milhões de euros

"emprestados" porque tinha atropelado a filha de um mafioso americano, a criança ficara paralisada e a família exigia "dinheiro ou tu sabes o quê". Ela hesitou mas acabou por lhe entregar 14 mil notas de 500 euros numa caixa de cartão. Depois, ele sugeriu que ela criasse um fundo de 300 milhões que lhes permitisse fugir para sempre. Ela desconfiou. E veio a terceira proposta, o ponto em que não há Paulo Coelho que ajude: tenho um CD com fotografias de nós os dois na cama, o meu de 50 milhões ou envio cópias para o conselho de administração da BMW e para o teu marido.

A mulher mais reservada da Alemanha, que deu uma única entrevista na vida (ao biógrafo do pai - Susanne é filha de um célebre industrial e neta de um conselheiro e amigo de Hitler, cuja mulher, Magda, se casou com Goebbels, ministro da propaganda nazi) foi à polícia e contou tudo.

Alguma coisa se terá perdido ao longo dos 20 anos de casamento de Susanne Klatten, só ela saberá. Mas a forma como conheceu o marido explica parte do que aconteceu agora. Aos 20 e poucos anos, quando foi estagiar numa fábrica da BMW, Susanne usou um nome falso durante meses (Kant em vez de Quand) para que a sua fortuna não atordoasse tudo e todos a sua volta. Jan Klatten, um jovem engenheiro, apaixonou-se logo por ela e só descobriu a sua identidade já o namoro era sólido. "Quería ter a certeza que ele me amava a sério."

Susanne acreditou que o homem do spa de Innsbruck a amava. Mas ele era um gícolo profissional e uma mulher enganada é uma fera mortal, está nos livros.

breis@publico.pt

← Sala 6: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h45, 15h35, 17h30, 19h30, 21h30, 23h30 Sábado Domingo 11h40, 13h45, 15h35, 17h30, 19h30, 21h30, 23h30; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 1: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h40, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30, 23h30 Sábado Domingo 11h40, 13h40, 15h30, 17h30, 19h30, 21h20, 23h30; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 8: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h20, 18h20, 20h20, 22h45 Sábado Domingo 11h50, 14h20, 16h20, 18h20, 20h20, 22h45; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 11: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 00h15; Domingo 11h30, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 00h15; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 15h20, 17h30, 19h30, 21h40; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h10, 17h20, 19h30, 21h40, 23h45; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h45, 15h15, 17h25, 19h35, 21h50, 24h; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 15h35, 18h, 21h20, 23h45; ZON Lusomundo Torres Vedras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h, 17h10, 19h20, 21h30, 23h45; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h10, 18h20, 21h50, 24h; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h25, 15h50, 18h10, 21h20, 23h35;

Porto: Arrábida 20: Sala 12: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 13h50, 16h, 18h10, 20h20, 22h30, 00h40 3ª 4ª 16h, 18h10, 20h20, 22h30, 00h40; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h, 17h10, 19h20, 21h40 6ª Sábado 12h50, 15h, 17h10, 19h20, 21h40, 00h20; ZON Lusomundo Fórum Aveiro: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h35, 19h05, 21h30, 23h55;

Uma comediazinha rotineira, "veículo" para Kate Hudson e Anne Hathaway. Que são duas amigas que um dia se desentendem porque se vão casar no mesmo dia e o sítio com que sonhavam para a cerimónia só pode, naturalmente, ser ocupado por uma. Vai daí, desatam a sabotar-se e a praticar malvadezas uma à outra - às vezes duma maneira um bocadinho "cartoon", tipo "Tom & Jerry". Altamente irrelevante, mas, em face da seriedade empolada e pesadona (vide "Watchmen") que tomou conta do "entertainment" hollywoodiano, surpreendentemente desenojativo. Luís Miguel Oliveira

Continuam

Patti Smith: Dream of Life De Steven Sebring, com. M/12

★★★★☆

Lisboa: CinemaCity Classic Alvalade: Sala 2: 5ª 2ª 3ª 4ª 17h, 19h15, 21h40 6ª 17h, 19h15, 21h40, 24h Domingo 11h45, 17h, 19h15, 21h40, 24h Domingo 11h45, 17h, 19h15, 21h40;

Desengane-se quem esperar deste filme o vulgar de Lineu do documentário biográfico certinho que vai do ponto A ao ponto B - não



Kate Hudson e Anne Hathaway: duas amigas que desatam a praticar malvadezas uma à outra

é isso que Steven Sebring, fotógrafo de moda sem a mínima experiência prévia de realização, quis fazer. "Dream of Life" é muito mais uma espécie de janela aberta para o mundo de Patti Smith, como quem está de fora a olhar para dentro e a tentar fazer sentido de tudo o que lhe vai na cabeça - e talvez não pudesse ser de outra maneira, quando sabemos que Sebring acumulou material rodado durante dez anos. E ainda bem que assim é, porque a chave de "Dream of Life" é o seu impressionismo visual, o encadeamento quase aleatório de imagens e sons que atravessa o filme e que constrói um retrato bem mais completo de Patti Smith do que seria possível dentro de um quadro de referências mais convencional. Isso é, ao mesmo tempo, a grande força do filme - que chega por "portas travessas" à essência do seu tema - e a sua fraqueza - porque faz de "Dream of Life" uma espécie de "home movie" para amigos. Mas, em qualquer dos casos, convirá não perdermos de vista um belíssimo filme-ensaio. J. M.

Watchmen - Os Guardiões Watchmen De Zack Snyder, com Carla Gugino, Jeffrey Dean Morgan, Patrick Wilson, Patrick Wilson. M/16

★★★★☆

Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 16h30, 21h20; Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 16h10, 21h30; Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 23h30; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 7: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h35, 16h50, 21h; OOH15 4ª 13h35, 16h50; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h45, 21h, 00h15; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h05, 17h20, 21h, 00h15; Medeia Fonte Nova: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 18h, 21h30; Medeia Saldanha Residence: Sala 7: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 16h, 19h, 22h; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 13: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h15, 17h30, 21h, 00h10; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 17h, 21h, 00h25; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 17h, 21h, 00h15 2ª 13h30, 17h, 00h15; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h40, 21h, 00h25; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 17h, 21h, 00h30; ZON Lusomundo Dolce Vita Miraflores: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 15h, 18h30, 22h; ZON Lusomundo Odéias Parque: 5ª 6ª Domingo 2ª 3ª 4ª 15h10, 18h30 Sábado 13h, 17h, 21h; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h50, 21h, 00h25; ZON Lusomundo Torres Vedras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 17h30, 21h, 00h25; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 16h20, 21h, 00h15; Castelo Lopes - Barreiro: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 16h30, 21h20; Castelo

Lopes - Barreiro: Sala 1: 5ª 6ª Sábado 23h30; Castelo Lopes - C. C. Jumbo: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h40, 21h30; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 5: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 16h20, 21h20; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 23h50; UCI Freeport: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 15h15, 18h25, 21h35; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 17h10, 21h, 00h25; ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 16h30, 21h, 00h15;

Porto: Arrábida 20: Sala 16: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h10, 17h40, 21h05, 00h30 3ª 4ª 17h40, 21h05, 00h30; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 16h30, 21h, 00h30; ZON Lusomundo Ferrara Plaza: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 15h, 18h10, 21h20 6ª Sábado 15h, 18h10, 21h20, 00h30; ZON Lusomundo GaiaShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 17h30, 20h5 6ª Sábado 14h, 17h30, 20h5, 00h25; ZON Lusomundo MaiaShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 17h30, 21h0 6ª Sábado 13h50, 17h30, 21h0, 00h30; ZON Lusomundo Mar Shopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h16h30, 21h10, 00h30; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 16h15, 20h50, 00h20; ZON Lusomundo Parque Nacimento: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 17h50, 21h20, 00h40; ZON Lusomundo Fórum Aveiro: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 17h25, 21h 6ª Sábado 13h50, 17h25, 21h, 00h35; ZON Lusomundo Glicínias: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h45, 17h15, 20h50, 00h25;

Alan Moore, o autor da BD em que se baseia o filme de Zack Snyder, terá dito "que nunca na vida iria ver esta porcaria" (ele não disse "porcaria"). Se por acaso mudar de ideias talvez encontre o suficiente para lhe massajar o ego: os "Watchmen" de Snyder são o trabalho de um ilustrador aplicado (até usou, parece, os "comics" originais como "storyboard") incapaz de ter ideias em número suficiente para pôr em causa o peculiar espírito (especialmente a melancolia de fim de festa, género "bas les masques") subjacente à história de Moore. Claro que há imensas coisas a mais (a tentação do "efeito" e do "enfeite", a que Snyder não resiste), e uma total ausência de sentido de economia narrativa (que empastela e rodopia sobre si própria, a testar a paciência do mais santo crítico de cinema), mas nesta nova vaga de olhares "adultos" (à força?) sobre o universo dos super-heróis (mas bolas, a "ontologia" dos super-heróis sempre foi, até no "Superman"), o principal tema destas histórias, não?) já se viu bem pior. Os exemplos ficam por dar, para não chatear ninguém. L.M.O.

# Concertos

Michel Portal apresenta-se na sua vertente de clarinetista clássico numa das mais belas obras do repertório mozartiano



Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em [www.ipsilon.pt](http://www.ipsilon.pt). É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site connosco.

## Clássica

### Mendelssohn e o Quarteto de Cordas

Dois concertos pelo prestigiado Quarteto Talich. Cristina Fernandes

#### Quarteto Talich

Lisboa. Fundação e Museu Calouste Gulbenkian. Avenida de Berna, 45A. 2ª e 4ª às 19h00. Tel.: 217823700. 10€ a 20€.

A música para quarteto de cordas de Félix Mendelssohn (1809-1847) encontra-se entre a produção de câmara mais inspirada e solidamente construída da primeira metade do século XIX, ainda que seja menos conhecida do que algumas obras congêneres suas contemporâneas. Trata-se de um género crucial que acompanhou passo a passo o percurso criativo do compositor e que ilustra os traços da sua linguagem ao longo do tempo. Assinalando o bicentenário do nascimento de Mendelssohn, a Gulbenkian programou dois concertos dedicados a este repertório por um dos agrupamentos que mais se tem distinguido na sua interpretação: o Quarteto Talich, que realizou com sucesso a gravação da integral dos Quartetos de Mendelssohn na etiqueta Caliope em 2004.

Fundado em 1964 pelo violinista Jan Talich, sobrinho do grande maestro Václav Talich, este agrupamento alcançou rapidamente uma identidade sonora própria e uma elevada reputação mundial. Do seu currículo constam as integrais dos quartetos de Mozart, Beethoven e Bartók, sendo igualmente muito apreciado pelas suas interpretações

de obras de compositores checos.

O primeiro concerto (dia 16, às 19h) será preenchido com os Quartetos nº 1 (op. 12), nº 3 (op. 44, nº 1) e nº 6 (op. 80), constituindo este último uma espécie de elegia escrita sob o efeito do desgosto pelo falecimento da irmã de Mendelssohn (Fanny), também ela uma talentosa compositora e pianista. No segundo concerto (dia 18, também às 19h) será possível ouvir os Quartetos nº 2 (op. 13) e nº 5 (op. 44, nº 3) e ainda o Op. 81, formado por andamentos soltos reunidos pelo editor Julius Rietz depois da morte do compositor.

### Mozart segundo Michel Portal

#### Michel Portal e Orquestra Metropolitana de Lisboa

Direcção Musical: Augustin Dumay. Com Michel Portal (clarinete).

Lisboa. Teatro Municipal de S. Luiz. R. Antª Maria Cardoso, 38-58. Dom. às 18h00. Tel.: 213257650. 10€ (sujeito a descontos).

No encerramento do Festival Trans-Portal, promovido pela Orquestra Metropolitana de Lisboa e pelo Teatro São Luiz, Michel Portal apresenta-se na sua vertente de clarinetista clássico numa das mais belas obras do repertório mozartiano. No domingo, às 18h, tocará o Concerto para Clarinete e Orquestra em Lá maior, K. 622, sob a direcção de Augustin Dumay, no âmbito de um programa que inclui outras páginas de Mozart famosas, nomeadamente a Abertura da ópera "As Bodas de Fígaro" e a Sinfonia nº 41, "Júpiter". Dedicado ao clarinetista Anton Stadler, o Concerto para Clarinete data do ano da morte do compositor (1791). É uma peça de grande perfeição formal que explora as possibilidades técnicas e expressivas do instrumento e que constitui um dos pontos de honra do repertório de todos os clarinetistas.



Jesus, The Misunderstood: o início de algo que se prenuncia muito, muito interessante



Portal gravou esta obra em 2000 na etiqueta Harmonia Mundi com a Orquestra de Câmara de Viena, sob a direcção de Philippe Entremont.

Com uma carreira brilhante no domínio do jazz, da música clássica e do repertório contemporâneo, Portal parece não conhecer barreiras entre géneros, contrariando a tendência para a especialização num estilo circunscrito. Nascido em Bayonne, em 1937, ganhou o 1.º prémio de clarinete no Conservatório de Paris em 1959, ao qual se seguiram idênticas distinções nos concursos de Genebra e Budapeste. Colaborou com os mais importantes compositores do século XX como Mauricio Kagel, Stockhausen, Berio, Boulez e Vinko Globokar, e tem sido o destinatário de várias novas composições. Além de clarinete, toca saxofone alto e bandonéon e foi autor de música de cena e de bandas sonoras de vários filmes. C.F.

## Pop

### Temos banda!

#### Jesus, The Misunderstood + Autumn Comets

Lisboa. Maxime. Pp. Alegria, 58. Sáb. às 23h30. Tel.: 213467090. 5€.

Se há coisa que se deve apreciar nesta banda é o humor. Está no seu nome, Jesus, The Misunderstood, ou no título que escolheram para um dos EPs anteriores, "Thinking too much increases the risk of smoking". Não estava até agora na música, que era feita de delicadas incursões no universo slow-core, melancólico, levantamento soporífero, de uns Red House Painters. Ei-lo então que chega (o humor) via novo EP, também ele com título bem esgalhado: "Crooners Are Dead". Nele, a banda lisboeta onde encontramos o trovador Walter Benjamin, liberta-se, sorri e berra, dança e faz dançar (ora serena, ora efusivamente).

A edição tem um tema título a puxar a alegria melómana do indie que há em nós, tem uns desvios para rock'n'roll tal como explicado por Dylan enquanto Judas - tudo absorvido por gente que conhece a

história do indie de trás para a frente.

Estes Jesus, The Misunderstood que agora se revelam são o início de algo que se prenuncia muito, muito interessante e o lançamento de "Crooners Are Dead", no Maxime, dia 14, é a desculpa perfeita para averiguar de que será feito esse futuro. Mário Lopes

## Matt, trovador negro

#### Matt Elliott + Michel Henrietz & Kumiko Karino

Lisboa. Galeria Zé dos Bois. Rua da Barroca, 59 - Bairro Alto. 6ª às 23h00. Tel.: 213430205. 8€

Homem de Bristol, conhecido primeiro pelas paisagens electrónicas dos seus Third Eye Foundation, é desde há muito um outro. Não há paisagens electrónicas e o nome com que se apresenta é o seu próprio. Conheçemo-lo bem, que já nos visitou várias vezes, viagem facilitada por proximidade geográfica - vive a maior parte do tempo em Espanha.

Sabemos, portanto, como se transformou num trovador negro, negríssimo, que fala de almas assombradas e tempos que parecem já não existir, mesmo se são as sombras sobre o presente aquilo que canta. Com "Drinking Songs", magnífico álbum de 2004, encarnou marinheiros bebendo nos cais a amargura das horas passadas no navio, cantou boémios desencantados arriscando tétricas notas ao piano, musicou baladas trágicas onde se ouviam ecos de música tradicional europeia (eslava ou grega) e deu a uma delas o título de "Kursk", só para não deixar dúvidas. "Drinking Songs", soubemos depois, foi o início de uma trilogia. A ele, seguiu-se "Failing songs", em que a tradição se alargou (juntou melancolia latina à melancolia de leste), em que o tom da música e das letras se manteve negro, negro como se nada mais restasse que uma última melodia entoadada em conjunto antes da inevitável queda no abismo. É música de uma angustiante beleza, a desta trilogia que se completou com "Howling Songs", o seu último álbum e aquele que serve de mote ao concerto na Galeria Zé Dos Bois, em Lisboa, onde actua depois da passagem, ontem, pel'O Meu Mercedes, no Porto. Nele, acentua-se e depura-se a ligação à

Quarteto Talich, um dos agrupamentos que mais se tem distinguido na interpretação de Mendelssohn





**Matt Elliott, o regresso do trovador negro**



**Publicist, aliás, Sebastian Thomson**



**Ana Moura**

**Mesa**

← sensibilidade das tradições populares do leste europeu, nele Matt Elliott emerge como cantor que, hiperbolizando, descreveríamos pedindo que se imagine Peter Hammil congeminando as "Songs Of Love And Hate" de Cohen. Na mesma noite sobe ao palco o guitarrista francês Michel Henrizi ("do blues abstracto ao noise", assim surge descrito na sua página no Myspace). **M.L.**

## Pistas de dança democráticas

### Publicist com Ian Svenonius

lisboa. Lounge, R. da Moeda, 1. Hoje, às 23h30. Tel.: 213953204. Entrada gratuita.

Porto. Plano B. R. Cândido dos Reis, 30. Amanhã, às 0h00. Com Candie Hank, Jettoki, Tam e Maruti H100. Tel.: 222012500. Bilhetes a €10.

Publicist é Sebastian Thomson, membro dos Trans Am, Dead Kids e dos delirantes Weird War e nómada convicto (vive entre Washington, Nova Iorque e Londres - Thomson diz que é melhor gastar dinheiro em bilhetes de avião do que numa renda de uma

casa). Enquanto Publicist, Thomson dedica-se a agitar pistas de dança, mas não de forma ortodoxa - como os Lightning Bolt, actua no meio da pista e não no palco (porque, sem vedetismos, faz parte do "povo"), cruzando a sua bateria (instrumento que é uma das forças motrizes dos Trans Am) com batidas electrónicas, algures entre o "electro" e o "disco". Thomson vem a Portugal com o vocalista Ian Svenonius, companheiro nos Weird War e figura essencial do rock'n'roll subterrâneo (esteve nos Nation of Ulysses e nos Make-Up), com quem assinou três faixas disponíveis na Internet: "Chain Gang", com um irresistível "groove", que resgata o "cool" dos Weird War para o contexto da música de dança, "The System", com vozes processadas em "vocoder" e ritmos propulsivos, a fazer a cama para o reflexo algo indecifrável do ex-Make-Up, e "Momma", com sintetizadores cósmicos e Svenonius aparentemente alienado da realidade (tarefa que cumpre com distinção). Boas pistas a confirmar hoje, em Lisboa, e amanhã no Porto. **Pedro Rios**

## Agenda

### sexta 13

**Australian Pink Floyd**  
Lisboa. Coliseu dos Recreios. R. Portas St. Antão, 96, às 22h00 (portas abrem às 21h). Tel.: 212340580. 20€ a 35€. Camarotes: 112,5€ a 180€.

**Rodrigo Leão & Cinema Ensemble**  
Águeda. Cine-Teatro São Pedro. Lg. Dr. António Breda, às 21h45. Tel.: 234622837. 12€. Prê-venda: 6€. Sextas Culturais. M/6.

**Richie Spice + Human Chalice + Youth Culture Soundsystem + Portal do Reggae Soundsystem**  
Porto. Teatro Sã da Bandeira. R. Sã da Bandeira, 108. 6ª às 23h59. Tel.: 222003895. 15€. Prê-venda: 12€. M/16.

**Ana Moura**  
Póvoa de Varzim. Casino. Ed. do Casino. 6ª e Sáb. às 20h30. Tel.: 252690888. 50€ (jantar-concerto).

**Remix Ensemble**  
Direcção Musical: Jean Deroyer. Com Sonia Wieder-Atherton (violoncelo), Mário Teixeira (percussão).  
Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque, às 21h00. Tel.: 220120220. 10€. Na Sala Suggia.

**Filipe Melo Trio + Jesse Davis**  
Com Filipe Melo (piano), Bernardo Moreira (contrabaixo), Bruno Pedreiro (bateria), Jesse Davis (saxofone).  
Aloboça. Cine-Teatro. R. Afonso de Albuquerque, às 22h00. Tel.: 262580890. 10€ (dia). Passe Festival: 15€.

**Bunnyranch**  
Coimbra. Salão Brasil. Largo do Poço, 3 - 1ª andar, às 22h00. Tel.: 239824217.  
Apresentação de "...How To Wait".

**Teresa Salgueiro e Lusitânia Ensemble**  
Sintra. CC Olga Cadaval. Pç. Dr. Francisco Sá Carneiro, às 22h00. Tel.: 219107110. 15€ a 25€. Desconto para -18 e +65 anos. No Auditório Jorge Sampaio.  
Apresentação de "Matriz". M/6.

**Norberto Lobo + Tó Trips**  
Barcelos. Cineclub. R. Almirante Reis, 111, às 22h00. Tel.: 212064146. 5€. Quincena da Juventude.

### sábado 14

**André Sardet**  
Porto. Coliseu. R. Passos Manuel, 137, às 21h30. Tel.: 223394947. 10€ a 30€.  
Apresentação de "Mundo de Cartão". M/3.

**Jeffery Davis Quarteto**  
Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque, às 12h00. Tel.: 220120220. 5€. Na Sala 2.  
Ciclo Jazz 2009.

**António Meneses e Orquestra Nacional do Porto**  
Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque, às 18h00. Tel.: 220120220. 16€. Jantar-concerto: 30€. Na Sala Suggia.

**Clubbing: X-Wife + Metronomy + Moderaire**  
Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque, às 23h30. Tel.: 220120220. Sala 2: 18€. Restantes espaços: 7,5€. Na Sala 2.

**Mesa**  
Aveiro. Teatro Aveirense. Pç. República, às 21h30. Tel.: 234400922. 6€ a 12€ (sujeito a descontos).

**Camané**  
Torres Vedras. Teatro-Cine. Av. Tenente Valadim, 19, às 21h30. Tel.: 261338131. 10€.

**Mão Morta**

Portalegre. Centro de Artes do Espectáculo. Pç. da República, 39, às 21h30. Tel.: 245307498. 10€. No Grande Auditório.

**Marta Hugon Quinteto**  
Braga. Teatro Circo. Av. Liberdade, 697, às 22h00. Tel.: 253203800. 10€ (dia). Passe Festival: 40€. Na Sala Principal.

**Bunnyranch**  
Alcochete. Fórum Cultural. Estrada Municipal 501 - (junto à estrada dos Moinhos), às 21h30. Tel.: 212349640. 6€.

Apresentação de "...How To Wait".

**Rodrigo Leão & Cinema Ensemble**  
Sesimbra. Cine-Teatro Municipal João Mota. Av. Liberdade, 46, às 21h30. Tel.: 212288715.  
20€. Desconto para -25 e +65 anos.

**Maria João e Mário Laginha**  
Espinho. Auditório de Espinho. Rua 34, 884, às 21h30. Tel.: 227340469. 15€.  
Apresentação de "Chocolate". M/6.

**Noiserv**  
Sines. Castelo de Sines. Largo do Poeta Bocage, às 22h30. Tel.: 269630600. Entrada livre.

### domingo 15

**Orchestra Utopica: Rosa-dos-Ventos**  
Lisboa. CCB. Praça do Império, às 17h00. Tel.: 213012400. 12,5€ (sujeito a descontos).  
No Pequeno Auditório.  
Festival Fervor de Buenos Aires. Obras de Kagel. M/6.

**Quarteto Sabiá**  
Com Birgit Laude (violino), Andrea Moreira (voz e violino), Francisco Moreira (viola e guitarra), Feodor Kolpaschnikov (violoncelo).  
Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque, às 12h00. Tel.: 220120220. 5€. Na Sala 2.  
Festival Suggia (Brasil - País Tema).

**João Donato & Convidados**  
Com João Donato (piano), Joyce (voz), Emílio Santiago (voz), Ricardo Silveira (guitarra), Robertinho Silva



**X-Wife no Clubbing**

(bateria), Luiz Alves (baixo).  
Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque, às 22h00. Tel.: 220120220. 15€. Na Sala Suggia. Brasil

**Protest The Hero + The Chariot + The Human Abstract**  
Lisboa. MusicBox. R. Nova do Carvalho, 24 - Cais do Sodré. Dom. às 21h00. Tel.: 213430107.

### segunda 16

**The Sisters Of Mercy + Utterior**  
Lisboa. Coliseu dos Recreios. R. Portas St. Antão, 96, às 21h30 (portas abrem às 20h30). Tel.: 213240580. 23€.

### terça 17

**Priest Feast: Judas Priest + Megadeth + Testament**  
Lisboa. Pavilhão Atlântico. Parque das Nações, às 19h30 (portas abrem às 18h). Tel.: 218918409. 28€ a 36€. M/3.

**João Paulo Santos**  
Lisboa. Teatro Nacional de São Carlos. Lg. S. Carlos, 17, às 18h00. Tel.: 213235045. Entrada livre.  
Foyer Aberto.  
Ciclo de Música de Câmara para Canto e Piano. O São Carlos no Século XIX: Depois da Guerra Civil - O Repertório Francês.

### quinta 19

**Jason Mraz**  
Lisboa. Praça de Touros do Campo Pequeno. Campo Pequeno, às 20h30 (portas abrem às 19h30). Tel.: 217820575. 23€ a 28€.  
Apresentação de "We Sing. We Dance. We Steal Things."

**Blue Man Group**  
Lisboa. Casino Lisboa. Alameda dos Oceanos Lote 1.03.01 - Parque das Nações. 3ª, 4ª, 5ª e 6ª às 22h00. Sáb. e Dom. às 17h00 e 22h. Tel.: 218929070. 25€ a 35€. Sessões de 6ª e Sábado (22h): 30€ a 40€.  
No Auditório dos Oceanos. "How To Be A Megastar".

**João Maurílio + Marilena Paradisi**  
Lisboa. Centro Cultural de Belém. Praça do Império, às 22h00. Tel.: 213612400. Entrada livre.  
Na recepção do Módulo 1. Dose Dupla - Duos de Jazz. M/12.

**El Arranque - Orquestra de Tango**  
Com Noelia Moncada (voz). Maestro: Raul Garello.  
Lisboa. Centro Cultural de Belém. Praça do Império. 5ª e 6ª às 21h00. Tel.: 213612400. 5€ a 20€ (sujeito a descontos).  
No Grande Auditório.  
Festival Fervor de Buenos Aires. M/12.

**Milongas: DJ Negro Juan + Decarísimo**  
Lisboa. Centro Cultural de Belém. Praça do Império. 5ª e 6ª às 23h00. Tel.: 213612400. 10€.  
No Foyer do Grande Auditório. Festival Fervor de Buenos Aires.

**Mafalda Arnauth**  
Leiria. Teatro José Lúcio da Silva. R. Dr. Américo Cortez; Pina, às 21h30. Tel.: 244834117. 10€.

Informações 21 790 5155 - culturgest@bilheteira@cdg.pt - www.culturgest.pt  
Bilhetes à venda Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Bulhosa (Oeiras Parque), Lojas Abreu, Worten e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: 707 234 234

Preço único  
48€ aos 30 anos  
5 Euros



# John Taylor Trio

Piano John Taylor Baixo Palle Danielsson  
Bateria Martin France

John Taylor tornou-se gradualmente num dos mais importantes pianistas dos últimos 40 anos. John Kelman in allaboutjazz.com

**JAZZ** QUI 26 MARÇO - 21h30 - Grande Auditório - €18 - M12

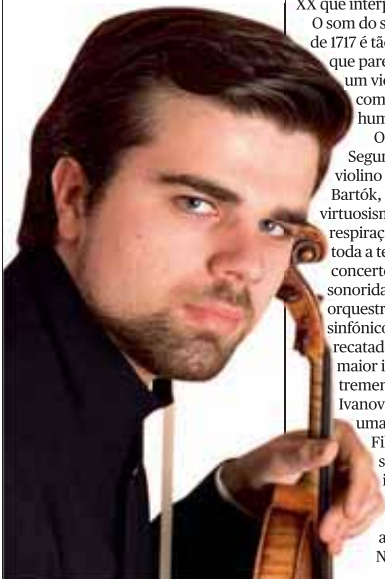
FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

**Culturgest**

Este concerto será também apresentado a 27 de Março no Teatro Viriato

# Discos

Yossif Ivanov está a caminho de se tornar num dos maiores violinistas do mundo



AMARCO MARIZ

## Clássica

### O violino mágico

Mais um disco absolutamente genial do prodigioso Yossif Ivanov, desta vez com obras para violino do repertório concertante. **Rui Pereira**

**Bartók e Chostakovitch**  
Concertos para violino  
Yossif Ivanov, violino  
Real Filarmónica da Flandres  
Pinchas Steinberg, direcção  
Ambroise AMI75

★★★★★



Uma vez mais o jovem violinista Yossif Ivanov demonstra estar no caminho ascendente e se tornar num dos

maiores violinistas no mundo e solistas do panorama clássico, desta vez com obras concertantes do século XX que interpreta de forma mágica.

O som do seu violino Stradivarius de 1717 é tão perfeito e cristalino que parece, na verdade, mágico, um violino que toca sozinho com qualidades sobre-humanas.

O disco abre com o Segundo Concerto para violino e orquestra de Béla Bartók, cenário para um virtuosismo de cortar a respiração. O violino percorre toda a tessitura ao longo do concerto e uma grande paleta de sonoridades, desde registos mais orquestrais e vigorosos, quase sinfónicos, até ambientes mais recatados, sonhadores e de maior intimidade. Neste tremendo caleidoscópio, Ivanov é acompanhado por uma surpreendente Real Filarmónica da Flandres sob a direcção imaginativa de Pinchas Steinberg, também ele um conhecedor da alquimia do violino. Na breve introdução

orquestral do Primeiro Concerto de Chostakovitch, Steinberg tece um pano de fundo sobre o qual o solista canta o ambiente nostálgico e depressivo que associamos ao compositor russo. Esta interpretação ainda consegue superar a primeira pela coesão do clima geral da obra e extraordinária cumplicidade entre orquestra e solista.

Este é, assim, um disco que confirma a excelência artística de Yossif Ivanov.

### A perfeição

Uma interpretação perfeita não só pela técnica superlativa mas também pelo poder de comunicação que transborda da primeira à última nota. **Rui Pereira**

**Tchaikovsky**  
Concerto para violino  
Janine Jansen, violino  
Mahler Chamber Orchestra  
Daniel Harding, direcção  
Decca

★★★★★



Há na forma de tocar da belíssima violinista Janine Jansen, que recentemente se apresentou em

Lisboa com a Orquestra Gulbenkian, uma sensualidade muito especial, uma capacidade de estabelecer um discurso directo com o ouvinte extraordinariamente cativante.

Essa capacidade de comunicar é uma das qualidades mais importantes para a construção de uma carreira como a que a violinista holandesa tem cimentado nos mais importantes palcos mundiais e na companhia dos mais prestigiados maestros. Foi precisamente com Valéry Gergiev que tocou pela primeira vez o Concerto de Tchaikovsky, a obra que tocou em Lisboa e que grava agora na companhia da Orquestra de Câmara Mahler, sob a direcção da recente estrela da direcção de orquestra, o maestro britânico Daniel Harding.

A gravação é verdadeiramente sublime, demonstrando uma intensidade interpretativa superlativa e uma capacidade de execução



Janine Jansen, entre a maior intensidade dramática e a simplicidade

transcendente. Jansen é capaz de oscilar entre a maior intensidade dramática ou a simplicidade de trinar uma melodia como um violino de rua, usando essa capacidade em perfeita sintonia com os requisitos das partituras. Acresce uma qualidade técnica na captação e edição do som excelente. O resultado do conjunto é muito bom, como as entradas da orquestra após as cadências revela.

O disco inclui ainda uma importante transcrição para violino e orquestra de um original com acompanhamento ao piano, "Souvenir d'un lieu cher, op.42", que vale a pena conhecer desta interpretação de Jansen. Mas dificilmente apagará a memória de uma interpretação tão intensa e tocante como é a do Concerto para violino de Tchaikovsky, um momento ímpar na discografia de violino a nível mundial.

## Jazz

### Revolução clássica

Reedição de dois registos que se tornaram clássicos absolutos do jazz, confundindo-se hoje com a sua própria história. **Rodrigo Amado**



**John Coltrane**  
Blue Train - RVG  
Edition  
Blue Note, dist. EMI

★★★★★



**Miles Davis**  
Complete  
Birth of the Cool  
Capitol, dist. EMI

★★★★★

A aura de sofisticação e elegância frequentemente associada ao universo

do jazz deve-se, em muito, a registos como "Blue Train" ou "Birth of the Cool", duas das mais influentes gravações de sempre da história do jazz. Entre os factores que contribuíram para este fenómeno, nem sempre ligados a aspectos puramente musicais, está o enorme carisma de ambos os líderes das sessões, John Coltrane e Miles Davis, que na altura se encontravam em pleno processo de revolução das bases do jazz.

Custa a acreditar que "Birth of the Cool" tenha sido gravado em 1949 e 1950, e ainda mais que "Blue Train" o tenha sido em 1957, tal a modernidade e força que ainda hoje se sente ao ouvir esta música, constituindo-se como um exemplo máximo de intemporalidade musical. Outro dos factores que terá sido decisivo para o impacto destas gravações é o nível superlativo dos músicos que nelas participaram; no caso de "Birth of the Cool", além de Miles no trompete, participam Gerry Mulligan e Lee Konitz nos saxofones, Kai Winding e JJ Johnson nos trombones ou Max Roach na bateria, entre outros, num noneto ao qual se juntam os sofisticados mas "simples" arranjos de Gil Evans. Em "Blue Train", ao saxofone de Coltrane juntam-se Lee Morgan no trompete, Curtis Fuller no trombone, Kenny Drew no piano, Paul Chambers no contrabaixo e Philly Joe Jones na bateria, numa constelação assombrosa de talento musical. Em 1949, num ano em que o ambiente musical era dominado por Doris Day, Bing Crosby ou as Andrew Sisters, Miles Davis entra em estúdio para registar uma música que viria a ser classificada como "cool jazz", um som que associa a complexidade harmónica do bop a sofisticados arranjos,

característicos das big bands, criando uma sonoridade intimista e relaxada ou, como se →



John Coltrane e Miles Davis, revolução das bases do jazz

# Hora Ípsilon

## Leia no Ípsilon, ouça na Oxigénio

102.6 FM

Todas as Sextas  
na Oxigénio às 9.00h

OXIGÉNIO 6

## Espaço Público

**Roger Quigley** é um músico inglês, dono de uma voz involgar e excelente compositor de canções que misturam na perfeição humor, amor e desespero. Numa atmosfera muito própria, um pouco etílica, é autor de vários

projectos musicais interessantíssimos que recomendo vivamente. Especialmente "At swim two birds" e "The montgolfier brothers", este em co-autoria com Mark Tranmer. Penso que se Jack Kerouac tivesse sido cantor seria assim

que soaria. "They say wine destroys the memory / what stupid fool wrote that? / When it brings your face within an inch of me / I'll raise my glass to that."  
João Semog, 39 anos, artista plástico

← convencionou desde então chamar, "cool".  
Oito anos mais tarde, John Coltrane, nascido no mesmo ano de Miles e colaborador regular do trompetista, entrava em estúdio a convite de Alfred Lion para gravar aquele que seria, surpreendentemente, o seu único registo para a editora Blue Note. Com 31 anos, o saxofonista estava em topo de forma graças a uma entrega e paixão absolutas que o impeliam a praticar incessantemente, mesmo nas situações mais improváveis. A música tocada, hard bop com arranjos para secção de três sopros, iria tornar-se a matriz

simbólica de grande parte do jazz tocado até hoje, e a intensidade, criatividade e entrega de Coltrane uma inspiração para músicos de todas as gerações.

## Pop

## A matéria dos sonhos em Fever Ray

Karin Dreijer Andersson, ou seja Fever Ray, cantora dos suecos The Knife, num álbum a solo, a não perder.  
Vitor Belanciano

**Fever Ray**  
Fever Ray  
Rabid Records, distri. PopStock

★★★★★



Os suecos The Knife, o multi-instrumentista Olof Dreijer e a irmã, a cantora Karin Dreijer Andersson,

são um dos projectos mais entusiasmantes da actualidade. Depois do lançamento do terceiro álbum, "Silent Shout" (2006), e do excelente DVD que se seguiu ("Silent Shout - An Audio Visual Experience"), onde reuniam vídeos e a gravação de um espectáculo, ficou evidenciado que na categoria de "arte pop total" são caso à parte.

Agora Karin Dreijer Andersson, enquanto o duo não finaliza uma Ópera inspirada em Darwin, resolveu lançar um álbum a solo, sob o nome de Fever Ray. Os dois videoclips já conhecidos, referentes aos singles de lançamento ("If I had a heart", do habitual colaborador Andreas Nilsson, e "When I grow up" do realizador de cinema Martin Thurah, que podem ser vistos em www.feverray.com) constituem uma boa aproximação ao imaginário enigmático do projecto Fever Ray.

Como em "Silent Shout" as letras falam de isolamento e solidão, e o som é electronicamente orgânico. Ela diz que a grande inspiração veio do nascimento do segundo filho, por o nascimento ser também momento de interrogação sobre a morte, e do filme "Dead Man", de Jim Jarmusch, pela atmosfera mental e física. Percebe-se do que fala. Como na música dos Knife, também em Fever Ray somos induzidos para um estado liminar - aquele tipo de condição em que não estamos acordados, nem adormecidos, nem a sonhar, nem em contacto com a realidade profunda, mas tudo isso também - onde existe o encanto primordial pelo não enunciado, aquele tipo de sensações que não se conseguem dizer, talvez apenas musicar.

Em algumas canções a voz de Keren Dreijer conforta, mas quando é adulterada electronicamente potencia o surgimento do horror. É uma electrónica glacial, cortante, menos dinâmica do ponto de vista rítmico que os Knife e um pouco mais introspectiva. Existe qualquer coisa de submundo aqui, sombreados a preto e branco, sugestões plásticas abstractas, mas as formas são elegantes e o som metalizado é quase transparente, uma espécie de realismo mágico que causa estranheza, num primeiro instante, para de seguida nos agarrar. Admirável.

## Eles voltam para reclamar o trono

"Invaders Must Die" ou os Prodigy de hoje são iguais aos de ontem. Mário Lopes

**The Prodigy**  
Invaders Must Die  
Take Me To The Hospital; distri. Edel

★★★★★



Num mundo em que os cruzamentos do rock e da electrónica são a norma, num mundo em que punk e techno são a pop para pista de dança de Justice ou MSTRKRFT, os Prodigy estão de volta para reclamar o trono. "Invaders Must Die", o título da obra, tem algo de cenário apocalíptico de filme sci-fi e fica-lhes bem.

Também lhes fica bem estarem no topo de quase todas as tabelas de vendas do iTunes e de terem tomado de assalto as britânicas, destronando os "eternos" Kings Of Leon (em Portugal, curiosamente, estão entalados entre os mesmos Kings Of Leon e o "Aguenta Coração Ao Vivo" daquele José Augusto que não foi campeão europeu pelo Benfica).

O esquema não mudou: batida plástica e violentamente rock em moldura electrónica. Subgraves a ressoar pelo corpo enquanto os sintetizadores expõem sem pudor uma rugosidade excessiva. MCs debitando palavras de ordem, quais oradores no púlpito de uma rave subterrânea: "Are you ready for the war!" em tom marcial; "I hear thunder but there's no rain" em sotaque de xamá de Kingston.

"Invaders Must Die" podem ser os Prodigy de hoje a afirmarem-se como os Prodigy de ontem, mas o esforço compensa: porque nesta música que é mais um ambiente específico que uma soma de canções

interessa que à potência se reúna a intencionalidade - e estes Prodigy parecem desejosos de subir a um palco e devolver ao público o inferno cyberpunk em formato rave popular que inventaram nos idos de 1990.

Pormenores? Bem, Dave Grohl replica na perfeição a batida Prodigy em "Run with the wolves", "World's on fire" está mesmo a pedir uma colaboração com Zack de La Rocha numa qualquer cerimónia de entrega de prémios e "Warrior's dance" tem oboé e um sample de voz feminina a tentar motivar a libido das massas - é de "Take me away", dos True Faith, pedaço de techno anacrónico que os Prodigy tentam salvar "sujando" a canção o mais que podem.

Listámos quatro pormenores, mas são coisa de somenos. Está tudo resumido no single "Omen": batida roqueira e linha de synth empolgante que se repete e repete e repete para que o ouvinte não a esqueça mais. Tal falta de descrição sempre foi um dos grandes talentos dos Prodigy e, nesse sentido, "Invaders Must Die" mostra que os Prodigy não perderam qualidades - chegar à nona canção, "World's on fire", achando que há nela qualquer coisa que ouvirmos antes (e há, está na canção quatro, "Colours"), faz parte do jogo. É, digamos, o quinto pormenor.

## Do Tejo para o sol da Califórnia

Fabrizio Moretti e Rodrigo Amarante conheceram-se em Lisboa, mas foi na Califórnia que compuseram um punhado de canções charmosas. Vitor Belanciano

**Little Joy**  
Little Joy  
Rough Trade, distri. PopStock

★★★★★




Tudo começou em Lisboa há quase três anos. Foi aí que o brasileiro Rodrigo Amarante (Los Hermanos) conheceu o baterista dos americanos Strokes, Fabrizio Moretti. Diz-se que terão passado a madrugada a falar, em frente ao Tejo, depois das respectivas bandas terem tocado no Festival Lisboa Soundz que decorreu junto ao rio, em Santos.

A amizade nasceu aí. Ambos eram admiradores dos correspondentes grupos - Fabrizio Moretti nasceu no Brasil, tendo ido parar a Nova Iorque aos quatro anos - e uma colaboração entre os dois desenhou-se.

Um ano mais tarde, Amarante deslocou-se a Los Angeles para participar nas gravações do álbum




Prodigy: o novo álbum tem algo de apocalíptico e fica-lhes bem.



teatro do Cornucopia

# WILLIAM SHAKESPEARE A TEMPESTADE






**De 12 de MARÇO a 26 de ABRIL**

Tradução: José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto e Luis Miguel Cintra; Encenação: Luis Miguel Cintra; Cenário e figurinos: Cristina Reis; Desenho de luz: Daniel Worm d'Assunção.

Interpretação: António Fonseca, Dinis Gomes, Duarte Guimarães, João Pedro Vaz, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luis Miguel Cintra, Mária Breia, Nuno Lopes, Paulo Moura Lopes, Pedro Lamas, Ricardo Aibéo, Rita Duro, Sofia Marques, Tiago Matias, Vitor d'Andrade e Marcos Magalhães (cravo)

De 3ª a Sábado às 21.00h, Domingo às 16.00h **TEATRO DO BAIRRO ALTO**  
R. Tenente Raul Caseais, 1A. 1250 Lisboa Telef: 213961515 / Fax 213954508  
e-mail: info@teatro-cornucopia.pt http://www.teatro-cornucopia.pt

Bilhetes à venda nas lojas Worten, Fnac, Viagens Abreu, El Corte Inglés e www.ticketline.sapo.pt

Estrutura financiada pelo  Ministério da Cultura  2009 Apoio  M/12



Little Joy são Rodrigo Amarante, de Los Hermanos, e o baterista dos americanos Strokes, Fabrizio Moretti



Boss AC criou um caleidoscópio de canções

Six Organs of Admittance junta registos dispersos e material inédito



Seun Kuti retoma a veia contestária do pai, Fela Kuti

"Smokey Rolls Down Thunder Canyon" de Devendra Banhart e encontrou Moretti nos intervalos.

Incentivados pela namorada de Moretti - a multi-instrumentista e cantora Binki Shapiro - resolveram juntar-se os três para comporem alguns temas originais. E assim nasceram os Little Joy.

Como as melhores histórias, esta é simples, e "Little Joy", o álbum, respira-o. É descontraído, insolente até, na forma relaxada como respira o ar à volta, fazendo-nos participar na sua dinâmica ociosa. São canções que absorvem o sol da Califórnia, reflectindo os pequenos prazeres da existência. Às primeiras audições, nada de especial se parece passar. Não existem propriamente canções que se destaquem, e essa acaba por ser uma das virtudes.

É um disco de subtilidades, de vocais charmosos, suportados por uma sonoridade de guitarras suaves e ritmos lânguidos, uma espécie de Vampire Weekend preguiçosos na companhia de uns Velvet Underground bebendo caipirinhas e envergando fatos de banho, sem deixarem os olhos de sol.

Há bossa nova, rock ensolarado, refrões pop muito anos 60, guitarras acústicas, algumas derivações jamaicanas e aquele tipo de insolência sul-americana que Devendra Banhart - que também dá uma mãozinha - exibia no seu último álbum.

É um daqueles discos que não quer mudar nada. Quer apenas celebrar a existência e, já agora, fazer-nos acreditar que isto vale a pena. E vale. Mesmo se, no final, canta Rodrigo Amarante, "ele vira mar / como se morrer / fosse desaguar / derramar no céu / deixar pra trás saís e minerais / evaporar."

**Boss AC**  
Preto No Branco  
Farol

★★★★☆



O álbum chama-se "Preto no Branco" e, tendo o título que tem, não perde tempo. Explica-se logo no início. Piano como tapete sonoro, uma voz feminina que há-de crescer e ver juntarem-se-lhe outras em modo gospel ("bem vindos os que vêm em paz") e, depois Boss AC anunciando-se, altivo. "Sempre a lutar" de "cabeça erguida até ao final". "Tens a minha história": "Era o preto, agora sou o Boss."

O tom está dado, o método de exposição, por esta altura, também: "Se a música é alma, a minha trago-a despida / Cada som deste álbum é uma foto da minha vida". "Preto No Branco", sucessor de "Ritmo Amor e Palavras", mantém o ecletismo que é habitual em Boss AC e aprofunda a sua visão do hip hop como espaço aberto a obrigatórias contaminações - está-lhe na natureza. Aqui, ouvem-se Valette e Praguinha (Nigga Poison), Mariza e Olavo Bilac, ouvem-se, via

sample, Vitorino e Ildo Lobo. Aqui, há r&b libidinoso e o piano Rhodes da nu-soul, há sabor a coladera caboverdeana e beats agressivos rodeados de sintetizadores em rebuliço. Em "Preto No Branco", o Boss AC que reconhecemos como um dos mais talentosos MCs nacionais - óptimo sentido de ritmo, dicção impecável - cria um caleidoscópio de canções. Obrigatoriamente, assinalamos - "cada som deste álbum é uma foto da minha vida", relembrasse.

Uma dinâmica feita de sobressaltos, saltando do motivo oriental etéreo que suporta "Estou vivo" para o ambiente tórrido da óptima "Quero também" (Boss jogando com a "coolness" sexy de Justin Timberlake); passando do espírito tutelar de Marvin Gaye na luminosidade soul de "Eu amei, eu chorei" ao AC de voz agressiva a pôr "petizes" no seu lugar (é seguir a rugosidade digital dessa "A boca diz o que quer" recitada em tom cavernoso).

**Six Organs of Admittance**  
RTZ  
Drag City, distri. Ananana

★★★★☆



"RTZ" é um objecto que fazia falta na discografia de Six Organs of Admittance, o projecto do guitarrista norte-americano Ben Chasny. Este disco duplo junta temas que estavam dispersos por registos obscuros, partilhados com os Charalambides, Vibracathedral Orchestra e Magic Carpathians, dois discos difíceis de encontrar (um deles é "Nightly Trembling", de 1999) e material inédito nunca lançado.

Agora que os Six Organs são um projecto com uma exposição que extravasa em muito o seu círculo inicial de adeptos, "RTZ" arruma o passado e mostra de que universo vem Chasny àqueles que só chegaram a ele por volta do fabuloso "School of the Flower" (2005).

Eram tempos em que Chasny, inspirado por uma certa ideia de misticismo oriental e espiritualidade sem deus definido, fazia longas peças com várias secções, pacientemente construídas e gravadas num quatro pistas. O som, apesar da remasterização de que foi alvo para este disco, mantém-se poeirento e pouco definido, limitações teóricas que se tornam em qualidades.

Atente-se em "Warm Earth, Which I've Been Told", de 2003, com 18 minutos, que começa com uma daquelas frases memoráveis que Chasny encontra na guitarra acústica e repete. A voz corre como um "mantra", enquanto, em segundo plano, há um órgão em ruminações contínuas, sinos, chocalhos e o que parece ser uma pandeireta, tudo junto num festim anárquico. Mais à frente, fica apenas o órgão e uma guitarra eléctrica dissonante até ao regresso da voz.

"RTZ" documenta tempos em que

Chasny ainda procurava a sua voz no cenário "underground" da folk que convivia com o psicadelismo e o ruído. Ouvimo-lo em "You can always see the sun" e, apesar das boas pistas, ainda encontramos um artista à procura de um fio condutor para as suas "ragas" acústicas, pontuadas por silvos de guitarra eléctrica. Nos discos mais recentes de Six Organs, esta mesma "psicadelia" é filtrada sob a forma de canções, mais concisas e eficazes.

Entre as explorações nascidas na solidão do quarto de Chasny, destaca-se "You can always see the sun" (2002), um tratado de 20 minutos ao psicadelismo solitário, burilada a partir de rendilhados acústicos e paisagens de "feedback" eléctrico. Algures no meio da peça, o "fuzz" da guitarra eléctrica entrelaça-se, com efeitos mágicos, com a "raga" acústica (na escola de Robbie Basho e John Fahey, mas menos virtuosa) e surge a voz de Chasny, um sussuro indecifrável. Um exemplo do talento bruto, ainda por limar, mas já transbordante de ideias, que "RTZ" regista para a posterioridade. **Pedro Rios**

**Seun Kuti + Fela's Egypt 80**  
Many Things  
Tôt ou Tard, distri. Massala

★★★★☆



Seun é o filho mais novo de Fela Kuti, inventor do afrobeat e figura tutelar da modernização das

músicas africanas. Agora com 27 anos, Seun candidata-se a ocupar o lugar deixado vago pelo pai (1938-1997) - uma primazia pela qual concorre com o meio irmão Femi. Vinte anos mais velho, Femi é já um artista de carreira, especializado num estilo de vulgarização competente, mas também bastante rotineira dos clichés do afrobeat. O recente "Day By Day", depois de uma ausência de sete anos, veio comprovar essa propensão para a sensaboria. Já "Many Things" é uma história bem diferente, um disco impetivoso e visceral, que faz de Seun uma espécie de reencarnação do Fela Kuti mais combustivo. Joga desde logo a seu favor a

orquestra de 18 elementos, na maior parte constituída por veteranos que acompanhavam o pai, os Egypt 80, liderados pelo saxofonista Lekan Animasahun. O som que produzem é uma espécie de quintessência do afrobeat, centrado em riffs majestosos de sopros, conjugações rítmicas musculares e sinuosas guitarras funk. A mais-velha é o próprio Seun, que retoma a veia contestatária do pai, na mesma mistura de ioruba e inglês aldrabado, para denunciar os problemas de África no novo milénio - infelizmente os mesmos, mas piores que os do tempo do seu progenitor. A semelhança com Fela, ou melhor, o Fela mais aguerrido, é tamanha, que chega a ser perturbante. E, no entanto, são diferentes, quando os temas são mais curtos (menos de 10 minutos em comparação com a média de 20 de Fela), os ritmos mais acelerados, a fonética e o discurso de Seun aproximando-se aqui e ali do hip hop. "Many Things" é um bom disco de estreia, mas não deixa de ser um derivado, quando Seun actualiza sem realmente descolar dos mandamentos do afrobeat. **L.M.**

casa da música

SUGGIA

SÁB 14 MAR

18:00 SALA SUGGIA | PAÍS TEMA BRASIL

CONCERTOS PARA VIOLONCELO  
ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO

Klaus Weisse direcção musical  
António Meneses violoncelo

Camille Saint-Saëns Concerto nº 1 para violoncelo e orquestra  
Silvestre Revueltas Sensemayá  
Heitor Villa-Lobos Fantasia para violoncelo e orquestra  
Robert Schumann Sinfonia nº 2

O brasileiro António Meneses venceu o Concurso Internacional Tchaikovski de Moscovo e ficou internacionalmente conhecido após a gravação do Duplo Concerto de Beahms sob a direcção de Karajan. O violoncelista foi responsável pela recuperação de importantes obras do repertório brasileiro, nomeadamente a Fantasia de Villa-Lobos.



casa da música



www.casadamusica.com | T. 220.120.220

# Sean Riley & The Slowriders Diário de um

“Farewell”, a celebrada estreia de Sean Riley & The Slowriders, tinha a ideia de gravar com Kim Fowley, mítico produtor de Los Angeles, autor de “The Trip”, clássico do garage rock, e personagem contra-cultural por excelência. Neste caso, a mitificação deu lugar ao pragmatismo: “Tivemos resposta positiva da parte dele, mas indo para a Califórnia, o orçamento disponível para o disco não nos permitiria conseguir o som que pretendíamos, não nos permitiria ter os músicos que queríamos que participassem”, explica Afonso.

Se quiserem saber o que se passa nos bastidores da gravação do novo álbum de Sean Riley & The Slowriders, dispensem este texto e dirijam-se ao diário que a banda mantém no seu MySpace. Eis uma recomendação que nos pareceu adequada ainda antes de irrompermos estúdio dentro para recolher uma primeira impressão sobre o sucessor de “Farewell”, um dos álbuns de destaque na discografia portuguesa de 2007. Esta, afinal, é uma banda que se construiu sobre deambulações narrativas, uma banda cujas canções são histórias com mitologias dentro: a de uma trágica Americana que transborda rock’n’roll e surge pintalgada de romantismo beatnik. Assim era “Farewell”, álbum feito de despedidas, de um seguir em frente sem perder tempo a olhar para o que se abandonava - tudo impulsionado pelo cavalgar do órgão Hammond, pela guitarra convocando folk e country para garagens poeirentas, pela voz que cantava como se fosse ela, totalmente ela naquelas canções.

Voltemos ao início. O diário. Não é normal assistir a uma mitificação rock’n’roll em tempo real. Sean Riley & The Slowriders aproveitaram a net para o fazer, inadvertidamente, e ficamos a saber de sessões de gravação que o guitarrista Bruno Simões passou esparramado no sofá, culpa de jogos de póquer prolongados até ao dia raiar. De encontros com bizarras personagens em roulettes de bifanas, que empunham facalhões enquanto ameaçam atirar pimenta aos olhos dos clientes, de corridas contra o tempo para encontrar a harmónica que salvará uma canção (ouvimo-la e sim, aquele sopro era imprescindível), de gente a aparecer pelo estúdio, como Paulo Furtado (um dos convidados no disco) ou os membros dos Born A Lion, rock’n’rollers da Marinha Grande, enquanto Nelson Carvalho, o produtor, se queixava das dificuldades em fazer o que quer que seja com a sala repleta de pessoal efusivo.

Estas histórias, passadas entre Paço d’Arcos, nos Estúdios da Valentim de Carvalho, e o apartamento de Odíveas que serviu de centro de operações da banda (os seus membros são de Coimbra e Leiria), eram a única ponte que tínhamos para o novo álbum. Uma ponte que fazia todo o sentido. A música do primeiro álbum de Sean Riley & The Slowriders, envolta em nevoeiro, tinha ambiente de madrugada e espírito rock’n’roll - mesmo se o rock’n’roll não se declarava com a excessividade habitual (digamos que

era música de cantautor, amplificada e eletrificada).

Daí para cá, algo mudou. Dizem-nos as novas canções, confirma-o Afonso “Sean Riley” Rodrigues ao afirmar que a intenção primeira passava por gravar um “álbum maior”. Ou seja, com “coros e secções de cordas, com uma série de arranjos enriquecedores que não tínhamos antes”.

## Uma “banda gangue” à antiga

Eis-nos então no estúdio de Paço de Arcos, quando a noite já desceu sobre a cidade. Subíramos pelos corredores e pela história dos corredores, exposta através de velhas mesas de mistura ou teclados vintage. A iluminação que pouco ilumina denuncia a actividade reduzida no edifício, àquela hora. Abre-se a pesada porta que dá entrada para o estúdio. Lá dentro, o produtor Nelson Carvalho e Pisco, o novo baterista da banda (no passado, pertenceu aos shoegazers Phase ou aos All Star Project), estão debruçados sobre a mesa de mistura. Saíndo da sala de gravação, depois de fazer um take de voz, vemos Afonso Rodrigues. E espalhados pelo local, sinais de devoção à música popular urbana. Uma revista “Uncut”, aberta em páginas dedicadas aos 13th Floor Elevators, e um portátil exibindo um documentário sobre JJ Cale (“uma pechincha a 5 euros na Worten aqui a lado”, diz Afonso).

Sobre os botões da mesa de mistura, um pequeno cavalo de brinquedo, com sela de velho Oeste, controlando as operações. Pisco há-de dizer-nos que está ali como figura tutelar e inspiradora - a cultura musical americana concentrada num equídeo de plástico. Tira-lhe uma foto com o telemóvel e ameaça propô-la como capa do novo álbum, com edição prevista para Maio, cuja gravação se aproxima do final - Filipe Costa e Bruno Simões estão ausentes porque o seu papel na gravação está terminado, Afonso e Pisco cuidam com Nelson dos pormenores finais.

Será um disco diferente da estreia. Como o diário ilustra, Sean Riley & The Slowriders são agora, romantizemos, uma “banda gangue” à antiga e isso teve consequências. Houve a entrada de Pisco, baterista que permitirá a Filipe Costa, que até agora acumulava as funções de teclista e percussionista, concentrar-se no seu instrumento base. E houve uma ideia de álbum construída de raiz, contraponto a esse “Farewell” criado a partir das canções que Afonso “Sean Riley” Rodrigues acumulara ao longo do tempo.

## Brilho na escuridão

“No primeiro álbum”, diz-nos, “eu e o Filipe [Costa] assumimos a opção de o termos como teclista-baterista. Nesta altura, como já sabíamos que teríamos um baterista, as canções já tinham isso em conta, tal como já tinham em conta o desejo que tinha de fazer um álbum ‘maior’”. Maior significa a brisa californiana que atravessa “Houses & wives”, canção de uma melancolia pintada com textura de Super 8, guiada pelo stomp da bateria, pelo baixo pulsante e pelo “pretty girl, the world is going insane” ouvido algures. Maior é “Yellowstone” e a imagem que convoca de um Neil Young tocando harmónica em fervilhante “hit” garage de 1968. Maior, resumindo, é este som mais cheio e pormenorizado que irradia um brilho, digamos, clássico. Era isso que procuravam Afonso Rodrigues, Filipe Costa e Bruno Simões, os fundadores da banda. Por isso puseram de parte a

ideia de gravar com Kim Fowley, mítico produtor de Los Angeles, autor de “The Trip”, clássico do garage rock, e personagem contra-cultural por excelência. Neste caso, a mitificação deu lugar ao pragmatismo: “Tivemos resposta positiva da parte dele, mas indo para a Califórnia, o orçamento disponível para o disco não nos permitiria conseguir o som que pretendíamos, não nos permitiria ter os músicos que queríamos que participassem”, explica Afonso.

Aqui, tiveram Nelson Carvalho, a caminho de mítico produtor português, tiveram o Faith Gospel Choir onde encontramos Selma Uamusse, dos Wray Gunn, tiveram Paulo Furtado, Filipa Cortesão (violonista dos Belle Chase Hotel) e Pedro Vidal (dos Blind Zero e dos Demitidos, a banda suporte de Jorge Palma). E ainda Paul Hall, percussionista dos Cornershop que tocará algures tablas indianas.

O que temos, por agora, é isto: um álbum cuja base foi gravada “live on tape” e que nasceu em 15 dias, num regime de nove horas em estúdio seguidas de imprescindível descontração rock’n’roll. “A simplicidade que se cria em quinze dias é maior que a que terão muitos músicos com vários anos de estrada, mas que tocam juntos, arrumam as suas coisas e vão para hotéis separados”. Tal rotina é para eles inconcebível.

Em “Farewell”, acompanharam as movimentações de solitários em fuga de qualquer coisa. Iluminaram-lhes o caminho, mas apenas o suficiente para que lhes apercebésemos os contornos. Agora, pelo que ouvimos, não têm contemplos. Revelam-se e revelam-nos totalmente. Pode ser que continuem envolvidos em nevoeiro e mistério, mas vêem brilho na escuridão.

**Saindo da sala de gravação, depois de um take de voz, vemos Afonso Rodrigues. E espalhados pelo local, sinais de devoção à música urbana. A “Uncut”, aberta em páginas dedicadas aos 13th Floor Elevators ...**



# Néon

# *The Slowriders* o álbum “maior”

o ambiente de madrugada e era povoado de solitárias personagens em fuga.  
e com coros, secções de cordas e um som mais pormenorizado,  
o Ípsilon apanhou-os em estúdio, no final do processo. *Mário Lopes*



# quarteto talich

mar'09

**16** 19h00 + **18** 19h00  
grande auditório

quartetos para cordas de  
**mendelssohn**

dia 16: quartetos 1, 3 e 6  
dia 18: quartetos 2 e 5



temporada  
**gulbenkian**  
de música 08'  
09'

venda de bilhetes:  
[www.musica.gulbenkian.pt](http://www.musica.gulbenkian.pt)

## 7º Workshop da Orquestra Gulbenkian para Jovens Compositores Portugueses

**joana carneiro** maestrina

mar'09

**19** 19h00 + **20** 19h00  
grande auditório

dia 19 às 18h00 no auditório três  
pré-concerto: encontro com os compositores  
**joana carneiro** moderadora

dia 19

**luís tinoco, vanessa valério, joão antunes, silvia mendonça,  
magnus lindberg**

dia 20

**constança capdeville, nuno jacinto, sofia sousa rocha,  
diogo alvim, anton webern**



## Concertos Comentados da Orquestra Gulbenkian

### O carnaval dos animais saint-saëns

Brincadeiras orquestrais  
r. chtchedrin

**orquestra gulbenkian**  
**osvaldo ferreira** maestro  
**catarina molder** comentadora

mar'09

**27** 19h00 + **28** 16h00  
grande auditório

para a Família (maiores de 6 anos) | € 5

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

**Descobrir**  
[www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt)  
[descobrir@gulbenkian.pt](mailto:descobrir@gulbenkian.pt)



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
Serviço de Música

em parceria com

ANTENA 2